



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

POSIÇÕES DE SUJEITO DA MULHER E DO HOMEM EM
TEXTOS DE SEDUÇÃO E CONQUISTA: MACHADO DE ASSIS,
PLAYBOY E OS BLOGS MASCULINOS

Thaise Silva Ferro Gomes Alves

MANAUS-AM
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

THAISE SILVA FERRO GOMES ALVES

POSIÇÕES DE SUJEITO DA MULHER E DO HOMEM EM
TEXTOS DE SEDUÇÃO E CONQUISTA: MACHADO DE ASSIS,
PLAYBOY E OS BLOGS MASCULINOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Martins de Souza.

MANAUS-AM
2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Alves, Thaise Silva Ferro Gomes

A474p POSIÇÕES DE SUJEITO DA MULHER E DO HOMEM EM
TEXTOS DE SEDUÇÃO E CONQUISTA: Machado de Assis,
Playboy e os blogs masculinos / Thaise Silva Ferro Gomes Alves.
2017

113 f.: 31 cm.

Orientador: Luiz Carlos Martins de Souza

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Análise do Discurso. 2. Michel Pêcheux. 3. Posição sujeito. 4.
Feminismo. 5. Masculinidade. I. Souza, Luiz Carlos Martins de II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

THAISE SILVA FERRO GOMES ALVES

POSIÇÕES DE SUJEITO DA MULHER E DO HOMEM EM
TEXTOS DE SEDUÇÃO E CONQUISTA: MACHADO DE ASSIS,
PLAYBOY E OS BLOGS MASCULINOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Martins de Souza.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos Martins de Souza – Presidente
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Fábio Magalhães Candotti – Membro
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof^a. Dra. Claudiana Nair Pothin Narzetti Costa – Membro
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Para José Heitor e Tércio Henrique

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação só foi possível porque em todo o processo, desde a entrada ao programa de pós-graduação em Letras da Ufam, até esses momentos finais, contei, substancialmente, com apoio direto ou indireto das pessoas e instituições aqui destacadas.

Ao Dr. Daisaku Ikeda, filósofo humanista, escritor, atual presidente da organização budista Soka Gakkai Internacional (SGI), meu primeiro orientador e mestre da vida. Por vislumbrar, através de seus diálogos e orientações, uma nova era mundial liderada pelas mulheres.

Aos meus pais, Benício Olímpio e Maria do Amparo, pela formação educacional que me proporcionaram e pela relação que construímos, cada um ao seu modo, nesse percurso de vida que foi de fundamental importância para a minha formação pessoal.

Aos meus filhos, pela colaboração, paciência, compreensão nas ocasiões em que estive ausente de suas rotinas e, principalmente, por serem o motivo maior da minha resiliência nos momentos mais difíceis desta caminhada.

À Ana Patrícia, pelo sorriso no primeiro dia de aula do mestrado. Pelo ombro, pelos ouvidos, pela paciência, pelas verdades, nos dias em que se seguiram difíceis. Pela casa, a comida, a poltrona oferecida nos momentos de cansaço. Pelos passeios, conversas e risos nos dias de tédio. Pelas contestações, discussões e afirmações sobre a Análise do Discurso. Por acreditar e me incentivar nas horas desespero. Por me emprestar “mainha” e “painho” quando necessitei de apoio. Por existir na minha vida.

Aos professores, todos, que no processo de ensino, orientação e diálogo foram, desde a graduação, na Universidade Federal do Piauí, os grandes motivadores para as minhas práticas educacionais, acadêmicas e de pesquisa.

Ao programa de pós-graduação em Letras, pelas instruções oferecidas e apoio institucional durante todo o processo até aqui.

À CAPES, pelo subsídio financeiro concedido ao longo do ano de 2015.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Martins de Souza, orientador, pela paciência, pelas discussões (em todos os sentidos) e pelo apoio pessoal.

A todos os demais envolvidos...

Muito obrigada!

[...] eu advogo em nome do meu sexo, não por mim mesma. Há muito tempo considero a independência a grande bênção da vida, a base de toda virtude; e tal independência quero garanti-la sempre, pela contenção de minhas necessidades, ainda que eu vá viver em uma terra deserta.

(Mary Wollstonecraft)

RESUMO

Ao longo de dois séculos o papel da mulher na sociedade foi mudando consideravelmente e permanece em mudança até os dias de hoje. No entanto as concepções de mulher como objeto de conquista masculina no século XXI parecem ocupar os mesmos lugares mesmo após os movimentos feministas instaurados no final do século XIX e início do século XX. Com isso, este presente trabalho tem como objetivo geral analisar as posições sujeitos que se entrecruzam em manuais de sedução; como objetivos específicos, observar como as significações dessas posições femininas (re) significam as posições sujeito masculinas e perceber nas significações femininas posições discursivas do sujeito feminino como objeto de conquista desde os movimentos feministas. Desta forma, usamos um recorte histórico que vai desde o século XIX, analisando a obra *Queda que as mulheres têm para os tolos* de Machado de Assis (1861), matérias que abordam o tema da sedução e conquista publicadas na Revista Playboy da década de 90 e manuais de técnicas de sedução publicados em blogs masculinos (atualidade). Para tanto, utilizou-se dos pressupostos teóricos metodológicos da Análise do Discurso francesa desenvolvidas por Michel Pêcheux. O que permitiu chegar às seguintes conclusões: a conquista é o lugar de disputa em que o sujeito masculino utiliza como espaço de autoafirmação da sua masculinidade; a mulher o objeto utilizado para esse fim, mesmo dada a sua emancipação, as posições sujeito que tendem a ocupar no discurso masculino é de inferioridade; a medida que o homem significa a mulher em seu discurso esse tende a se ressignificar com a imagem que tem do feminino e isso o leva sempre para o distanciamento da mulher, e, finalmente, a reflexão de que conhecer as estruturas que regulam as práticas de submissão e dominação deve possibilitar a desconstrução dos cânones dessa prática e possibilitar a instauração de novos paradigmas para a construção de relações igualitárias entre homens e mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Michel Pêcheux. Posição sujeito. Textos de sedução e conquista. Feminismo. Masculinidade.

ABSTRACT

Over the course of two centuries the role of women in society has changed considerably and remains changing to the present day. However, conceptions of women as objects of male conquest in the 21st century seem to occupy the same places even after the feminist movements established in the late nineteenth and early twentieth centuries. With this, this present work has as general objective to analyze the subject positions that intersect in seduction manuals; As specific objectives, to observe how the meanings of these feminine positions (re) mean the masculine subject positions and to perceive in feminine significations discursive positions of the female subject as object of conquest since the feminist movements. In this way, we use a historical clipping that goes since the 19th century, analyzing the work *Fall that women have for the fools* of Machado de Assis (1861), matters that approach the theme of seduction and conquest published in *Playboy* magazine of the 90's And manuals of seduction techniques published in masculine blogs (actuality). For this purpose, the theoretical methodological assumptions of the French Discourse Analysis developed by Michel Pêcheux were used. This led to the following conclusions: conquest is the place of contention in which the masculine subject uses as a space for self-affirmation of his masculinity; The woman the object used for this purpose, even given its emancipation, the subject positions that tend to occupy in the male discourse is of inferiority; As the man means the woman in his speech, this tends to resignify itself with the image that it has of the feminine and this always leads to the estrangement of the woman, and, finally, the reflection that to know the structures that regulate the practices of submission and domination must enable the deconstruction of the canons of this practice and enable the establishment of new paradigms for the construction of egalitarian relations between men and women.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Michel Pêcheux. Subject position. Texts of seduction and conquest. Feminism. Masculinity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise do Discurso

CP – Condições de Produção

FD – Formações Discursivas

FI – Formações Ideológicas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FEMININO, FEMINISMO E A CRISE DA MASCULINIDADE: UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA	17
2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	23
2.1 A Ideologia	25
2.2 O Sujeito	30
2.3 O Discurso	33
2.4 Critérios Metodológicos em AD	36
2.5 Textos sobre sedução e conquista como objeto de análise	37
2.6 O movimento de interpretação na AD	41
3 DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO – A ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	43
3.1 <i>Queda que as mulheres têm para os tolos</i> – a naturalização dos sexos	44
3.2 A Revista <i>Playboy</i> nos contornos do deslocamento da masculinidade	61
3.3 <i>Manuais de técnica de sedução</i> publicados em <i>blogs</i> masculinos – O século XXI e a crise da masculinidade	67
CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	84
ANEXO – A: MACHADO DE ASSIS (1859). <i>Queda que as mulheres têm para os tolos</i>. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.	87
ANEXO – B: <i>Playboy</i>, ano XXVII, n. 195, out. 1991, p. 85 – 152 e 153	95
ANEXO – C: <i>Playboy</i>, ano XXV, n. 292, nov. 1999, p. 188	98
ANEXO – D: Manual de sedução do <i>blog Atitude de Homem</i>	102
ANEXO – E: Como conquistar uma mulher em 15 minutos por Eduardo Santorini	104
ANEXO – F: Manual de sedução do <i>blog Atitude de Homem</i>	108
ANEXO – G: Como ficar com as mulheres mais gatas da festa	111

INTRODUÇÃO

O desejo por esta pesquisa veio de reflexões em torno do lugar que a mulher ocupa no discurso do homem conquistador. Seja para “namorar ou casar com uma mulher”, “cortejar”, “pegar a mina da balada” ou “conquistar a mulher dos sonhos”, seja para “convidar uma mulher para jantar” ou “levar uma mulher para a cama”, o homem tem atribuído significados ao significante *mulher* nos mais diversos textos que tratam de sedução e conquista e que circulam socialmente.

Nesse contexto, qualquer um que, no intuito de obter ou melhorar habilidades em “conquistar mulheres”, faça uma busca rápida na *internet* envolvendo as palavras “mulher”, “sedução” e “conquista” tem à mão uma infinidade de *blogs* e *sites*, textos diversos, vídeos e livros com diferentes estratégias que o coloquem diante do seu objeto de desejo. Bem como, desde tempos, a literatura através de diversos textos em prosa ou poéticos nunca deixou de significar a mulher e o homem no que se refere à conquista e sedução, tais como Ovídio, no século I a.C., com *A arte de amar* ou Machado de Assis (1861) com *Queda que as mulheres têm para os tolos* entre tantos outros no decurso de muitos séculos.

Pensando sobre esses aspectos, muito embora a mulher tenha conquistado lugares sociais expressivos desde os primeiros movimentos feministas instaurados no final do século XIX, as concepções do significante *mulher*, assim como, o sujeito mulher como objeto de conquista dos homens, parecem ainda ocupar os mesmos lugares no século XXI. O fato é que, em torno das motivações que suscitaram esta pesquisa, buscamos refletir, também, em torno dos enunciados que indicam a busca por uma “mulher ideal”, uma “mulher para passar a noite” ou “uma mulher para casar”, em que o homem também ocupa diferentes posições de sujeito, que o desloca de “homem tímido” para “homem de atitude” ou “macho alpha”, por exemplo. E tais posições vão re-significando esse sujeito masculino enquanto significa o sujeito feminino.

Dentro de um contexto histórico-social das relações de gênero, em oposição à feminilidade, a questão da masculinidade ganha, também, uma proporcional relevância no final do século XIX. Masculinidade e feminilidade assumem lugares de disjunção, mas que encontram ligações quando colocados frente a frente tal como um espelho opositor, ou seja, aquilo que um tem o outro não possui, e é nesta relação opositiva que ambos os termos vão

encontrando ou deslocando sentidos. Portanto, a pesquisa aqui registrada teve como objetivo geral analisar as significações em torno do sujeito feminino, como objeto de conquista do sujeito masculino, recorrendo-se a materialidade linguística e histórica constitutivas dos textos de sedução e conquista, além de categorizar as posições sujeito encontradas em tais textos.

Ressaltamos que as bases teóricas arroladas nesta pesquisa compõem o estudo e a observação no movimento de descrição e interpretação do material linguístico em análise. Desta forma, o contexto em que este trabalho se desenvolve não nos leva para o domínio de uma abordagem teórica que a insira, restritamente, dentro de posicionamentos de caráter feminista.

As abordagens sobre este tema são necessárias para inscrever uma delimitação histórica do que se deseja observar, assim, a instauração de movimentos feministas no cenário da História é, como veremos adiante, o ponto de partida dos debates sobre a condição da mulher em relação ao homem. E, no que diz respeito a este estudo, o ponto de entrecorte.

Ainda no que dizer respeito aos embates em torno da submissão da mulher, destacamos que Mill (2006, p. 15), no século XIX, já afirmava, em *A Sujeição das mulheres*¹, que “o princípio que regula as relações sociais existentes entre os sexos – a subordinação legal de um sexo a outro – está errado em si mesmo, e, portanto, é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento humano”. Por isso, acreditamos que, avançar, mesmo pouco, no que diz respeito a diminuir os abismos teóricos e de compreensão dessas relações, é uma contribuição de fundamental importância para o saber científico nas áreas sociais, pois está intimamente relacionada ao progresso da humanidade.

Desta maneira, estudos que nos embasaram referente as discussões sobre as relações de gênero dialogam com as produções teóricas feministas ligadas à *Corrente Igualitária*, que teve como primeira expoente Mary Wollstonecraft (1759-1797), difundindo o ideal de igualdade entre homens e mulheres nos direitos políticos e civis; e à *Corrente Queer*, exposto por Judith Butler (2015), que difundiu suas discussões em torno do conceito de gênero ligado à questão da performatividade.

¹ *A Sujeição das Mulheres* é uma das obras mais importantes de John Stuart Mill, publicada em 1869, representa seu pensamento em favor de direitos igualitários para as mulheres. Neste ensaio, defende uma forma de igualdade baseada na consciência das diferenças entre homem e mulher, subvertendo a ideia de inferioridade entre os gêneros. Para o século XIX, sua obra foi, realmente, um feito inédito.

De todo modo, esta pesquisa situa-se na área da Linguística e está diretamente relacionado com as teorias da Análise do Discurso Materialista (doravante AD), fundada por Michel Pêcheux, filósofo francês. De forma que, nela encontramos os fundamentos primordiais para este trabalho, bem como, nos estudos delineados por Eni Orlandi, teórica que se ocupou de consolidar a Análise do Discurso no Brasil, além de pesquisadores da área, tais como: Brandão (2002), Fernandes (2008), Souza (2006) e Martins de Souza (2012).

Tais motivações podem ser desmembradas em algumas inquietações, assim organizadas: primeiro, em relação às questões sócio-históricas da posição sujeito que a mulher ocupa em relação ao sujeito homem observadas a partir dos primeiros movimentos feministas; depois, na necessidade de analisar como o sujeito masculino tem dado significação a si mesmo, e ao sujeito feminino, nas relações de conquista ao longo do tempo e, que, por fim, nos levou a refletir em como as posições de sujeito masculino e feminino se entrecruzam dentro de materialidades discursivas.

Procuramos pensar, inicialmente, sobre as questões em torno da relação de conquista e poder pertinentes às relações humanas, contemplando um olhar incisivo para os conflitos e relações existentes entre o feminino e o masculino. Isso nos levou a escolha de um objeto linguístico que materializasse tais relações de gênero – textos de sedução e conquista, utilizando a AD, através de seus pressupostos teóricos e procedimentos para descrição e análise dos textos em questão.

Chegamos aos textos de sedução e conquista, como materialidade discursiva presente em uma linguagem cotidiana. Como se vê, não se trata de observar os mecanismos de funcionamento do discurso nas grandes obras, mas no ordinário da linguagem. Isso se deve ao “efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure” que indicou o desafio de provocar uma revolução cultural, ao questionar “as evidências da ordem humana como estritamente bio-social” (PÊCHEUX, 2008, p. 45).

Pêcheux (2008, p. 48) afirma, em *O Discurso estrutura ou acontecimento*, que o movimento surgido na França, após o estruturalismo, vem de um grosso ressentimento frente as teorias que pretenderam discutir “em nome das massas”, porém causaram alargadas sucessões de “gestos simbólicos ineficazes e performativos políticos infelizes”. Dessa forma, urge voltar o olhar para o que está realmente *em baixo*, “nos espaços infraestatais que constituem o ordinário das massas, especialmente em período de crises”. Arremata o autor, dizendo que:

[...] em história, em sociologia e mesmo nos estudos literários, aparece cada vez mais explicitamente a preocupação de se colocar em posição de entender esse discurso, a maior parte das vezes silencioso, da urgência às voltas com os mecanismos de sobrevivência; trata-se para além das leituras dos Grandes Textos (da Ciência, do Direito, do Estado), de se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido [...] (PÊCHEUX, 2008, p. 48).

O material em questão são os *manuals de sedução* de circulação em *sites* e *blogs* da atualidade, que têm como alvo o público masculino e apresentam dicas de conquista e sedução de mulheres. Compondo, ainda, o *corpus* deste estudo, selecionamos, dentro de uma inscrição histórica correspondente aos nossos objetivos de pesquisa, a obra *Queda que as mulheres têm para os tolos*, de Machado de Assis (1864) e as edições de nº 195 (1991) e nº 292 (1999) da *Revistas Playboy* que contêm matérias sobre conquista e sedução.

Ao esboçarmos os conceitos em torno da AD, imprescindível se fez, percorrermos os campos das ciências sociais que ancoram esta pesquisa, tais como as teorias ligadas à sociologia, à filosofia, à história. Por esse motivo, outros dispositivos teóricos serão, ao longo desse estudo, expostos e manuseados juntamente com a apresentação e interpretação do material analisado. Bem como, para realizar uma análise significativa que alcançasse conhecimentos em torno do desejo e conquista, atrelamos aos estudos sobre o discurso, as contribuições teóricas da Psicanálise lacaniana no que diz respeito à relação sujeito objeto. Promovendo, portanto, por meio de suas teorias, uma discussão em torno das principais implicações sobre o desejo e o objeto desejado.

Na formulação deste estudo, realizamos a atividade de interpretação da leitura dos textos sobre o tema proposto, acompanhada de uma análise bibliográfica comparativa e que tornou claras as teorias existentes como métodos necessários ao fim do que buscamos alcançar. O levantamento da hipótese – o sujeito mulher ocupa os mesmos lugares no discurso do sujeito homem mesmo após a instauração dos movimentos feministas – contribuiu para, inicialmente, nortear a problematização do tema e buscar os sujeitos que iriam compor a ação desta pesquisa, quais sejam, a fundamentação teórica, o objeto de estudo e os critérios metodológicos adotados. O levantamento de uma hipótese é um passo importantíssimo na configuração da pesquisa científica, auxiliando na demarcação do campo por onde se deseja pesquisar e dando os parâmetros de se chegar a uma comprovação ou não do argumento proposto (OLIVEIRA, 2012).

Para fins de metodologia, adotamos o critério de abordagem qualitativa, pois atende às expectativas interpretativas do que buscamos. Em Oliveira (2012), temos que a abordagem qualitativa possui como procedimento refletir e analisar a realidade através de metodologias que compreendam o objeto de estudo em determinado contexto histórico e conforme a estruturação desse. Isso nos leva para processos de estudos baseados na literatura em que o tema se insere, e na análise do *corpus*, que deve ser apresentado por meio de descrições (OLIVEIRA, 2012).

Tendo definido como procedimento metodológico a abordagem qualitativa dos dados coletados, como já exposto, passamos a determinar que caminhos seguir em relação aos objetivos que pretendemos alcançar. Desta forma, dividimos esta pesquisa em três momentos, distinguidos por Oliveira (2012) como: pesquisa exploratória, por compor um esclarecimento geral sobre a AD, seus conceitos e fundamentos teóricos, além de delimitar o campo de análise por meio da seleção de um *corpus*; pesquisa bibliográfica, devido ao fato de entrarmos diretamente em contato com o material de leitura e análise que tratam do tema proposto e, por último, pesquisa documental, caracterizada pela investigação das informações em documentos que não sofreram olhar científico sobre eles, no nosso caso, textos que trazem como tema conquista e sedução.

Os capítulos deste trabalho de pesquisa têm organização baseada nos critérios da AD materialista, conforme orientações próprias de Pêcheux (2008), ou seja, uma alternância entre descrição e interpretação. Encontra-se, nessa introdução, uma breve contextualização e problematização em torno do tema da pesquisa, seus objetivos e justificativa desta pesquisa. No primeiro capítulo fizemos um breve histórico dos movimentos feministas e das abordagens em torno da masculinidade, bem como apresentamos o conceito de gênero do qual tratamos na contemporaneidade.

No capítulo seguinte, expomos os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam as análises. No que compreende a metodologia adotada em AD, mostramos os movimentos em torno da descrição dos dispositivos analíticos, da apresentação detalhada do *corpus* e os recortes necessários.

O terceiro capítulo está organizado conforme as etapas de análise descritas por Orlandi (2013), em que se faz a dessuperficialização da materialidade linguística, aplicando o processo de desconstrução do texto e a observação dos processos de formulação dos sentidos nos registros discursivos, ou seja, os efeitos de sentidos que, materializados nos objetos

discursivos ali presentes, estão tanto no interior do texto como no seu exterior. Nesse ponto da pesquisa, retornamos ao dispositivo teórico com vistas aos diferentes recortes no *corpus*, compondo um trabalho de *batimento* entre descrição e interpretação e dando visibilidade à leitura psicanalítica lacaniana das relações de significação e identificação entre o sujeito masculino e feminino.

Nas considerações finais, apresentamos as formações discursivas que regulam a prática do discurso em torno da conquista e sedução de mulheres e os embates em torno das formações ideológicas em que estão submersas as discursividades analisadas. A partir daí, propomos também, uma reflexão acerca das relações de gênero no que concerne à feminilidade e à masculinidade.

1 FEMININO, FEMINISMO E A CRISE DA MASCULINIDADE: UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA

Os primeiros passos rumo aos movimentos de luta das mulheres contra a dominação masculina datam do final do século XVIII com a Revolução Francesa. O cenário europeu da segunda metade do século estava sendo configurado pelo capitalismo industrial e as grandes transformações econômicas e sociais trazidas por esse desenvolvimento. Nesse contexto, como esclarece a socióloga Maria Lygia Quartim de Moraes (2016)², nas rodas de discussões sobre a abolição da escravidão e direitos emancipacionistas da humanidade, alguns filósofos e pensadores, ligados à cultura iluminista, já discutiam sobre a participação das mulheres nas decisões políticas.

Nesse contexto, Condorcet (1743-1794), filósofo e matemático francês, foi um dos poucos homens que publicamente defenderam a inclusão das mulheres na Assembleia Constituinte, quando apenas aos homens era concedida a prerrogativa de falar sobre os direitos femininos. Somou sua voz as teses da inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) que divulgou suas ideias e ideais de igualdade na *Reivindicação dos direitos da mulher* e com isso marcou o início do feminismo no cenário mundial (MORAES, 2016). Seguido desse marco histórico, na França, Olympe de Gouges (1748-1793)³, organizou a *Declaração dos direitos das mulheres e da cidadã* (1791), escrito esse que deu margem ao início das discussões públicas sobre a igualdade entre homens e mulheres (MILL, 2006).

Embora os séculos seguintes tenham sido marcados por idas e vindas nos debates relacionados à emancipação feminina, o século XXI se apresenta como o momento em que as

² No prefácio de *Reivindicações dos Direitos das Mulheres* de Mary Wollstonecraft (1759-1797), publicado pela editora Boitempo em 2016.

³ Aproveitando o momento de revolução, Olympe de Gouges elabora, uma versão claramente feminizada da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* de 1789. Ela aparece em público para gritar os direitos igualitários entre os sexos, e, vai além, denunciando as injustiças do Antigo Regime e do Novo contra os oprimidos socialmente – mulheres, negros, mães solteiras, filhos fora do casamento, prostitutas, desempregados – e indicando medidas que pudessem incluir tais grupos na sociedade. Sob o cadafalso em 02 de novembro de 1793, dois anos após sua declaração, é julgada e condenada à morte. Antes de morrer, conclama: "a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna." Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/olympede-gouges-mulheres-e-revolucao>>. Acesso em: 12.11.2016.

mulheres desfrutam, notoriamente, de um espaço muito mais significativo na sociedade, quando comparados aos espaços sociais que os homens sempre ocuparam. Contudo, os temas relacionados às questões femininas, no que concerne à busca de direitos iguais, carregam fortes concepções ideológicas fincadas, ainda, na diminuição da relação sócio-histórica da submissão da mulher em relação ao homem. No entanto, outro aspecto que se observa em decorrência dos movimentos de emancipação da mulher, diz respeito à masculinidade, pois o homem, presenciando o deslocamento da mulher do seu papel de submissão em diversos campos sociais, se vê destituído do seu papel de dominador. Tal situação o leva a atravessar uma “crise” em relação às estruturas sociais que fundamentam e asseguram a sua masculinidade.

O feminismo no Brasil tem seu marco histórico com Dionísia Gonçalves Pinto, nascida no Rio grande do Norte em 1810. Adotando o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, escreveu em 1831 *Espelho das Brasileiras*, publicação de artigos denunciando as condições femininas nas diferentes culturas. No ano seguinte, escreveu *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832) versando sobre direitos femininos à educação e ao trabalho. Neste livro cita Mary Wollstonecraft, porém adequando a tese da autora inglesa ao contexto das mulheres brasileiras. A obra fundamentou, posteriormente, o feminismo no Brasil e na América Latina (ROCHA, 2009).

Nísia era educadora e difundia a ideia de que somente por meio da educação seria possível que as mulheres alcançassem um papel social significativo no cenário político. Durante anos publicou diversos livros abordando sobre o tema da emancipação feminina, alguns bastante consagrados, tais como *Conselhos à minha filha* (1842), o qual dedicou a sua filha Lívia e que foi traduzido para o italiano e o francês. Sua luta em torno da inclusão da mulher nas decisões públicas tiveram uma repercussão tão alargada que o Rio Grande do Norte foi o primeiro estado a aprovar o sufrágio feminino no ano de 1927 e, também, neste mesmo ano, foi garantido por lei a admissão de mulheres em escolas elementares.

No cenário europeu do final do século XIX e, posteriormente, configurando-se como um saber coletivo difundido mundialmente, surgem os primeiros estudos sobre a histeria feminina, a partir dos primeiros casos analisados pelo médico psicanalista Sigmund Freud (1856-1939). Tratava-se a histeria como um sintoma da condição de repressão do desejo feminino. Essa coibição surgiu desde a institucionalização da família burguesa, que restringiu a sexualidade da mulher ao casamento e a reprodução, e a tornou detentora dos espaços sociais

privados, cuidando do lar, dos filhos e do marido. Bem como atribui ao homem a posição de regulador, controlador e administrador da vida desta mulher, que lhe foi passada pelas mãos do pai.

Tais estudos, no início do século XX lançaram luz aos problemas causados pela submissão e dominação do corpo da mulher que por tanto tempo a resignaram ao corpo biológico reprodutor. Sendo ouvidas por Freud, foram ganhando também voz e alcançando a possibilidade de reconhecer-se como sujeitos da sua identidade no momento em que a sua sexualidade deixa de ser tão somente reconhecida como objeto do desejo masculino. No entanto, posteriormente, os conhecimentos trazidos por Freud contribuíram para estabelecer na mulher a função de esposa e mãe, quando a colocou como faltosa do pênis e desejosa desse, e a fez ainda mais declinada em relação a uma determinada força masculina (ROCHA, 2009).

Ainda que os conhecimentos sobre a sexualidade feminina tenham tomado esses rumos e nos levado para esse panorama de desigualdade em muitos aspectos, foi nesse cenário que primordialmente se deu a união entre o conhecimento do feminino junto com a psicanálise e que fez com que a partir de então, surgisse o embrião das discussões em torno de uma concepção de gênero que abarcasse não somente o masculino (ROCHA, 2009; MORAES, 2016;).

Foram preciso mais de 150 anos, desde a *Reivindicação dos direitos da mulher* de Mary Wollstonecraft, para que novamente se colocassem diante da sociedade debates relacionados a condição da mulher. Mesmo que no século XVIII as discussões em torno desse tema tenham sido fomentadas por questões políticas, as teses e ideias sobre as questões femininas tiveram seu mote sustentado pela busca da igualdade entre homens e mulheres. E portanto, ainda alavancados por esses pontos, foi que em 1949 surge a célebre expressão cunhada por Simone Beauvoir (1908-1986) em sua obra *O Segundo sexo*: “não se nasce mulher, torna-se mulher”, e vem a ser a primeira bandeira a ser hasteada e fíncada na sociedade delimitando o início do feminismo contemporâneo.

Simone Beauvoir ganha força no cenário mundial discutindo sobre a condição da mulher, ao mesmo tempo em que é hostilizada por muitas delas. Quebrando os grilhões de uma formação patriarcal e burguesa, contesta o papel de esposa e mãe e atribui à mulher uma condição de igualdade perante o homem, assim como, estabelece significativas considerações acerca dos sujeitos masculino e feminino quando esses são confrontados nas suas relações de

oposição. Por esse motivo, suas posições são consideradas, para a época, um contrassenso às instituições – familiares, religiosas e jurídicas – reguladoras da função da mulher.

No cenário nacional, as discussões sobre submissão, dominação e emancipação da mulher perderam força com a ditadura militar; muitas intelectuais viram-se forçadas a buscar combustível para essas lutas fora do país. Embora Beauvoir e Sartre tenham visitado o Brasil no final da década de 50, as preocupações dos intelectuais da época voltavam-se principalmente para a revolução que acontecia em Cuba, e deram atenção, particularmente às discussões trazidas por Sartre. Ainda assim, Simone apresenta, no Rio de Janeiro, uma conferência sobre a condição feminina.

Somente na década de 70 foi que as mulheres brasileiras ligadas aos partidos de esquerda começaram a se organizar em torno da reivindicação de direitos igualitários, em que esses fundamentavam-se, basicamente, em direitos sociais gerais. E depois, na década de 80 e 90, com a massiva participação das mulheres no âmbito acadêmico, é que os movimentos feministas passaram a concentrar suas discussões em reivindicações específicas da mulher, tais como saúde da mulher, educação da mulher, violência contra a mulher, etc. (CARDOSO, 2004).

Contudo, de acordo com Rocha (2009, p. 18), apenas cerca de 50 anos atrás, é que foi possível, por meio de “duas armas” de grande poder, enfraquecer o patriarcalismo que imperava na sociedade mundial durante séculos. A primeira delas foi o avanço tecnológico, fator que modificou a divisão sexual nas tarefas; a segunda, o surgimento de métodos contraceptivos “eficazes e acessíveis à população”, que quebraram os grilhões de uma gravidez não desejada. Rocha (2009), afirma, ainda, que as ideias relacionadas à feminilidade, como: inferioridade, fraqueza, passividade e submissão, fomentadas pela ideologia patriarcal deixou de ser aceita socialmente. Assim como, adotar comportamentos próprios dos homens, também, deixou de ser visto como necessidade para impor um lugar de igualdade.

Em contrapartida, a constatação de uma identidade feminina na obra de Simone Beauvoir (1949), também assume denotações significativas na formulação de uma identidade reguladora das questões masculinas. A filósofa parece mesmo denunciar, em sua obra feminista, a condição alienante com que o gênero masculino é condicionado quanto a sua identidade sexuada, bem como busca formular para o homem as bases de reflexões em torno da quebra da concepção de que a virilidade é dada biologicamente, levando em conta que os

aspectos viris são promovidos por um contexto social, cultural e político (BAUBÉROUT, 2013).

Desde a antiguidade até a modernidade, a conservação da virilidade, condição do homem “concluído”, que o coloca em características que vão da força à coragem, sempre em menção sobre guerra, bravura, dominação sexual, é posta em discursos que ditam a categoria do homem que “vale” mais. Essa condição “permite ainda hierarquizar: estigmatizar ‘os covardes’, por exemplo, os indecisos, os ‘medrosos’, insistir sempre na necessidade de fortificar e educar”. Dessa forma, por meio da linguagem, em suas diferentes representações, o discurso da virilidade guia um saber em torno da orientação do sujeito masculino (VIGARELLO, 2013, p. 11).

Considerando os pontos abordados acima, compreendemos que o espaço do sujeito homem nos contextos sociais da pós-modernidade foram se desestruturando ao longo dos séculos XIX, mas principalmente no século XX. E deu lugar a um sujeito que ora busca reafirmar sua masculinidade preservando os contornos da dominação e submissão do outro sexo, ora busca livrar-se dos limites impostos socialmente e culturalmente e que lhe confere, em grande medida, a necessidade de compor novos paradigmas nas relações de gênero.

Judith Butler, filósofa e principal expoente do conceito atual de gênero, no prefácio de *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2015), trata dessa primeira busca em que o sujeito masculino se ver atado, e assim relata:

[...] Li Beauvoir, que explicava que ser mulher nos termos de uma cultura masculinista é ser fonte de mistério e de incognoscibilidade para os homens, o que pareceu confirmar-se de algum modo quando li Sartre, para quem todo desejo, problemáticamente como heterossexual e masculino, era definido como *problema*. Para esse sujeito masculino do desejo, o problema tornou-se escândalo com a inclusão repentina, a intervenção não antecipada, de um “objeto” feminino que devolvia inexplicavelmente o olhar, revertia a mirada, e contestava o lugar e a autoridade da posição masculina. A dependência radical do sujeito masculino diante do “Outro” feminino expôs repentinamente o caráter ilusório de sua autonomia (BUTLER, 2015, p. 7-8).

Nesta obra, muito cara para as concepções de gênero que hoje se formulam, Butler questiona o modelo binário da identidade de gênero e nos apresenta uma nova ideia em torno dessas discussões. Foi partindo desses questionamentos que formulou a noção de

performatividade, conceito que tornou a dualidade homem/mulher ultrapassada e inseriu nos problemas das relações de gêneros outras possíveis identidades assumidas pelos sujeitos pós-modernos. A filósofa afirma que “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”, e defende, partindo dessa reflexão que, por esse motivo o termo *mulheres*, não encontra consonância dentro das questões políticas defendidas pelo feminismo, pois não possui uma identidade definida. E, conclui, “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” (BUTLER, 2015, 18-21).

Suas teses em torno do conceito de gênero defendem e explicam que o gênero não pode ser determinado pelos termos indiscutíveis da condição biológica dos sexos, mas, principalmente pela sua construção social, o que, de certa maneira, já abre espaço para questionar a unidade do sujeito quando uma identidade de gênero fixa. Por indeterminação mesmo de um gênero fixo é que as bases do que se tinha anteriormente como masculinidade e feminilidade, hoje, estão sendo deslocadas, reformuladas, repensadas de maneira que as relações possam se dar no âmbito de novos paradigmas.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A AD tem uma abordagem multidisciplinar de estudos, pensada na relação com diversos campos do saber, ela “[...] se pratica pelo deslocamento de regiões teóricas e se faz entre terrenos firmados pela prática positivista da ciência (a linguística e as ciências sociais)” (ORLANDI, 2003, p. 3). Essa característica constitutiva da AD faz com que os sujeitos do conhecimento, objetos e metodologias das ciências que a entrecruzam sejam retirados de seus territórios próprios e postos em face aos movimentos engendrados pelas teorias analíticas do discurso (ORLANDI, 2003).

Conforme Orlandi (2005), em meados da década de 60, confrontando o político com o simbólico, Pêcheux propõe uma AD que levanta questionamentos para os estudos linguísticos, no viés da historicidade que esses excluem, e, em paralelo, examina as Ciências Sociais no que tange à transparência da linguagem base em que se sustentam. A AD busca a compreensão do homem falando e evocando sentidos, “enquanto trabalho simbólico” (ORLANDI, 2013, p. 15), e em um processo de linguagem que o evidencia historicamente. É por essa via de observação que se percebe a maneira com que o homem significa o mundo e dá significado a si mesmo.

A construção do sentido pela linguagem é o lugar para onde a AD volta seu olhar, mas não é o sentido objeto de estudo da Semântica. Nesse ponto há uma ruptura com a Linguística, pois a AD atrela à significação do texto as condições de produção sócio-históricas e, portanto, indispensáveis para a significação (ORLANDI, 2003). Segundo esta pesquisadora, se faz necessário refletir-se acerca das situações onde o dizer é produzido, conforme aparece na citação a seguir.

[...] levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. [...] ele articula de modo particular conhecimentos do campo das Ciências Sociais e do domínio da Linguística (ORLANDI, 2013, p. 16).

Compreende-se, assim, que os sujeitos materializam os discursos por meio da língua, e têm as ideologias materializadas nos discursos. É dessa forma que a AD vai ultrapassar o limiar dos estudos linguísticos, revisitando o Marxismo e a Psicanálise, em que se encontram assentados seus conceitos primordiais.

Assim, como dito anteriormente, o que fundamenta essa área da Linguística é a relação entre língua-discurso-ideologia, e nesse campo o sujeito é o resultado dessa tríade, através da manifestação do inconsciente. Pêcheux (1975) aponta que os discursos não existem sem os sujeitos e esses não existem sem a ideologia. Neste sentido, o indivíduo é convocado em sujeito pela ideologia, e dessa forma a língua produz sentidos.

Orlandi (2003) sustenta, também, que o sujeito não é origem do que diz, do que é enunciado, e a situação de produção não é dada pelo contexto de produção em si, mas na condição de produção linguístico-histórica. Daí porque esta perspectiva de AD é materialista, pois, na materialidade da língua, ou seja, naquilo que foi enunciado pelo sujeito discursivo, e na materialidade histórica da produção e reprodução do dizer, desenvolve seus arrolamentos teóricos.

A eficiência do imaginário pode ser percebida nessa relação com a história que vai determinando as transformações nas relações e práticas sociais. No entanto, ao atravessarmos a transparência e adentrarmos no funcionamento ideológico é que percebemos a substância das palavras. E é a transparência dessa substância, desse conteúdo, que a AD põe em causa quando considera como o imaginário como produtor dos efeitos de restaurar, aos olhos do leitor, a “opacidade do texto” (ORLANDI, 1994, p. 57-58).

Quando lemos, por exemplo, no texto *Como conquistar uma mulher em 15 minutos*⁴ o trecho: “assim que você for aceito no grupo, a atração deve começar imediatamente”, isso nos remete a enunciados anteriores, já ditos historicamente e aqui reproduzidos. Os sentidos evocados pela expressão *aceito no grupo* nos remete a outros lugares de discurso, como o discurso da zoologia, o lugar em que se pode dizer que um animal tem sua presença marcada pela disputa de um lugar privilegiado dentro do grupo.

Destacamos, assim, que a *aceitação* requer estratégia de conquista sobre os outros membros, e dessa forma, o animal passa a ter a função de dominante sobre os demais. É aqui

⁴ Manual de sedução do *blog Atitude de Homem*. Disponível em: <<http://atitudedehomem.com.br/conquistar-uma-mulher/>>. Acesso em: 12.11.2016.

que se sustenta a questão da busca das significações, dos sentidos, da quebra da “univocidade lógica”. Não há controle no sentido, ele desliza para efeitos de sentido, conforme atesta Pêcheux, quando diz que:

[...] É supor que – entendendo-se o “real” em vários sentidos – possam existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das “coisas-a-saber” ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeito. [...] o princípio dessas leituras consiste, como se sabe, em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito (PÊCHEUX, 2008, p.43).

Nesse movimento de interpretação, em que se desconsidera uma estrutura significante logicamente estável e se produz um gesto de interrogação sobre a existência das possíveis outras formas de dizer o que se diz, e das possibilidades de observar outros lugares em que se diz, é que o analista busca os efeitos de sentido. Portanto, Orlandi (2013) esclarece que, em relação a analisar os discursos, a AD questiona quais os sentidos do enunciado ou como esse significa.

Destarte, para compreendermos como os efeitos de sentido derivam nos discursos e por onde passam os conceitos que compõem a AD, chegamos ao nosso próximo passo: abordar, separadamente, cada um dos elementos fundamentais para a constituição e funcionamento da AD, a tríade ideologia – sujeito – discurso.

2.1 A Ideologia

A AD que estudamos se constitui das ideias em torno do materialismo histórico e dialético fomentado por Marx. Martins de Souza (2012) explica que materialismo é um pensamento da filosofia que entende que o real determina os pensamentos, as ideias, a vida e as transformações do homem.

Afirma, ainda, que a nossa noção sobre o mundo está determinada “pela existência material dos objetos à nossa volta, que incidem sobre nós ao nos relacionarmos com eles” (Martins de Souza, 2012, p.1). Essa concepção materialista norteia as teorias em torno da ideologia e é ela que nos coloca no lugar da interpretação, por isso tão cara aos que se propõem estudar o discurso.

Apontaremos os contornos da ideologia segundo Marx, para depois falarmos sobre a releitura de Louis Althusser e que foi tomada como embasamento para a noção de ideologia na análise de Pêcheux, especialmente no que se configurou como a segunda fase da AD.

Marx delinea suas teorias em torno das críticas ao pensamento filosófico de Hegel⁵, e se constitui no ponto em que conjuga a produção das ideias às condições sócio-históricas em que são produzidas. Ele inverte a concepção hegeliana de Estado, em que esse subjuga ao seu controle a sociedade e faz duras críticas à ilusão de um Estado das razões, proposta hegeliana. Afirma que o homem deve produzir a sua história por meio da compreensão das suas “[...] reais condições materiais de existência” (SOUZA, 2003, p. 48).

Recorremos à Chauí (2008) para esboçarmos, em linhas gerais, a passagem do pensamento idealista hegeliano para o pensamento materialista em Marx, pois, apesar de criticar radicalmente o idealismo de Hegel, Marx preserva alguns dos aportes filosóficos hegelianos. Segundo a autora, ele preserva a dialética como forma de mostrar “[...] o movimento interno de produção da realidade” impulsionada pela contradição entre as ideias. Contradição essa estabelecida “[...] entre homens reais em condições históricas e sociais reais e se chama luta de classes” (CHAUÍ, 2008, p. 50).

Segundo Marx, o método histórico-dialético parte daquilo que se oferece à observação, o que é mais fácil de perceber, imediato, para chegar, num processo conflitante da própria constituição do real, naquilo que não se consegue perceber. Melhor entendido, conforme Chauí (2008, p. 51), por “[...] começar pelo *aparecer* social e chegar, pelas mediações reais, ao ser social.

⁵ Para melhor entendimento sobre a concepção hegeliana, bem como de como essa crítica se constrói, conferir CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo, editora Brasiliense, 2ª edição, 2008.

Trata-se também de mostrar como o ser do social determina o modo como este aparece aos homens”. Aqui está um dos pontos em que a AD se ata, pois, na análise observa-se a superfície do que se diz, como o imediato, para, a partir daí, encontrar aquilo que não está em evidência.

Marx preserva, ainda, a afirmação de que a realidade histórica é passível de reflexão. A realidade é o processo em que produção e reprodução do modo de existência social dos homens se movimenta nas contradições em torno de si mesma, conduzindo às transformações do próprio modo de existência social. A dialética de Marx é materialista, e essa matéria é a matéria social, ou seja, entendida pela forma como os homens produzem e reproduzem suas condições materiais de existência e como refletem e explicam essas relações.

As reflexões sobre a materialidade histórica são possíveis porque o homem, como sujeito histórico, produz os modos de reprodução e organização de suas vidas em determinadas condições, ou seja, para Marx, o sujeito é constituído na história e produz a sua história (CHAUÍ, 2008, p. 55).

Por fim, Marx guarda de Hegel a noção de alienação baseadas nas referências de Feuerbach a respeito da alienação religiosa. No entanto, este estudioso considera que a alienação humana não é dada pela religião, tal como afirmava Feuerbach, em que o homem se projeta em um Ser superior que o domina e governa. A alienação, para Marx, é “[...] dos homens reais em condições reais” (CHAUÍ, 2008, p. 57). Ou seja, o homem se faz na história e pela história e a alienação é o efeito da alienação do trabalho, e não de um *ser* exterior ao homem.

Esses desdobramentos levam Marx a chegar no fenômeno próprio da ideologia. A inversão do papel do Estado na vida dos homens é o ponto primordial da concepção marxista. O homem não se subjugava ao Estado, esse é que deve se fazer por aquele. Essa inversão da realidade é citada por Chauí, como o nascimento da ideologia, conforme se observa na citação a seguir:

[...] sistema ordenado de ideias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores [...] não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação através de suas ideias (CHAUÍ, 2008, p. 66).

É a aparente separação que se dá entre o trabalho intelectual e o trabalho material, na aparência da autonomia daquele em relação a esse, que está a preponderância das ideias da classe dominante usadas para reprimir a classe dominada. E assim, é que, para Marx, se caracteriza a ideologia, dissimulando “a realidade dessa classe” (SOUZA, 2003, p. 49).

Sobre as discussões em torno das concepções ideológicas em Marx, em que essas se fazem na direção que concebe a ideologia como o mascaramento da realidade da sociedade, para a AD, são importantes as noções que se formaram em torno das teorias fomentadas por Louis Althusser (1996), em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, na releitura das concepções marxistas.

Para Althusser (1996), assim como em Marx, a perpetuação de uma formação social se dá pela reprodução de suas condições de produção ao mesmo passo em que ocorre a sua produção, conforme aparece na citação a seguir:

[...] a reprodução da força de trabalho requer não apenas uma reprodução de sua qualificação, mas também, ao mesmo tempo, uma reprodução de sua submissão às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução de sua submissão à ideologia vigente, para os trabalhadores, e uma reprodução da capacidade de manipular corretamente a ideologia dominante, para os agentes da exploração e repressão, a fim de que também eles assegurem “com palavras” a dominação da classe dominante. [...] Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, para não falar dos “profissionais da ideologia” (Marx), devem, de um modo ou de outro, estar “impregnados” dessa ideologia, a fim de cumprir “conscientiosamente” suas tarefas (ALTHUSSER, 1996, p. 108).

Dessa forma, para garantir a dominação, é que a classe dominante se vale de mecanismos que asseguram a manutenção e reprodução da sua permanência no poder. Por meio dos Aparelhos Repressores de Estado (ARE) – governos, ministérios, tribunais, polícias, exército etc. – e dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) – instituições religiosas, escolas, família, instituições sindicais, sistemas de comunicação, e cultura –, é que são garantidas as formas de dominação de uma determinada classe sobre a outra, ou melhor, nos termos marxistas, da classe dominante sobre a classe dominada.

Neste sentido, o que distingue um aparelho do outro é que o primeiro tem seu funcionamento “pela violência”, e o segundo, pela “ideologia”. Assim, Althusser (1996)

revela que, para compreender esses funcionamentos, se faz necessário “reconhecer a presença efetiva de uma nova realidade: a ideologia” (ALTHUSSER, 1996, p. 109).

Ideologia, dentro do conceito de Aparelho Ideológico de Estado (AIE), “é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. Essa relação imaginária da realidade precisa de uma interpretação que leve à descoberta do que está por trás do véu dessa representação imaginária do mundo. Assim, o lugar da ideologia é esse da ilusão, das representações imaginárias que o indivíduo faz sobre sua relação com suas condições materiais de existência (ALTHUSSER, 1996, p. 126).

As práticas sociais constitutivas de um indivíduo estão ordenadas por formações imaginárias que, por sua vez, são circundantes de uma determinada materialidade institucional que regula as práticas desse sujeito social (SOUZA, 2006). Althusser (1996, p. 126-132), propõe três hipóteses para compor uma teoria da “ideologia em geral”: a primeira consiste no fato de que ideologia é a representação da “relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existências”; a segunda, é que a ideologia “existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas; e, por fim, “a ideologia interpela indivíduos em sujeitos”.

Tomemos como exemplo o sujeito homem. O indivíduo nasce já inserido em um AIE – a família – e, digamos, que esta seja composta socialmente, conforme preceitua a instituição jurídica (ARE), ou seja, a união entre um homem (o pai) e uma mulher (a mãe). Daí que, diante do conhecimento do sexo biológico, os paradigmas que constituem o gênero masculino – a masculinidade – vão definindo as práticas sociais deste indivíduo.

Partindo da família, a mãe (já interpelada como sujeito) veste o sujeito “homem” de azul (representação simbólica), em contraste a cor rosa (simbolicamente representando o feminino) e, socialmente, distingue-o do sexo oposto – do gênero feminino que, também, já possui rituais sociais definidos. São reproduzidos enunciados como “chorar não é coisa de homem”, “se apanhar na rua, apanha em casa”, “ele vai ‘pegar’ todas”, fomentando, por meio da linguagem – discurso da virilidade –, a contenção das emoções, a agressividade e a dominação da mulher.

Em suma, o indivíduo que nasce biologicamente com um órgão sexual masculino, por meio das representações imaginárias, compõe a condição de sua existência dentro da ideologia da masculinidade. Essa, por sua vez, é mantida no seio de um AIE, no exemplo, a família, que garante sócio-historicamente a produção e reprodução dessa ideologia por meio

da indicação de práticas e ritos formalizados. Assim, a ideologia, agindo na materialidade do cotidiano da vida, realiza a mutação do indivíduo em sujeito homem.

A ideologia tem, pois, o papel fundamental entre “linguagem e mundo”, ela não é apenas ocultação. A ideologia “é o efeito da separação e da relação necessária mostradas no mesmo lugar”, em que “há uma contradição entre mundo e linguagem, e a ideologia é trabalho desta contradição”. Com efeito, linguagem e mundo não se relacionam diretamente. No entanto, os mecanismos do imaginário fazem com que essa relação pareça direta, ou seja, como se essa relação levasse direto à realidade, em que se encontra, não a evidência, mas o “efeito de evidência”, a “ilusão referencial” da realidade (ORLANDI, 1994, p. 57).

Portanto, a Ideologia para a AD é a percepção da relação imaginária que o sujeito tem de si e do mundo ao seu redor, e essa relação é dada nas interpretações dos sentidos revelados na materialidade histórica da linguagem. A ilusão de que se cerca o indivíduo é produzida pelas ideologias que o asseguram como sujeito.

2.2 O Sujeito

Pêcheux (2009) afirma que o uso do termo “sujeito” surgiu ao mesmo tempo em que se empregou o termo “Ideologia”, dado que esta categoria analítica se encontra no ponto em que interpela o indivíduo em sujeito, e esse passa a ocupar posições determinadas pela ideologia. É desse lugar⁶ que o sujeito fala, das posições de sujeito que ocupa e que vão orientando suas práticas sociais.

A noção de sujeito para a AD se faz por meio de uma ruptura com a concepção de sujeito dos estudos linguísticos, pois retira a ideia do sujeito enunciador consciente do seu dizer e com intenção na produção do que diz, e introduz a ideia de um sujeito inconsciente e ideológico, não regulador daquilo que diz ou das determinações que o constitui (POSSENTI, 2006).

⁶ Orlandi (2013, p. 40) faz uma distinção entre lugar e posição, em que o lugar ocupado pelos sujeitos são as “situações empíricas” em que o sujeito se encontra e se projeta para posições discursivas quando essas posições “significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito) ”.

Esse sujeito consciente, regulador e organizador do seu dizer evita a dissolução do seu eu e, nele, há a predominância do imaginário, do engodo. Em contrapartida, no sujeito do inconsciente marcam-se os atos falhos, os chistes, os lapsos, aquilo que se desvelou sem que se desse conta, o inconsciente, o discurso do Outro (LACAN, 1995).

Pêcheux (2009), assim esclarece que na relação que se dá entre ideologia (marxista) e o inconsciente (freudiano) está a interpelação do sujeito, e que, também, vem a ser um ponto de aproximação com os estudos de Lacan acerca do inconsciente, conforme aparece nas suas palavras, a seguir:

Se acrescentarmos, de um lado, que esse sujeito, com S maiúsculo – sujeito absoluto e universal –, é precisamente o que J. Lacan designa como o Outro (Autre, com A maiúsculo), e, de outro lado, que, sempre de acordo com a formulação de Lacan “o inconsciente é o discurso do Outro”, podemos discernir de que modo *o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico* estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como *o processo do Significante na interpelação e na identificação*, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção. (PÊCHEUX, 2009, p. 133)

O sujeito do inconsciente, esse Outro, aparece, portanto, instaurado na linguagem por meio dos significantes que emanam no discurso e, é por essa via que o analista chega ao Real, ou melhor dizendo, chega àquilo que resiste ao Simbólico. Vanier (2005) expõe que para Lacan, o significante é algo que “representa o sujeito para um outro significante”, ou seja, o sujeito está no conjunto dos significantes, o que Lacan chama de *Outro* (VANIER, 2005, p. 63).

Tratar do sujeito na AD requer uma breve visita à tríade lacaniana que marca a estrutura da psiquê humana – o Imaginário, o Simbólico e o Real, que são, portanto, categorias que estruturam a experiência dos seres humanos. Isso se faz necessário, pois, na terceira fase da AD, Pêcheux, conforme cita Martins de Souza (2012, p. 23), faz um deslocamento nos estudos do discurso em que passa do foco no “funcionamento político do Simbólico em estruturas fechadas”, para a ênfase em “descrever a política dos modos de manifestação do Real em sua resistência à reprodutibilidade, e em sua possibilidade de transformação de sentidos”, ou seja, passa da ênfase na análise do que é estrutura no discurso para análise dos acontecimentos no discurso.

Desta feita, temos como o Simbólico “um sistema de representação baseado na linguagem”, os significados e significantes que, mesmo à revelia do sujeito, o determinam. De acordo com Martins de Souza (2012, p. 23), “Lacan chama de simbólico o nível que estrutura a realidade humana”. A realidade ou o real (r" minúsculo), não tem a mesma significação do Real como categorização lacaniana –, esse é uma “realidade fenomênica” inerente ao representável, lugar de “irrupção” daquilo que torna possível a simbolização.

O que não pode ser simbolizado encontra-se no Real. É o “lugar da metáfora, da mudança, da variação, do acontecimento, da transformação”. Na categoria do Imaginário o ser humano determina seu “eu” em relação ao outro, ou seja, o sujeito está preso na captação de si e do outro. Daí que o Imaginário faz a ligação entre o Real e o Simbólico, “costurando a ruptura, a fratura, entre essas duas ordens” (MARTINS DE SOUZA, 2012, p. 23-25).

A subjetividade na análise do discurso é vista a partir da conceituação do sujeito discursivo e que confere a noção de sentido para a AD. O sujeito, diferente das concepções estruturalistas, passa a ser compreendido como uma posição na construção da linguagem por ser constituído por processos discursivos. Por ser chamado a ser sujeito, este é interpelado pelo sentido que um *outro* passa a dar a ele, dessa forma não há um sujeito único marcado por um *Eu* ou por um *Tu*, “o sujeito é ele mais a complementação do outro” (BRANDÃO, 1998, p. 55).

O sujeito assume sempre uma posição em relação a outro. A psicanálise associa o sujeito sempre em relação a sua posição com o gozo e com o desejo, ou seja, a posição de sujeito que ocupa é aquela que lhe confere mais prazer. Nos *Manuais de Sedução* são observadas as posições de sujeito que o homem ocupa em relação à mulher no discurso sedutor, bem como a relação do sujeito sedutor com o sujeito seduzido – a mulher como objeto de conquista, e a desses com o sujeito que doutrina nas técnicas de sedução.

Em *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), por exemplo, observa-se duas categorias do homem que busca seduzir uma mulher, *o homem tolo* e *o homem de espírito*, ambos são postos em uma relação de oposição nas suas características de conquista, bem como, ocupam uma posição que se revela em relação a posição de sujeito que a mulher ocupa como objeto de desejo masculino. Debruçar nosso olhar sobre os sujeitos ali presentificados é buscar os sentidos que derivam pelo discurso e deparar-se com o que pode estar guardado, oculto no inconsciente.

Sobre a relação entre Simbólico, Real e o Imaginário, Martins de Souza (2012) expõe que nosso Imaginário é preenchido por objetos que substituem a posição do objeto de desejo, e é nesse sentido que se instaura uma discrepância na realização do desejo do inconsciente. O homem se engana pela função essencial do seu imaginário, encontrando-se salvo ou perdido, devido aos sofrimentos advindos da desarmonia com a realidade, visto que o desejo do inconsciente não é satisfeito. Daí se dá a falha do funcionamento psíquico humano.

Essa falha de funcionamento, para a AD, está caracterizada pela condição de incompletude que a linguagem possui, ou seja, os sentidos e os sujeitos são incompletos e essa incompletude se marca como fissura do simbólico, na opacidade, na falta, lugar, também, de significação. Essa ligação da ordem simbólica com o mundo acontece de forma que, para que ocorra a manifestação dos sentidos, a língua – “sistema sintático passível de jogo, de equívoco” – esteja inscrita na história (ORLANDI, 2013).

Sobre o sentido, Orlandi (2013) explica que esse está numa ligação entre o sujeito e a história. Tal relação é evidenciada pelo movimento de interpretação do sujeito com a língua, do sujeito com a história, do sujeito com os sentidos. “Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo o traço da relação da língua com a exterioridade (ORLANDI, 2013, p. 47). A intersecção entre o sujeito ideológico e o sujeito do inconsciente determina, para a AD, o sujeito do discurso, ou seja, ideologia e inconsciente são elementos necessários para a constituição dos sujeitos e, também dos discursos.

2.3 O Discurso

Entendendo que a língua relacionada com a história produz os sentidos, em uma acepção mais ampla, diz-se que discurso é, portanto, o efeito de sentido entre os interlocutores. Assim, a relação com a linguagem deve ser vista de maneira diferenciada; pressupondo que a linguagem, como constituinte dos sujeitos e dos sentidos, se estabelece numa relação com a história, neste sentido, o discurso não se limita ao que seja verbalizado ou escrito, mas, é marcado pela exterioridade, pois sem história não há produção de sentidos. “Daí o efeito entre locutores. E, em contrapartida, a dimensão simbólica dos fatos” (ORLANDI, 1994, p.53).

Tomamos, portanto, o discurso, exposto por Pêcheux (1997, p.76), “como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais, nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada”.

Partindo daí, Pêcheux formula a noção de Condição de Produção (de agora em diante CP), em que consiste colocar em evidência os agentes do discurso e seus “referentes”, para melhor compreensão da condição de produção histórica do discurso. Assim, instaura na teoria da AD, a representação de “lugares” estruturados na organização social, que, por sua vez, são confirmados nos discursos que regem a forma de dizer. Como bem exemplifica a seguir:

Podemos a partir de agora enunciar os diferentes elementos estruturais das condições de produção do discurso. [...] no interior da esfera da produção econômica, os lugares do "patrão" (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Nossa hipótese é a de que esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que *o lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado*; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações) (PECHÊUX, 82, 1997).

Em outras palavras, o sujeito se coloca no lugar de uma posição socialmente definível e é desse lugar que diz, que enuncia. A produção do dizer, ligada à memória discursiva do sujeito, está relacionada com a imagem que tem de si, do lugar que ocupa, bem como da imagem que tem do outro.

No entanto, nem sempre o sujeito tem consciência daquilo que diz, é o que Orlandi (2013) chama de esquecimento “da ordem da enunciação”. Falamos de uma maneira e não de outra, e no decorrer da produção dos enunciados formam-se “famílias parafrásticas” que permitem que o que se diz poderia ser dito de outra maneira. É um esquecimento “semi-consciente”, visto que muitas vezes para ajustar o modo de dizer recorremos a essas outras formas de enunciados (ORLANDI, 2013, p. 35).

Para ilustrar, toma-se, no enunciado “Tenha as mulheres na palma da mão”⁷, a expressão “mulheres na palma da mão” e a partir desse enunciado se verifica outros dizeres possíveis, tais como: “Tenha as mulheres no seu controle” ou “Tenha as mulheres nas suas rédeas”. As expressões “mulheres no seu controle”, “mulheres nas suas rédeas”, são, portanto, paráfrases de “mulheres na palma da mão”.

Existe outro tipo de esquecimento, esse é o esquecimento da ordem do inconsciente no qual o sujeito supõe ser a origem do enunciado, mas, na verdade, retoma sentidos já existentes. É a ilusão da origem da linguagem. O indivíduo quando nasce, já nasce interpelado, assujeitado, já é sujeito, pois entra no processo do discurso existente na formação social do qual pertence.

Orlandi (2013, p. 35) nos diz que “esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significam apenas e exatamente o que queremos”. No entanto, embora os sentidos se concretizem no sujeito, essa concretização nada mais é do que a determinação de como o sujeito se inscreve na língua e na história, por isso é que significam.

Daí que Pêcheux (2014) afirma que o sentido de uma palavra não tem existência si mesmo, mas na determinação que as posições ideológicas conferem a esta palavra ou expressão ou proposição e que estão no jogo do processo social e histórico da qual estão inseridas e de como são produzidas e reproduzidas.

Ele resume essa tese dizendo que “*as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam* o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições” (PÊCHEUX, 2014, p. 146-147), ou seja, as palavras derivam nos sentidos em referências às Formações Ideológicas (para o futuro FI) nas quais estão inseridas. E completa, chamando de Formação Discursiva (doravante FD) o conjunto de enunciados possíveis ou não possíveis dentro de uma formação ideológica dada. Assim, FD, como conceitua Pêcheux é

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* [...] Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões,

⁷ Manual de sedução do *blog Atitude de Homem*. Disponível em: <<http://atitudedehomem.com.br/atitude-alfa/>>. Acesso em: 23.09.2016.

proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, 2014, p.147).

Por isso que o discurso é lugar em que a ideologia se materializa, ou seja, por meio do discurso, o sujeito é constituído e determinado por suas formações ideológicas. Além do mais, ratificamos de forma mais explícita o fato de que palavras, expressões ou proposições, por exemplo, adquirem sentidos partindo da formação discursiva em que são formuladas, mas que também, podem convocar outros sentidos, quando passam de uma formação discursiva a outra. Bem como, de forma correspondente palavras com significados diferentes possam assumir os mesmos sentidos numa mesma formação discursiva. A esse movimento em que os sentidos das palavras, expressões e proposições derivam, Pêcheux chamou de *processos discursivos*, isto é, as “relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada (PÊCHEUX, 2014, p.148).

Delimitamos os principais conceitos concernentes à teoria do discurso, o que não quer dizer que tais conceitos se esgotam no que foi exposto até aqui. Na verdade, devido ao próprio procedimento que o analista toma para fins de análise, outros conceitos, outras abordagens da AD são manipuladas, apresentadas, no momento de interpretação e descrição do material analisado.

2.4 Critérios Metodológicos em AD

No que diz respeito a esta pesquisa, bem como em relação ao campo teórico em que se insere a AD, a abordagem qualitativa – abordagem em que se insere esta pesquisa – atende ao fim que desejamos chegar por inserir no campo dos seus instrumentos de pesquisa, não somente o comprometimento com o entendimento do mundo que nos cerca, mas também, por ter como enfoque os significados que os sujeitos impõem às suas experiências sócio-históricas. Os sujeitos compreendem e interpretam o mundo por meio do conhecimento, e, na abordagem qualitativa, o pesquisador também é parte do mundo pesquisado (REIS, 2005).

Nesse ponto, Orlandi (2013) corrobora o autor citado, pois o analista está intimamente ligado à sua pesquisa e, sendo sujeito, insere seus sentidos carregados pela ideologia nas interpretações e compreensões que relacionam os dispositivos teóricos e de análise. Não existe distanciamento entre o analista e seu objeto analítico, ambos estão interligados no processo de análise, interpretação e compreensão. A produção de um conhecimento é dada no batimento entre descrição e interpretação, afetada pela ideologia e pela pulsação do inconsciente. Por isso, os seus procedimentos metodológicos e seus objetivos são reformulados no processo mesmo de desenvolvimento da análise (ORLANDI, 2013).

A AD possui critérios metodológicos específicos para sua prática, e estes serão esboçados, logo abaixo, de acordo com orientação própria dos pressupostos teóricos que à norteiam. Adotamos a metodologia de escolha do corpus sugerida por Orlandi (2013) e que é delimitada pelo que o analista tem como objetivo de análise. Para a AD, dispositivo teórico e dispositivo analítico são manipulados juntos, e as interpretações advindas deste ir e vir entre teoria e *corpus* são os produtos a que deseja chegar o analista (ORLANDI, 2013).

Neste sentido, destacamos que o objeto do qual tratamos aqui é a linguagem em forma de discurso, na qual, por meio da análise, iremos potencializar nosso olhar em torno dos sentidos, das interpretações, das desconstruções possíveis. Desta forma, sugerem os autores três procedimentos para a análise. A delimitação do campo de investigação, a escolha de um método de análise e uma indagação que norteie o fim que deseja chegar.

Em textos de sedução e conquistas encontramos uma linguagem que apresenta de maneira literal o comportamento daqueles que, não dispendo da habilidade em seduzir, do conhecimento das técnicas de conquista, buscam encontrar os caminhos para a arte da sedução, bem como, delimita para o leitor atitudes que corroboram os mecanismos de sedução nas relações entre homens e mulheres.

Um dos primeiros escritos de que se tem registro, com abordagem nessa temática, é a *Arte de Amar* de Ovídio, que inquietou a sociedade com seus textos sobre o amor e o erotismo no século I. O poeta indica para homens e posteriormente, no seu terceiro livro, para mulheres, como devem ser as atitudes que guiam os espaços de sedução e conquista. Ovídio (2005) diz, “[...] se alguém deste povo desconhece a arte de amar, que leia este poema e, uma vez por ele instruído, ame.” Em versos construídos sob representações marítimas e circenses, o autor, orienta homens e mulheres nos caminhos da galanteria, da sedução e das estratégias da conquista.

Podemos, contudo, atestar que nas expressões textuais da língua encontram-se materializadas as interpretações sobre a vida, sobre o social, as relações de poder, a luta de classes. Analisar, pois, a estrutura e a articulação de enunciados tais é nos colocar diante de um percurso que leva a identificar o funcionamento do texto – a textualidade e a discursividade – para compreendê-lo, ou seja, para descrever e interpretar os sentidos que ali ganham corpo e as posições de sujeito que manifestam as formações ideológicas.

A seleção do material de análise, ou seja, a constituição do corpus é um dos primeiros passos. Na AD, interessa analisar todo e qualquer material da linguagem que esteja inserido em práticas discursivas diversas. Uma imagem, um texto escrito, um vídeo, um som, etc. são passíveis de análise. Para a análise interessa o recorte que o analista faz e delimita para fins de observar o discurso que ali se instaura, assim, diz Orlandi (2013, p.63):

[...] a construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos de Análise do Discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão.

Na escolha do corpus, o analista deve considerar o seu objetivo de análise, pois o recorte se fará dentro daquilo que poderá mostrar as manifestações do discurso que pretende observar. Assim, as partes são selecionadas levando-se em consideração as relações semânticas, conforme a finalidade do estudo. Tendo em vista que o recorte deve ter uma “inter-relação com o todo que constitui o corpus” (ALVES FERNANDES, 2008, p. 65).

2.5. Textos sobre sedução e conquista como objeto de análise

A obra *Queda que as mulheres têm para os tolos* (doravante *Queda*), foi publicada originalmente em *A Marmota*⁸ entre os meses de abril e maio do ano de 1861 por Machado de Assis, porém, em edições sem indicação de autoria. No mesmo ano, a editora da revista,

⁸ Fascículo bissemanal de uma revista do Rio de Janeiro, no final do século XIX, que publicou os primeiros escritos de Machado de Assis.

publica o livro com indicação autoral de Machado de Assis; tratava-se da primeira publicação levando o nome do autor e indicando ser a tradução de um ensaio cujo título e autoria não foram mencionados. Em 1969, o pesquisador Jean-Michel Massa apresenta dados pioneiros de que *Queda*, na verdade, seria a tradução de *De l'amour des femmes pour les sots* (1858), do escritor francês Victor-Georges Hénau (SILVA, 2008).

O livro apresenta uma sátira crítica de como se dá a escolha de um amante ou marido pelas mulheres. Para além da polêmica da tradução, dado seu conteúdo textual, em que há indicações e dicas de como deve ser e se comportar o tipo de homem que atrai mulheres, selecionamos a obra como material linguístico característico dos textos injuntivos, tipologia na qual se enquadram os *manuais* de sedução da atualidade. O ensaio apresenta argumentos de que as mulheres, “entes frágeis e ligeiros” se sentem mais atraídas pelo *homem tolo*, que por *homens de espírito*.

A *Playboy* é a versão em português do periódico direcionado ao público masculino de maior circulação no mundo. Desde suas primeiras edições, em 1975, a revista investe em revestir o homem, maior de idade, de um saber específico de uma classe que o coloca frente à um modelo de homem que “vale mais”. Ler a revista e se revestir deste saber coloca o leitor diante de um discurso que marca uma posição de sujeito masculino socialmente ocupada por uma minoria, ou seja, com poder aquisitivo suficiente para conquistar as mulheres, comprar carros, realizar viagens, praticar esportes, aventurar - se, consumir boa gastronomia, bebida, sexo e cultura.

Nesse sentido, o discurso de conquista que circula na *Playboy* pressupõe a imagem de um leitor que já reúne as categorias acima descritas, em outras palavras, não se trata de um sujeito “medroso”, “indeciso”, que não explora habilidades viris, mas do sujeito homem carregado de representações masculinas definidas. Dessa forma, nas edições do final da década de 80 e início da década de 90, destacamos as matérias com os títulos: “Como dar a cantada certa” e “Ciência da Paquera”, e sobre eles debruçamos nosso olhar analítico.

Até aqui nos utilizamos de textos na modalidade escrita com circulação em mídia impressa – livros e revistas. No entanto, o século XXI se inicia marcado pela difusão de um novo modo de comunicação. Na sua primeira década, surgem na internet, as redes de interação comunicativa que permitem aos seus interlocutores uma maior troca de informações. Trata-se da propagação das redes sociais – Orkut, Twitter, Facebook, entre outros - e das mídias de informações pessoais, tais como os *blogs*.

Esses últimos são lugares disponíveis em rede virtualizada que integram um conjunto de instrumentos de comunicação da web 2.0, ou seja, um sistema de comunicação que, por meio de hipertextos, facilita a interação dos sujeitos possibilitando pesquisa, acesso, visualização e troca de informações. Seu idealizador o utiliza como uma página de diário pessoal, publicando artigos, informações e pontos de vistas sobre assuntos diversos, e/ou para promover atividade corporativa, quando suas publicações visam divulgação de serviços.

Cabendo destacar que o conteúdo é atualizado constantemente e segue uma ordem cronológica de publicação. Apresentam textos, imagens, vídeos, sons e “hiperligações” para matérias publicadas em outros *sites*. O termo blog resulta do ajuste das palavras em inglês “web” e “log” que seria em português “jornal de bordo”.⁹

Buscamos essa materialidade linguística, por entendermos que representa um material de linguagem bastante característico do intercâmbio de informações que permeia a interação comunicativa dos sujeitos pós-modernos. Uma mídia carregada de hipertextos que traz muitas possibilidades de observar o movimento da sociedade, uma vez que a relação entre seus usuários é constante, fragmentada e descentralizada. Aqui, recorremos a Santaella (2003), para sustentar nossa escolha, quando diz que

[...] quaisquer mídias, em função dos processos de comunicação que propiciam, são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio e que fica impregnado de todas as contradições que caracterizam o modo de produção econômica e as conseqüentes injunções políticas em que um tal ciclo cultural toma corpo. Considerando-se que as mídias são conformadoras de novos ambientes sociais, pode-se estudar sociedades cuja cultura se molda pela oralidade, então pela escrita, mais tarde pela explosão das imagens na revolução industrial-eletrônica etc. (SANTAELLA, 2003, p. 26).

Destarte, os blogs masculinos se constituem como novos espaços sociais em que se promovem as discussões e os saberes sobre o universo da masculinidade. É nesse espaço comunicativo, nessa situação de comunicação que encontramos os textos com dicas de conquista. A seleção dos blogs segue, conforme a própria metodologia da AD, estritamente aos objetivos pensados pelo analista.

No nosso trabalho, elegemos os blogs que possuem uma maior incidência de usuários e leitores, conforme indicação nas próprias páginas, bem como segue um critério que

⁹ Informação do termo sugerido pela Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação; edição eletrônica. Disponível em: <<http://www.apdsi.pt/glossary/978/121>>. Acesso em: 22.08.2016.

observa, na linguagem, a classificação de sujeitos femininos específicos, tais como “10 dicas para conquistar uma mulher” e “Como conquistar uma mulher em 15 minutos” apresentam diversos modos de significar o sujeito mulher.

Atendendo ao que dispõe Orlandi (2013), a construção do *corpus* no que concerne a sua quantidade não é relevante, mas sim, há de se considerar a qualidade do que está sendo exposto, a isso a autora nomeia de “exaustividade vertical”. Chegar à exaustão das propriedades do discurso. Em que [...] essa exaustividade vertical, em profundidade, leva a consequências teóricas relevantes e não trata os ‘dados’ como meras ilustrações” (ORLANDI, 2013, p. 62). Por essa razão, os textos aqui mencionados podem não ser suficientes para atender à uma exaustão, ou melhor, para alcançar a recorrência das marcas discursivas, e com isso ser preciso recorrer a mais textos que possam dar por “saturada” a observação do analista.

2.6 O movimento de interpretação na AD

Orlandi (1994) propõe o estudo da “ilusão do sujeito como origem e a da ilusão da linguagem com seus sentidos já-lá”. Por esse motivo, a AD tem como trabalho a interpretação que leva à compreensão da história, ou seja, não a história em seus fatos cronológicos e sentidos já dados, “mas como fatos que reclamam sentidos (Henry, 1994), cuja materialidade não é possível de ser apreendida em si, mas no discurso” (ORLANDI, 1994, p. 57).

O trabalho do analista é realizar uma atividade de entendimento do significar de forma que, pelo discurso, se chega aos efeitos produzidos nos diversos gestos de leitura. Por pensar a linguagem na sua exterioridade, por meio do dispositivo da AD, é possível se chegar tanto à constituição dos sujeitos como dos sentidos que estão afetados pela ideologia e pelo inconsciente.

Quando é possível alcançar esse movimento de significância constituído nos diferentes gestos de leitura, a AD cruza os efeitos, compreende os mecanismos da ilusão, e passa a pensar o discurso como um deslocamento dentro da “rede de filiações de sentidos” (ORLANDI, 1994). Desse modo, atesta Pêcheux propõe o exame das propriedades discursivas:

Somos, assim, levados a examinar as propriedades discursivas da forma-sujeito, do “Ego-imaginário”, como “sujeito do discurso”. Já observamos que o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade imaginária do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-escritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 2009, p. 163)

Observamos que nos textos de sedução e conquista os efeitos de sentido que emanam no discurso de conquista do sujeito homem e que o afetam na sua constituição, ou que o ressignificam e faz significar, também, o sujeito mulher. Esses efeitos de sentido são buscados por meio dos deslizos que ocorrem no discurso, e que surgem nas marcas e propriedades linguísticas que emergem do texto. São efeitos metafóricos, como diz Orlandi (2013), “é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade”.

Destacamos, ainda, que na relação entre língua e discurso, ocorre um jogo entre o sistema semântico-sintático e a “discursividade como inscrição dos efeitos linguísticos matérias na história” (PÊCHEUX, 1980, *apud* ORLANDI, 2013, p. 80), formando assim, um conjunto de noções – efeitos materiais na história, deslizos, metáfora, paráfrase – que amparam o processo analítico.

Nas análises, vamos desenvolver os critérios metodológicos da AD sugeridos por Orlandi (2013) e que confere efetuar três etapas para chegar ao objetivo de análise de um determinado *corpus*. As etapas são: 1º efetuar a dessuperficialização da materialidade linguística, aplicando o processo de desconstrução da materialidade textual, seguindo para uma 2ª etapa em que observamos a constituição dos objetos discursivos, ou seja, o registro discursivo, que aparece como processo de formulação dos sentidos. Nesse momento, saímos da superfície languageira e atravessamos o imaginário para chegar aos modos de constituição dos sentidos e dos sujeitos, e por fim, na 3ª etapa, buscamos alcançar, pelos processos discursivos as formações ideológicas e formações discursivas, pois elas são a matriz do sentido.

3 DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO – A ANÁLISE DO *CORPUS*

Os textos aqui apresentados foram pensados e eleitos dentro de uma materialidade histórica que compreende o começo da instauração de movimentos feministas mais significativos no Brasil. Levando-se em conta aspectos próprios da textualidade desse material linguístico, arrolamos textos com dicas de sedução que circularam (e circulam) em diferentes canais de comunicação em quatro momentos históricos distintos.

Primeiro, no final do século XIX, ocasião em que os movimentos feministas discutem a inclusão da mulher no âmbito social por meio do sufrágio universal e acesso à educação superior. Contemporâneo a esses fatos, em 1861, Machado de Assis, inaugura suas publicações com a obra *Queda que as mulheres têm para os tolos*.

Depois, meados do Século XX, após essas conquistas, há um arrefecimento das discussões feministas no Brasil em decorrência da instauração da ditadura militar. No entanto, nos E.U.A e na França, o movimento permanece em plena ordem, fomentando diversos outros debates no âmbito da igualdade entre os sexos e influenciando, direta e indiretamente, como na moda, na literatura, na cultura e em outras áreas sociais, países como o Brasil. Aqui, cabe lembrar que na década de 60 há um grande marco mundial da emancipação feminina, a descoberta da pílula anticoncepcional que inaugura a grande revolução na liberdade sexual da mulher.

Em seguida, com o fim da ditadura militar, nas décadas de 80 e 90, as discussões a favor da igualdade entre os gêneros ganham força, agora em diversas direções, e movimentos descentralizados começam a surgir na sociedade. Nesse período, circulam as primeiras edições da Revista Playboy, versão brasileira de um periódico americano de grande sucesso direcionado aos homens. É da Revista Playboy do final do século XX que, também, selecionamos textos contendo dicas para conquistar e seduzir mulheres.

Por fim, nosso foco se volta para o século XXI, período de grandes debates sobre as relações de gênero. As lutas feministas, agora, se aliam aos demais movimentos relacionados às polêmicas sobre identidade de gênero, e delineiam suas discussões, em torno de questionamentos que levem a discutir as imposições estereotipadas sobre o masculino e o feminino ao longo dos séculos. Nesse contexto, com a propagação da internet e a difusão das redes sociais, a comunicação passa a ocupar diversos outros canais. Os *blogs* e *sites*

masculinos são, agora, os principais canais de comunicação em que dicas de sedução são ensinadas aos homens que desejam conquistar mulheres. *Atitude Alpha*, *Macho em Série*, *Homem com H*, entre outros, são espaços na rede que congregam tais textos.

A análise do discurso requer etapas, como apresentadas anteriormente, que apoiam o analista no reconhecimento das instâncias discursivas em que os sujeitos enunciadorees constroem sua realidade social, não de forma isolada e individualizada, mas partindo do ponto de que a interpretação do material linguístico produzido por tais falantes, sob a luz de estudos psicossociais, e, sobretudo, históricos, nos levam a compreender as veemências ideológicas em que esses discursos são constituídos na sociedade. Tomando-se frases, enunciados ou palavras separadas, vamos reconstituindo o processo discursivo presente no texto (ORTIZ,1995).

Nesse ponto, os textos de sedução e conquista configuram, para este trabalho, material propício para observação dos discursos masculinos. Para tanto, apresentaremos adiante, por meio da descrição e interpretação, os processos discursivos que se estabelecem no campo dos significantes selecionados no discurso do sujeito masculino em relação aos significantes femininos nos enunciados selecionados dos textos trabalhados.

Cabendo ressaltar que, tais discursos não são, na sua totalidade, direcionados às mulheres, mas, como observa Ortiz (1995, p. 77), dirigidos “muitas vezes, ao outro, ao homem, ao opositor real ou potencial, porque os encontros entre os homens são trabalhados pela rivalidade, a competição e a possibilidade de conflito” e, segue completando que “nos encontros entre homens, expressa-se o poder e se aspira à subordinação do outro, e, (...) uma forma de subordinar é situar o outro na esfera do feminino” (ORTIZ, 1995, p. 149).

3.1 A *Queda* que as mulheres têm para os tolos e a naturalização dos sexos

A obra *Queda*, como dito anteriormente, é um ensaio crítico e satírico que conduz o leitor aos argumentos que indicam que as mulheres têm um interesse maior por homens tolos e apresenta como se constitui o modo de ser desse sujeito conquistador. Faz isso comparando o *homem tolo* às atitudes de outro tipo de homem – o *homem de espírito* – que não atrai a atenção das mulheres. As posições de sujeito *homem tolo*, *homem de espírito* e as posições de

sujeito ocupadas pela mulher conquistada se entrecruzam no discurso científico da crítica apresentada no texto traduzido por Machado de Assis.

A obra é dividida em seções que começam com uma "advertência" e segue, nas demais, uma numeração de I a XIII, que aparecem dispostas em tópicos, dentre os quais o primeiro é *Advertência*, que assim inicia:

Este livro é curto, talvez devesse sê-lo mais.

Desejo que ele agrade, como me sai das mãos; mas é com pesar que me vanglorio por esta obra.

Falar do amor das mulheres pelos tolos, não é arriscar ter por inimigas a maioria de um e outro sexo?

Diz-se que a matéria é rica e fecunda; eu acrescento que ela tem sido tratada por muitos. Se tenho, pois, a pretensão de ser breve, não tenho a de ser original.

Contento-me em repetir o que se disse antes de mim; minhas páginas conscienciosas são um resumo de muitos e valiosos escritos. Propriamente falando, é uma comparação científica, e eu obteria a mais doce recompensa de meus esforços, como dizem os eruditos, se inspirasse aos leitores a idéia de aprofundar um tão importante exemplo.

Quanto à imparcialidade que presidiu à redação deste trabalho, creio que ninguém a porá em dúvida.

Exalto os tolos sem rancor, e se critico os homens de espírito, é com um desinteresse, cuja extensão facilmente se compreenderá. (MACHADO DE ASSIS, 1859, p. 43)

A palavra "Advertência", está indicando uma ação comunicativa em que o sujeito autor-tradutor previamente pressupõe que o seu leitor necessite tomar conhecimento de informações a respeito do que está escrito. Uma espécie de nota ou aviso aos que se propõem à leitura do texto. Ela se conjuga às marcas de personalidade presentes nos trechos "desejo que ele (o livro) agrade", "com pesar que me vanglorio por esta obra", "não tenho (a pretensão) de ser original", "propriamente falando" etc., e já sugere que, nesta posição, o autor tem uma imagem do seu interlocutor.

Sendo importante destacar que esta imagem faz com que ele antecipe sua forma de dizer, marcando assim o elo entre sujeito autor e sujeito leitor presentes no discurso. A imagem que tem do sujeito leitor do seu texto vai determinando sua posição de autoria, ou

seja, função de sujeito que ocupa. Sugere, como diz Orlandi (1983, p.158), uma “antecipação (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa)”.

No jogo comunicativo, esclarecem Casetti & di Chio (2007), que essas representações são princípios que regulam a imagem ou definição que emissor tem de receptor; no discurso, é o jogo de imagem entre os sujeitos. Assim, ao indagar “falar do amor das mulheres pelos tolos, não é arriscar ter por inimigas a maioria de um e outro sexo? ”, o enunciado sugere a imagem dos sujeitos no discurso do autor, ou seja, “ter por inimigas a maioria de um ou outro sexo” remete ao fato de que a posição em que esses aparecem em seu discurso pode não os agradar, ou seja, a forma sujeito construída para a mulher, bem como a posição de sujeito descrita no homem de espírito, convergem para não ser das mais satisfatórias.

A conjuntura que delinea a sociedade em 1861 é a do momento em que as mulheres estão no eixo dos debates sobre sua condição feminina de fragilidade, doçura, obediência, e que coloca a masculinidade, a virilidade, em face dos seus primeiros deslocamentos. A rivalidade aqui se mostra pelo sentido de disputa que o termo “inimigas”, o qual se refere a “maioria de um ou outro sexo”, evidencia nas posições de sujeito que se encontram no discurso. Daí o tom de aviso para os possíveis leitores – mulheres e homens.

Destacamos, portanto, a presença da “função-autor”, que, segundo Orlandi (2013, p. 74), é a “função discursiva do sujeito”, ele é autor do texto, mas também, é sujeito no e do discurso. Por tratar-se de Machado de Assis, escritor de evidente expressão na literatura brasileira, se faz necessário, aqui, uma breve distinção no que se refere o autor literário – “autor-criador” – e o autor sujeito do discurso.

O primeiro não se funde ao segundo, pois sua função no texto é, segundo Faraco (2008, p. 40), a voz do escritor trabalhando “numa linguagem enquanto permanece fora dela” essa é uma ideia que faz referência aos conceitos bakhtinianos sobre *autor e autoria*. Aqui, no entanto, nos interessa o autor sujeito, tal como descreve Eni Orlandi (2013):

[...] Como autor, o sujeito ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve se referir, ele também se remete a sua interioridade, construindo desse modo sua identidade como autor. Trabalhando a articulação interioridade/exterioridade, ele “aprende” a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. A esse processo, chamei (E. Orlandi, 1988) assunção da autoria. Segundo ela, o autor é o sujeito que tendo o domínio de certos mecanismos

discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, e como diz etc. [...] (ORLANDI, 2013, p.76)

Desse modo, separamos a expressão “comparação científica” que remete ao sentido de que o que está sendo apresentado pelo autor é algo com conhecimento ou com base em dados de pesquisa; não se trata, pois, de uma obra ficcional, ou uma ideia extraída de uma narrativa imaginária, daí porque *Queda* está, para seus críticos, na categoria de texto científico; *Queda* é, também, uma sátira em prosa.

No entanto, porque, então, classificamos *Queda* como um manual que instrui o homem na arte de conquistar mulheres? A resposta se encontra no próprio discurso do autor-tradutor, expressa no trecho que diz “eu obteria a mais doce recompensa de meus esforços, como dizem os eruditos, se inspirasse aos leitores a *idéia* de aprofundar um tão importante exemplo”, precisamente, nos termos “meus esforços”, “inspirar”, “importante exemplo” que determinam um lugar de fala em que Machado de Assis, ao deixar subentendida a posição de sujeito ocupada agora como autor-tradutor, ou seja, posição em que sugere e indica aos homens uma maneira de se comportar para obter êxito na conquista de mulheres: o sujeito instrutor.

Queda é um texto que trata sobre determinadas condutas masculinas e classifica os homens em duas categorias distintas, e que, notoriamente, faz com que o leitor perceba que a forma como o homem age com a mulher é definida por uma imagem prévia que o sujeito homem faz da mulher que almeja conquistar. Em outras palavras, o sujeito masculino se resignifica a partir das significações possíveis que faz da mulher. Outros manuais que estão neste trabalho, e que serão analisados adiante, também nos mostram esse caráter de resignificação masculina a cada vez que o significante *mulher* aparece no discurso de conquista dos textos.

O capítulo I inicia-se com uma comparação de como as mulheres se preparam para a escolha de “um amante” ou “um marido” em tempos anteriores e nos tempos contemporâneos à escrita do texto. Transcrevemos o seguinte trecho:

Alguns emitiram como axioma, que o que determinava as mulheres, neste ponto, não era, nem a razão, nem o amor, nem mesmo o capricho; que se um homem lhes agradava, era por se ter apresentado primeiro que os outros, e que sendo este

substituído por outro, não tinha esse outro senão o mérito de ter chegado antes do terceiro.

Permaneceu por muito tempo esse sistema irreverente.

Hoje, graças a Deus a verdade se descobriu: veio a saber-se que as mulheres escolhem com pleno conhecimento do que fazem. Comparam, examinam, pesam, e só se decidem por um, depois de verificar nele a preciosa qualidade que procuram. Essa qualidade é [...] a toleima! (MACHADO DE ASSIS, 1859, p. 45).

Em um primeiro momento, o enunciado sugere que essa escolha não tinha, portanto, o mesmo zelo com que as mulheres se preparam para a vida em seus aprendizados domésticos. A escolha é determinada apenas pela chegada do primeiro que lhe aparecer. Esse “sistema irreverente”, como expresso no texto, é uma crítica à falta de posicionamento da mulher em relação ao homem; chega a ser uma ironia pela condição inferior da mulher.

Dito de outra maneira, nessa posição as mulheres não tinham qualquer padrão de escolha, em que o primeiro que lhe aparecesse lhe agradaria. Como se não fosse possível à uma mulher qualquer discernimento em relação ao caráter do homem: ela estava sendo escolhida e isso bastava.

Depois, e aí sim, com “pleno conhecimento do que fazem”, as mulheres buscam um determinado padrão, e esse padrão é a “toleima”, característica essa conhecida pelo sujeito brincalhão, divertido, bobo, parvo, quase um palhaço. Esses atributos, como características do homem, fazem parecer que esse precisa entreter essa mulher infantilizada, que precisa ser distraída, e essa é uma das imagens que se tem da mulher do século XIX. A imagem constituída na sociedade, de certa forma, compõe os valores em torno do padrão feminino da época e, por conseguinte, o comportamento dos homens para concretizar suas relações afetivas com esta mulher.

E, com efeito, ao contrário do que se pressupõe pensar em uma mulher infantilizada, podemos perceber que, nesse ponto, está a presença de uma outra posição de sujeito que a mulher ocupa. Ora, se as relações entre homens e mulheres são marcadas por suas diferenças, contrastes e complementaridades, tais como, homens fortes, mulheres frágeis, o subentendido dessa primeira relação é que a escolha do *homem tolo* em detrimento do *homem de espírito* se dá, também, pelo fato de essa mulher não ser uma mulher “tola”. Assim, lhe agradaria mais ter-se com um homem a quem essa possa exercer seu caráter de dissimulação. Portanto sua “queda” para os homens tolos.

Entendemos aqui a dissimulação da mulher não como hipocrisia ou fingimento, considerando que essas significações estejam em um campo de conduta inferior. A dissimulação se dá como artifício e ocultação das intenções femininas, quando na sua relação

com o outro, o masculino, esta precisa assegurar seu papel submisso, ou, em outras instâncias, suas características de mulher virtuosa, honesta e discreta. Condições necessárias para conquistar um bom casamento.

Ao se ter como referência os estudos psicanalíticos lacanianos sobre a constituição do sujeito, no que tange a formação, mesmo que especificamente como elemento de habilitação para praticar a psicanálise, temos, nas palavras de Lacan, que “qualquer que seja o sujeito este assume uma posição de sujeito em relação a outro”. A psicanálise associa o sujeito sempre em relação a sua posição com o gozo e com o desejo (Lacan, 1998, p. 230).

Quanto mais delicada, frágil e submissa a mulher parecer, maiores são as chances de ela garantir não o casamento com um homem, mas a manutenção das instituições “casamento”, “lar” e “família”. E assim assegurar o lugar que deveria ocupar como mulher na sociedade burguesa do século XIX. Kehl (2008) define essa condição como sendo a primeira função da feminilidade. E, “a segunda função da feminilidade, nos modelos modernos, foi a adequação da mulher e do homem a partir da produção de uma posição feminina que sustentasse a virilidade do homem burguês” (KEHL, 2008, p. 44).

A posição ocupada pelo *homem tolo*, delineada ao longo do capítulo II e em comparação à posição do *homem de espírito*, descrita no capítulo III, nos oferece uma análise de maior acuidade do discurso que sustenta a constituição dessas posições. Para o *homem tolo*, “[...] a toleima é mais do que uma superioridade ordinária: é um dom, é uma graça, é um selo divino”. E o tolo “[...] é abençoado do céu pelo fato de ser tolo” [...] “Nunca solicita empregos, aceita-os em virtude do direito que lhe é próprio: “[...] *Nominor Leo*” (MACHADO DE ASSIS, 1859, p. 49). Já o *homem de espírito*:

Naturalmente tímido, exagera mais ao pé delas a sua insuficiência” ... “não ousa exprimir seu sentimento em palavras; exala por meio de uma não interrompida série de meigos cuidados, ternos respeitos e atenções delicadas [...] não se conserva continuamente ao pé daquela que ama, não a persegue, não a fatiga com a sua presença”... “não toma ares sombrios e tristes”... “esforça-se por ser sempre bom, afetuoso e alegre junto dela (IDEM, p. 52).

Partindo desses excertos, podemos perceber que há posições contrárias definidas pelas características de atitude do *homem tolo versus homem de espírito* em relação à mulher. “Me chamo leão” – *nomino leo* –, este é o significado da expressão em latim que aparece no trecho citado anteriormente e que se refere ao *homem tolo*. Fedro, em sua fábula denominada

*Vacca, capella, ouis et leo*¹⁰, traz um fragmento onde aparece a seguinte frase: *Ego primam tollo, nominor quoniam leo*, traduzida como: “levo a primeira parte porque me chamo leão”.

Fedro a usa para condenar aqueles que abusam de sua posição ou força para oprimir os mais fracos. Extraímos daí um discurso zoomórfico sustentando a naturalização das relações entre os homens em que o mais forte tem soberania sobre o mais fraco. E é nesse sentido que os termos “dom”, “graça”, “selo divino” e “abençoado do céu” são as metáforas que constituem essa naturalização.

O *homem tolo* ou aquele que domina, que está em uma posição privilegiada entre os outros homens, tem essa condição como inata, ele nasce assim. Leão, o animal mais feroz, o *alpha* entre os animais da selva e aquele cujo poder é incontestado. Sem chances, o *homem de espírito*, com suas características dóceis e pacatas, não é o preferido das mulheres.

A virilidade no século XIX, marcada pela ideia hegemônica da natureza dos sexos, se repete nos enunciados em torno das diferenças entre homens e mulheres, amparados por concepções científicas ligadas ao dimorfismo sexual. No segundo volume de *História da Virilidade*, Corbin (2013) destaca que em 1749 George-Louis Leclerc, o conde de Buffon, escreve uma série de tratados sobre o naturalismo no reino vegetal, animal e humano; ele se torna precursor de Darwin, abandonando as teorias criacionistas para colocar o homem na escala superior dos seres vivos, esclarecendo o papel de reprodução do macho que tem como incumbência assegurar a perpetuação da espécie “colocando a semente na mulher”.

Para sustentar essa afirmação, Corbin (2013) cita, ainda, um dos tratados de Buffon, intitulado *História natural dos animais*, em que discorre sobre as características do leão como animal de grande poder, que impõe superioridade por meio das suas características físicas, tais como o olhar, a estrutura corporal, a agilidade dos seus movimentos e o seu rugido. Baseando-se nisso, o autor compara as características do leão às mesmas do “macho do gênero humano”. Afirmando que “elas definem a forma viril” (CORBAIN, 2013, p 17).

Essa concepção naturalista forja, portanto, uma série de práticas sociais ligadas às relações entre homens e mulheres, bem como as relações entre os próprios homens. E leva, em primeira instância, aos parâmetros que sustentam a dominação do mais fraco pelo mais forte e a competição e disputa desses lugares de dominação. Como dito anteriormente, a mulher deve assegurar que a virilidade do homem seja mantida, então cabe à mulher ser o lado fraco e dominado. Daí porque em *Queda, o homem de espírito* não tem êxito na conquista dessa mulher, uma vez que

¹⁰ Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/download/7827/5650>>. Acesso em: 19/01/2017.

[...] as mulheres são para ele entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as próprias ideias, supõe-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como ele, de generosidade, nobreza e grandeza (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 51).

Ainda que o *homem de espírito* apenas imagine que a mulher seja um “ente de mais elevada natureza”, esse subverte a sua condição de superioridade e se coloca ou em posição inferior ou em posição de igualdade com esta mulher. Essas ações apenas contribuem para que este seja desprezado pelas mulheres, desprezado no sentido de que o mesmo não se constitui sujeito pelo qual a mulher se interessaria.

No capítulo IV, o autor-tradutor traz o questionamento: “[...] mas quantas mulheres apreciam esses castos manejos?” (IDEM, p.55). O termo “casto” associa-se à condição do *homem de espírito*, do latim *castus*¹¹ que significa, entre outras definições, “puro de costumes, inocente, moderado”. A pergunta retórica, irônica até, remete às ações características que nem de perto seriam apreciadas pelas mulheres da época, pois o homem do final do século XIX é interpretado e significado enquanto ser no qual pulsa uma virilidade tida como naturalmente ligada às atitudes de força, resistência, coragem e potência.

Por essa questão, nos atemos ao fato de que as práticas e condutas masculinas sustentam a discursividade da superioridade dos homens sobre as mulheres e, dessa maneira, regulam como deve ser a sexualidade de um e do outro gênero, o que “resulta na produção de uma norma política andro-heterocentrada e homófoba que nos diz o que deve ser o homem *de verdade*, o homem normal” (WELZER-LANG, 2004, p. 121).

E assim, entendemos, portanto, que é preciso analisar as discursividades do masculino como forma de entender as suas relações com o feminino. Olhar para a masculinidade como objeto a ser redefinido, questionado e colocado em discussão. Dessa forma, acreditamos ser necessário decompor o quadro da relação homem/mulher e buscar um novo quadro, compor novos modelos contratuais dessas relações, baseados, sobretudo, no reconhecimento das particularidades que norteiam as formações da identidade dos gêneros.

Outra questão colocada por Welzer-Lang (2004, p. 111 e 112) é no que se refere ao modo de se pesquisar o masculino. Para o autor seria necessário, antes, superar dois pontos: os segredos masculinos e o androcentrismo. Expõe que, “nas nossas sociedades, homens e

¹¹ Conferir: SILVA, Amos Coelho da; MONTAGNER, Airto Ceolin. 2. ed. **Dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Ceolin Montagner, 2007, p. 63.

mulheres, dominantes e dominados/as não têm as mesmas informações e o mesmo conceito sobre o sentido, as formas e as linguagens da dominação”.

A alegação do autor é que a forma de pensar no paradigma naturalista nos fizeram acreditar que os homens são superiores às mulheres, e assim a dominação é justificada pela concepção naturalista da diferença, bem como pela ocultação da maneira como vive o dominante, ou das suas relações entre dominantes.

Em analogia paralela, os homens têm um conhecimento limitado de como “as dominadas” vivem e se relacionam com as formas de dominação que lhe são impostas. Todavia, nem todos os homens podem dominar, apenas aqueles que estão em condição hierárquica de poder: o homem alpha – *nomino leo*. Os que não se encontram nessa posição, ou são dominados ou devem adquirir as condições e características necessárias para ser um sujeito dominador.

Assim, os capítulos V e VI de *Queda* ocupam-se, diligentemente, em apresentar as características que definem o *homem de espírito* e o *homem tolo* e que os colocam em relação opositiva. Importa-nos, nesse ponto, apresentar a relação de significantes que significam os diferentes lugares ocupados pelo sujeito homem e que posições estes ocupam no discursivo discurso. Pois, conforme o manual, o *homem de espírito*

[...] quando chega a fazer-se amar, **não goza de uma felicidade completa**. Aterrorizado com sua ventura [...] **Pergunta por que e como é amado**; se, para uma amante, é ele uma **necessidade, ou um passatempo**; [...] se é ele amado por si mesmo. Cria ele próprio e com engenho as suas **mágoas e cuidados**; [...] esquece os encômios [...] para lembrar-se somente de uma **observação feita ao menor dos seus defeitos** e que bastante **o tortura**. Mas [...] há no **seu amor** tanto **encanto e delícias!** [...] **saboreia as volúpias mais fugitivas** até a última essência. [grifo nosso] (MACHADO DE ASSIS, 1959, p. 55 e 57)

O homem de espírito **vê no amor um grande e sério negócio** [...] mais grave interesse de sua vida [...] **pode perder** nele algumas de **suas qualidades viris**, mas é para crescer em **abnegação**, em **dedicação**, em **bondade**. **Suporta** tudo naquela que ama **sem nada exigir** dela. Quando ela atende a alguns de seus votos, [...] **agradece com uma efusão** mesclada de surpresa. **Perdoa-lhes generosamente todos os males** [...] Oh! **que inferno**, se a má ventura lhe depara **uma mulher bela e má**, uma **namoradeira fria** de sentidos, ou uma moça de **rabugice precoce!** **Sofre** [...] com a **perfidia da mulher amada**, mas desculpa-a pela **fragilidade do sexo**. A sua indulgência pode então conduzi-lo a degradação. [grifo nosso] (IDEM, p.57 e 59)

Já o *homem tolo*:

[...] é um **amante sempre contente e tranquilo**. (...) **robusta confiança** nos seus **predicados**, que antes de ter provas, já mostra a **certeza de ser amado**. E assim **deve ser**. Em sua opinião **faz uma grande honra à mulher** a quem dedica os seus eflúvios. **Não lhe deve felicidade**; (...) não lhe vem à idéia que se possa ter para com ele ingratidões. (...) no meio das **alegrias do amor**, saboreia ainda a **embriaguez da fatuidade**. (...) em definitivo, **é ele próprio o objeto de seu culto** [grifo nosso] (IBIDEM, p.57)

Vejam, portanto, os trechos marcados no texto e que correspondem, respectivamente, à relação opositiva estabelecida entre o *homem de espírito versus homem tolo*: “não goza de uma felicidade completa” *versus* “amante sempre contente e tranquilo”; “pergunta por que e como é amado” *versus* “certeza de ser amado”; “observação ao menor dos seus defeitos ... o tortura” *versus* “robusta confiança nos seus predicados”; “suporta...sem nada exigir” *versus* “faz uma grande honra à mulher”; “há no seu amor tanto encanto e delícias” *versus* “não é ele quem ama, é ele quem domina”.

Olhando do ponto de vista relacional o que temos são categorizações estabelecidas pelas posições que cada um ocupa na relação com a mulher, tais como: insatisfeito *versus* satisfeito; inseguro *versus* seguro; imperfeito *versus* perfeito; humilde *versus* altivo; romântico *versus* não romântico. Conforme o texto, percebe-se que há uma inclinação para que se configure como atitudes mais aceitas pelas mulheres as de segurança, menosprezo a elas e superioridade. Em contraste, o homem que se mostra muito apaixonado, inseguro e com muito apreço às mulheres, não as atraem.

O processo discursivo aqui descrito reconfirma as categorias instauradas ideologicamente no assujeitamento do homem e da mulher do século XIX. Temos aí instâncias que garantem a manutenção das práticas de distanciamento de um e outro sexo, ou seja, o homem garantindo sua condição de masculinidade, deve, portanto, sobrepor-se a qualquer tipo de atitude que o assemelhe ou o coloque em posição inferior às mulheres. *Queda* instaura, ainda, um modo de ser feminino, que as coloca como atraídas pelo homem que demonstra segurança, superioridade e nenhuma cordialidade para com elas. Nesse sentido, a mulher regula sua posição em relação a este homem, pois quanto mais insegura diante do outro

gênero, mais esse pode demonstrar sua segurança, quanto mais inferior mais este pode mostrar-se superior. Para Bourdieu (2015):

[...] os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas *escolhem* adotar práticas submissas (“as mulheres são seus piores inimigos”) ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas “se deleitam” com os tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie de masoquismo constitutivo de sua natureza. Pelo contrário, é preciso assinalar não só que as tendências à “submissão”, dada por vezes como pretexto para “culpar a vítima”, são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução. O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que são subordinados e que só se subordinam a ele porque o *constroem* como poder (BOURDIEU, 2015, p. 52).

A questão aqui tratada nos leva a identificar a discursividade que determinados comportamentos femininos vão autorizando alguns comportamentos machistas que predominam na sociedade ao longo dos séculos de dominação. E isso não acontece por querer e, nem sempre, dentro de um estado consciente de ações, mas, subjetivamente instaurados nas práticas simbólicas, e que constituem a imagem que os sujeitos atribuem a si e ao outro nas suas relações.

Um segundo aspecto que temos observado na análise de *Queda*, e que nos compete aqui descrever, são os significantes em torno das categorizações bélicas que impelem ao sujeito homem atitudes de rivalidade ou, melhor dizendo, de combate em torno do sujeito mulher. Os trechos seguintes nos levam para efeitos de sentido que decorrem das descrições das atitudes do *homem tolo* em seu movimento de sedução:

[...] como **não é ele quem ama, é ele quem domina**. Para **vencer uma mulher finge**, por alguns momentos, o **excesso de desespero e de paixão**; mas isso não passa de **um meio de guerra, tática de cerco para enganar** e seduzir o **inimigo**. Logo depois recobra ele a **tiranía**, e não a abdica mais [grifo nosso] (MACHADO DE ASSIS, 1859, p. 59)

É nesse ponto que a dualidade das ações do *homem tolo* na conquista visa ludibriar a mulher, enganá-la, por fazê-la achar que o homem tem apreço em demasia e assim sentir-se valorizada. Todavia, à mulher é atribuída a necessidade de ser adorada, desejada para que se sinta valorizada por aquele. Quando “finge [...] excesso de desespero e paixão” supervaloriza o sentimento como manipulação das reações da mulher, e nesse aspecto, o efeito de sentido que se apresenta no texto é de que a mulher é colocada em um pedestal pelo homem para em seguida valorizar-se. Como necessidade de ser reconhecida pelo homem para, então, poder reconhecer-se como objeto de conquista.

No entanto, aquele não sente amor, ou seja, que é indiferente ao sentimento, tem maiores condições de dominar. A proposição “não é ele quem ama, é ele quem domina”, já atribui a esse sujeito mulher a condição de dominada, uma vez que o enunciado pressupõe que é ela quem ama.

Do texto, selecionamos ainda os termos “vencer”, “guerra”, tática”, “inimigo” e “tirania”, que são pertinentes ao conjunto de expressões que circunscrevem o trecho em uma série de significantes ligados ao discurso bélico. A palavra “tirania” nos chama a atenção pelo valor simbólico a que é atribuída seu significado. Nos remete ao uso do poder de forma abusiva, à opressão, à crueldade.

Sendo possível observar que, na relação, o homem se transforma em um tirano. Ele disfarça o seu despotismo, e depois da conquista, demonstra sua condição de opressor e dominador. Contracena, finge ser, para depois exercer alguma forma de soberania sobre a mulher. Esse jogo de ser e parecer ser permeia por todo o discurso da conquista, a camuflagem, a máscara. Aparenta ser o que não é, ou sentir o que não sente, como artifício para atrair a mulher desejada.

A habilidade no disfarce dos sentimentos coloca o *homem tolo* em posição de vantagem em relação àquele que não usa tais artifícios. Tais estratégias são dispensadas pelo *homem de espírito*, de tal maneira que a posição que ocupa sugere sempre uma inferioridade, em outras palavras, deixa de ser o dominador e passa a ser dominado, porém pela exacerbação dos seus próprios sentimentos em relação à mulher.

E, na relação de conquista e sedução, seus galanteios chegam a causar determinado desprezo nas mulheres. Esse perfil, traçado para o *homem de espírito*, difere

completamente do perfil que caracteriza e compõe a categoria do *homem tolo*. São apresentações fortemente marcadas no trecho a seguir:

[...] o homem de espírito, em vista do que é, **inspira** às mulheres uma **secreta repulsa**. Elas se admiram com o ver tímido, acanham-se como ver delicado, **humilham-se com vê-lo distinto**. Por muito que ele faça para **descer até elas**, nunca consegue fazê-las perder o acanhamento. ” [grifo nosso] (MACHADO DE ASSIS, 1859, p.73)

A condição do *homem de espírito* sugere uma posição de humildade quando se trata da conquista das mulheres, não há altivez na sua conduta, portanto, para as mulheres, sua presença e dedicação, ou sua insistência, lhes causa “secreta repulsa” e a humilhação de vê-lo tão distinto. O efeito de sentido no enunciado é de determinado menosprezo feminino pelo homem que se coloca muito disponível às necessidades de conquista. Por outro lado, no discurso do autor, a posição que a mulher ocupa é, contraditoriamente, de uma inferioridade ainda maior que aquela percebida no *homem de espírito*, pois este desce até elas.

Depreende-se do enunciado que, o homem ocupando uma posição inferior em relação a outros homens, em outras palavras, ocupando posições que historicamente são atribuídas às mulheres – submissão, fragilidade – essas se veem desmerecidas de tais atitudes não viris. Daí que, no enunciado, tão marcada sua posição de inferioridade, que “humilham-se com vê-lo distinto”, ao ponto de que “por muito que faça para descer até elas”, ainda assim, não as convencem de tal merecimento.

Há uma hierarquia nas posições definidas pelos sujeitos aqui estudados: as mulheres sabem da sua inferioridade, o homem (*homem de espírito*) desce até elas, mudando sua posição de superioridade, porém esse aspecto não condiz com uma estrutura, já configurada socialmente, das relações entre homens e mulheres do século XIX, e assim constrange a posição em que a mulher se encontra. Igualar-se à mulher, nesse aspecto, diminui a potência sexual masculina, pois inferioriza o homem e, contextualmente, essa posição de inferioridade já está a muito resguardada pelas mulheres.

Assim, ela vai primar por manter seu lugar e assegurar que, nessa condição, o homem não possa alcançá-la, visto que isso a faz vê-lo como um semelhante. Podemos, de algum modo, encarar essa posição que a mulher ocupa, ou seja, sem oferecer resistência ao

seu lugar de submissão, como a sua estratégia de conquista. Diante de tais atributos ligados ao servilismo e fragilidade em relação ao homem, isso se torna o seu poder de sedução. Quanto mais desdenhoso ou astucioso o sedutor, mais evidente deve ser sua docilidade ou disponibilidade em ser encantada ou enganada. Nisso consiste assegurar sua posição de feminilidade demarcada na época. Daí que se segue no texto que a “queda que as mulheres têm para os tolos” se justifica, pois:

[...] o tolo não atrapalha, **nem ofusca** as mulheres [...] ele **as anima** e fraterniza-se com elas [...]. Compreende-as e elas o compreendem. Longe de se sentirem **deslocadas** na sua companhia, elas a procuram, porque **brilham nela** [...]. Na persuasão de que ele não pensa melhor, nem contrário a elas, **auxiliam o triste**, quando a idéia lhe falta, **suprem-lhe a indigência**. Como se fazem valer por ele, **é justo que lhe paguem**, e por isso **consentem em ouvi-lo em tudo**. Entregam-lhe assim os seus ouvidos, que é o caminho do seu coração, e um belo dia admiram-se de ter encontrado no **amigo complacente** um **senhor imperioso**. [grifo nosso] (MACHADO DE ASSIS, 1859, p. 73)

Separámos no enunciado acima os trechos “nem ofusca”, “as anima” referindo-se a maneira com que o *homem tolo* trata as mulheres. Ora, o tratamento condiz com a forma com que essas mulheres se sentem à vontade na conquista. O fulgor que elas possuem em relação à beleza, candura, delicadeza deve ser atributo somente delas, os quais são usados para auxiliar o homem nos seus desígnios. Isso deve ser valorizado para que estas mulheres se sintam no papel de serem cortejadas. O efeito de sentido causado pelas expressões “auxiliam”, “suprem-lhe”, “justo que lhe paguem” e “consentem em ouvi-lo em tudo” sugerem a objetificação das mulheres quando essas atendem às necessidades do homem como retribuição a atenção que lhes é oferecida.

Extraímos do texto, também, a relação de oposição marcada pelos fragmentos “amigo complacente” *versus* “senhor imperioso”, em que, os substantivos e adjetivos, respectivamente, “amigo *versus* senhor” e “complacente *versus* imperioso”, trabalham para configurar a relação de altivez e depois de submissão que as mulheres são submetidas no contexto do enunciado. Reforça, por conseguinte, o jogo de parecer ser e ser que o sedutor precisa criar para se aproximar do seu objeto de conquista. A teatralização das suas emoções, o disfarce das intenções se configuram na aproximação amigável para depois se conformar na relação que se espera como manifestação das relações entre homens e mulheres no século XIX.

Chegando ao fim da exposição dos dois tipos de homens que atraem ou repelem as mulheres, o autor-tradutor, nos deixa a confirmação da incompetência, em termos de sedução, da figura masculina ligada, essencialmente, à predicação do campo do sentimentalismo, campo esse intimamente relacionado ao universo feminino: “diferem os tolos e os homens de espírito “[...] **nos seus meios de sedução.**” [grifo nosso] (MACHADO DE ASSIS, 1859, p. 59)

A conclusão final é, que **os tolos triunfam, e os homens de espírito falham**” [grifo nosso] (IDEM, 1859, p. 75 e 77). A autoridade no assunto é dada pela massificação dos argumentos e exemplos anteriormente expostos ao longo do ensaio crítico sobre tais comportamentos masculinos. Sem contestação, ao leitor homem, resta crer que, em matéria de conquista, o mais importante é jamais demonstrar em demasia seus sentimentos, sob pena de assemelhar-se ou muito descer até a posição feminina. Para a leitora, a sugestão de que permaneça seu lugar de vulnerabilidade, fragilidade e docilidade, afim de garantir a possibilidade de ser cortejada.

O trecho a seguir, retirado do último capítulo de *Queda*, faz uma referência à naturalização das ações atribuídas às mulheres da época (instintivas e temperamentais):

Depois de ter indagado as causas da **felicidade dos tolos**, e da **desgraça dos homens de espírito: perderemos tempo precioso em acusar as mulheres?** [...] **as mulheres não são senhoras de si próprias;** [...] nelas **tudo é instinto** ou temperamento [...], portanto elas **não podem ser culpadas de suas preferências** [grifo nosso]. (IDEM, 1859, p. 77)

As mulheres ficam isentas da qualquer responsabilidade do sucesso ou insucesso da conquista pelo homem. Uma vez que “nelas tudo é instinto”, não possuem discernimento. Assim o efeito de sentido é a atribuição de uma conduta feminina ligada à infantilidade, ou infantilização do ser feminino, quando suas ações são de necessidades instintivas. Por esse motivo, pressupõe-se que ao homem cabe a percepção necessária para agir levando em consideração as intempéries da mulher. Sem voz, sem vez, sem domínio de si, resta ao homem garantir às mulheres o controle das ações delas.

No século XIX, pairava sobre o feminino, sobre as mulheres, a crença de que seus atributos de fragilidade, beleza, submissão, sedução e doçura, eram designadamente da sua

natureza, e, por tanto, aquelas que se desviassem desse caminho eram vistas como antinaturais, ou seja, a negação dessa característica, tida como nata, as colocariam, com efeito, em uma posição desvirtuada. Por outro lado, qualidades negativas, também, foram naturalizadas aos comportamentos femininos, tais como a falsidade e amoralidade. Os estudos médicos e biológicos da época endossaram essa concepção, fazendo com que, de certa forma, qualquer comportamento que não estivesse em sua categoria de normalidade poria a mulher em situação de risco social para ela e para os seus (ENGEL, 2015, p.).

As mulheres do séc. XIX ocupavam uma posição ambígua quanto às suas características femininas, ora tidas como dóceis e frágeis, ora, atozes e maliciosas. Engel (2015) em *História das Mulheres no Brasil*, justifica esse antagonismo afirmando que essa dualidade perpetuou cunhada no argumento de que seriam contradições do próprio instinto feminino, e que, portanto, também naturais ao comportamento das mulheres. Acrescenta a autora que, como justificativa, tais condições prevalecem sempre no âmbito da sexualidade e afetividade das mulheres.

Desviando-nos ao contexto de *Queda*, mas, ainda assim, pertinente às críticas levantadas a esta obra, muitos autores estudiosos de Machado de Assis, atestam que, este ensaio, sobretudo no seu último capítulo, tenha sido o ponto de início para a criação dos perfis femininos machadianos: “Ora, qual delas pode dizer que predileção a impele, que paixão a obriga, que sentimento a faz **ingrata**, ou que **vingança** lhe dita as **malignidades**? ” (p. 77, grifo nosso). Os significantes “ingrata”, “vingança”, “malignidades”, atribuem à interpretação o efeito de sentido do qual poderíamos atribuir todo o distanciamento que convém ao homem manter da mulher. O medo do feminino fica marcado por tais atributos, e se justifica na construção de um discurso que sustenta a necessidade dominar e garantir o controle das mulheres.

Provém da Europa dos séculos XVIII e XIX a produção de discursos que visam regular e ajustar as mulheres em um espaço social, imputando-lhes um “conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominados *feminilidade*”, e que, por conseguinte vão formando sujeitos delimitados e organizados conforme sua natureza. Ao passo em que essas qualidades são constituídas em torno da naturalização do sexo feminino, outro conjunto de ações, qualificações e regulações são criadas, num sentido oposto. Uma vez que discursos reguladores surgem para repelir essa condição e normatizar, por meio da sociedade, a

‘natureza feminina’, de forma a garantir que cumprissem o papel ao qual foram designadas: o lar, a família e a maternidade (KELL, 2008, p. 48).

Seguimos, finalizando a análise de *Queda*, com o trecho que insere as características atribuídas às mulheres e que se configuram como uma verdadeira sátira ao comportamento feminino, especialmente, ao que se refere à beleza, sensibilidade e incapacidade cognitiva, como aparece na citação a seguir:

Elas se apresentam belas, apetitosas e cegas: não vos basta isso? Querê-las com juízo, penetrantes e sensíveis, é não conhecê-las. [...] Procurai as mulheres nas mulheres [...]. Para conquistar esses entes frágeis e ligeiros, é preciso atordoá-los pelo rumor dos vossos louvores, pelo fasto do vosso vestuário, pela publicidade das vossas homenagens [grifo nosso]. (MACHADO DE ASSIS, 1859, p. 79)

O texto sugere que relegar às mulheres outro estatuto que não o que a elas já está previamente definido é não ter conhecimento a respeito das mulheres. E indaga sobre a condição que já seria suficiente para agradar ao homem: “belas, apetitosas e cegas”, que, tomando ao efeito de sentido do qual se detém a ironia do ensaio, seria dizer que aos homens devem interessar que a mulher não seja feia, sirva-lhes na cama, ou seja, que eles possam saborear do corpo delas e que estas vivam na escuridão da ignorância que as mantém fora da vida pública. Garantindo assim, que o homem afirme a sua posição de dominação.

Ao fim, com o fragmento, “Por que vos obstinais a pedir o que a Providência não lhes deu?” (IDEM, 1895, p. 77), voltamos para o início do texto para lembrar que a categoria *homem tolo* é um “selo divino”, e que, portanto, o discurso religioso assegura que todo e qualquer comportamento advindo dessa categoria de sujeito masculino está resguardado pela sua posição concedida pelo divino. Ao passo que, às mulheres não foi possível conceder atributos de igual valor superior, por isso não se pode pedir querer que as mulheres apresentem “o que a **Providência** não lhes deu”. Isso vai garantir ao homem divino a incumbência de purificar a mulher profana, e protegê-la do mal de si mesma. Assim, elas não podem querer nada mais do que estar aos pés do Deus homem, daí a sua “queda”, a sua rendição.

Pondo fim ao ensaio, o autor, atesta: “Sim, sim, é mister **ousar tudo** para com as mulheres (IBIDEM, 1985, p. 81, grifo nosso). Toda tática, camuflagem, teatralização das emoções, desfaçatez, enganação, e fingimento, são possíveis como técnica para conquistar as mulheres. E a ousadia dessas ações são justificadas pela necessidade de domar o instinto

natural a que as mulheres são submetidas, como as tenha em “queda” aos pés desse perfil, tudo o quanto possível na teatralização das emoções terá como garantia o êxito na conquista.

3.2 Revista *Playboy* nos contornos do deslocamento da masculinidade

Playboy é uma revista masculina que circula no Brasil desde 1975. Inicialmente foi lançada com o nome de *A Revista do Homem* pela Editora Abril, pois sua publicação como *Playboy* foi censurada pelo regime militar que à época detinha o controle de publicações da imprensa sob uma censura prévia. As primeiras edições traziam conteúdos ligados a temas diversos – carros, economia, conteúdos políticos e, entrevistas com personalidades. Até o afrouxamento do regime militar, apresentava modelos mais comportadas sem a exibição explícita do corpo nu das mulheres. Contava com um público essencialmente masculino e de classe média alta.

Os exemplares com o nome que hoje conhecemos só passaram a circular em julho de 1978, e nesse mesmo período modelos americanas estamparam a capa da revista. Na década de 80, a revista se consagrou como a mais popular no universo masculino e passou a publicar matérias com nomes da cultura e da política: Jorge Amado, Lula e Fidel Castro, estão entre eles. Suas capas polêmicas nas décadas de 80 e 90 incluem os ensaios fotográficos com Luciana Vendramini, modelo, que, em 1984, posou para a revista antes dos 18 anos de idade; Roberta Close a primeira transexual a estampar a capa da revista masculina em 1987 e, a polêmica envolvendo a publicação de dezembro de 1991 em que a jogadora de basquete Marta de Sousa Sobral não foi capa da *Playboy* por ser negra, dando lugar à atriz Sônia Lima.

Mesmo sendo uma revista de grande impacto cultural entre os homens, esta não apresentava, até meados da década de 80, matérias com conteúdo ligados ao comportamento masculino, restringindo-se aos temas citados anteriormente. Com o objetivo de entreter, limitava-se a não entrar nas questões que envolviam a relação direta entre os homens e as mulheres. Por esse motivo, poucos foram os exemplares que, no decorrer desta pesquisa, foi possível encontrar o tema “técnicas de sedução” ou “dicas de conquistas”. A partir dos anos 90 é que se percebe a inclusão da sessão comportamento, trazendo, portanto, matérias envolvendo as fragilidades masculinas e os problemas deste gênero.

Sendo assim, nos atemos a duas matérias, a primeira do ano de 1991 e outra do de 1999, que aqui compõem parte do nosso objeto de pesquisa: *Como dar a cantada certa - Playboy*, ano XVII, nº 195, outubro de 1991 e *A ciência da paquera - Playboy*, ano XXV, nº 292, novembro de 1999. Dentre mais de 30 exemplares entre 1980 e 1990, esses dois títulos foram, especificamente, direto ao ponto do tema da conquista e sedução. Curiosamente, durante a década de 90, a revista teve sua maior expressão de vendas entre seus consumidores, bem como, contava com 41% dos seus leitores estando na faixa entre 20 e 29 anos.

Paralelo à história de publicação da revista, o cenário político brasileiro passava pela transição do poder militar que perdurou por mais ou menos 20 anos (1964 – 1985), e, dessa forma, passava pelo momento da mudança de um regime extremamente fechado para uma certa abertura política, que teve seu início já em 1979 no Governo Geisel. Para nós, é importante ressaltar que nesse mesmo momento começam a se delinear os contornos do retorno dos movimentos feministas no Brasil. No cenário internacional, a ONU – Organização das Nações Unidas – apresenta uma declaração instituindo o ano de 1975 como o “Ano Internacional da Mulher”¹². Esse documento deu bastante visibilidade ao feminismo no âmbito internacional.

Na década de 70 se começam a delinear pesquisas em torno da concepção cultural de gênero. A concepção naturalista passa a ceder um espaço importante para os estudos que trazem como concepção a construção social do gênero masculino e feminino. Com isso, presenciamos o que poderíamos chamar de um início da crise na virilidade. Configurada em tal contexto histórico e já abordando sobre as fragilidades em torno do homem viril, a revista apresenta o tema da cantada como uma técnica de sedução e aproximação que o homem pode usar no momento da conquista.

Em “Como dar a cantada certa”, título da matéria de 1991, a expressão a “cantada certa” implica uma escolha que, em termos de “cantada”, deve exigir do sujeito masculino o esforço de elaborar, de forma minuciosa, uma estratégia para aproximar-se do sujeito feminino. Essa abordagem – a cantada – está ligada a um comportamento da sedução proveniente, historicamente, de ações, quase que exclusivamente, do universo masculino. Mesmo nos dias atuais, não é comum a mulher tomar a iniciativa na conquista, pois ainda pelos parâmetros de uma cultura patriarcal, enraizada em manifestações machistas, ao homem

¹² <https://nacoesunidas.org/acao/mulheres/>. Acesso em março de 2017.

fica a incumbência de dar o primeiro passo nesta empreitada, enquanto à mulher resta a espera da escolha.

Pressupõe, também, existir um tipo de cantada que precisa ser aprendida para que o sucesso da conquista se concretize. Por outro lado, podemos pensar partindo dessa inferência que existe a “cantada errada” e que esta pode contribuir para o insucesso da abordagem. Por trás do título, podemos nos ater ao efeito de sentido que a oposição “cantada certa” *versus* “cantada errada”, associada ao sucesso ou insucesso da empreitada da conquista, tem como peso interpretativo no entendimento histórico da crise da virilidade do sujeito homem.

Queremos dizer que essa relação de oposição, sutilmente, marca a possibilidade de se admitir que cantar a mulher de forma certa não é uma tarefa atribuída ao comportamento de todos os homens, e que nesse caso, precisa ser ensinada àqueles que não possuem tal habilidade. Em outras palavras, nem todos os homens possuem as condições essenciais para investir na conquista do sexo oposto, de maneira que necessita de saberes específicos para tal conduta. Porém, antes de se configurar como um problema da sua natureza, é dado ao fato – não ter as desenvolturas da conquista – um status de saber científico, uma vez que se configura como uma questão que pode colocar o homem fora dos padrões de virilidade.

Diante desse aspecto, no trecho “Conquistar uma mulher é um **delicioso jogo** que depende de cada movimento. Se as **pupilas** delas **abrirem**, por exemplo, **avance**” (p. 85, grifo nosso) destacamos a expressão “delicioso jogo” como manifestação de um discurso que nos remete ao efeito de sentido de entretenimento que a palavra jogo, nesse caso, causa. Em “avance” podemos perceber uma alusão direta aos jogos de tabuleiro que exigem do jogador atenção aos detalhes e perspicácia para avançar um passo de cada vez, seguindo as regras estabelecidas para cada jogada.

[...] **conquistar uma mulher não é ciência exata**. Ao contrário, **é um jogo** – mas um jogo que segue regras bem definidas. Nessa **dança** – a fascinante **dança da cantada** –, cada movimento precisa ser minuciosamente analisado, como se **o conquistador** estivesse **diante de um tabuleiro de xadrez**” [grifo nosso] (PLAYBOY, ano XVII, nº 195, out. 1991, p. 85).

Seguindo a lógica do jogo para a sedução, o enunciado apresenta, novamente, alusão aos jogos, conforme dito anteriormente. O reforço desse enunciado eleva o efeito de

sentido que decorre da interpretação dessas passagens, pois quando o autor da matéria compara a conquista ao jogo de xadrez, isso pressupõe que a conquista da mulher desejada é um momento muito complicado e que necessita bastante conhecimento e atenção por parte do “conquistador”. O trecho “diante de um tabuleiro de xadrez” sugere que cada movimento deve ser pensado e analisado para que o objetivo seja atingido: a conquista do Rei pelo adversário, ou a proteção do próprio Rei do jogador, e isso necessita conhecimento e técnica.

Decifrar os sinais estampados no rosto, na voz e no corpo da **mulher que está em sua mira** é a primeira lição da cartilha dos experts em cantadas. **Eles normalmente só se aproximam de sua caça** quando estão seguros de suas reais possibilidades de êxito [grifo nosso] (PLAYBOY, ano XVII, nº 195, out. 1991, p. 85).

Assim com *Queda*, outro ponto que distinguimos é que a constituição textual desta matéria da revista *Playboy*, foge aos parâmetros dos manuais de instruções – na perspectiva de um texto injuntivo que indica de forma imperativa um ajuste no comportamento – para se configurar como um texto tematicamente mais elaborado no que consiste o seu conteúdo, ou seja, ainda que traga dicas para obter o melhor resultado na sedução de mulheres, o tema é apresentado com mais formalidade e com elementos textuais – dados de pesquisas, entrevistas com pesquisadores, etc. – que sustentam a cientificidade do assunto.

[...] quando está interessada num homem **a mulher exhibe a palma da mão ao fumar**, ou **mexe muito no cabelo** – são **sinais inconscientes** de quem está querendo se exhibir. As **pupilas dilatadas** também indicam que a cantada está no tempo certo e que o **desbravador** deve seguir em frente. [...] ‘Há pelo menos trinta sinais que fazem parte do **ritual do flerte**’, **explica o professor** Aílton Amélio Silva, **coordenador da área de comunicação não verbal da Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, a USP** [grifo nosso] (PLAYBOY, ano XVII, nº 195, out. 1991, p. 152).

Os “sinais inconscientes” e “as pupilas dilatadas” são saberes ligados à psicologia, à medicina que, por exemplo, norteiam o discurso científico presente no texto. A presença dessas expressões, bem como a indicação da profissão e cargo ocupados pelo sujeito que corrobora a matéria, no caso, “explica o professor” e “[...] coordenador da área de comunicação não verbal da Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, a USP (...)” são marcas discursivas que confirmam essa tendência do texto em questão.

A presença dessas marcas indica determinada autoridade naquilo que se está enunciando e são justificadas pela necessidade de promover no universo masculino a aceitação da mudança pela qual o homem do final do século XX estava passando. Para tanto, instituições sociais passam a ditar novos saberes e formas de ajustar a estas questões para dar-lhes uma espécie de licença social que fortifique o reconhecimento e valorização de um novo modelo de masculinidade (NOLASCO, 1995).

Nisso consiste, pois, a presença de alguém representando determinada instituição de poder, como a universidade, e elaborando saberes que vão nortear o sujeito masculino quanto aos deslocamentos sofridos pós feminismo. No trecho abaixo, temos que o “sucesso de uma cantada” está associado ao fato do homem observar “fatores físicos e psicológicos” da mulher. Nesse caso, o efeito de sentido é o de um homem que deve estudar minuciosamente esses fatores para garantir a precisão com que vai dar a sua cantada, de modo que não cometa erros.

Se o século XIX é marcado pela regulação da sexualidade feminina, cabendo ao homem a incumbência de proteger a mulher dela mesma – devido aos seus rompantes desculpados pela natureza das suas ações –, e nesse ponto, se justifica os efeitos da dominação da mulher. Essa matéria da revista vem desconstruir os sentidos em torno da regulação a sexualidade feminina, para, na verdade, solicitar ao sujeito homem que faça com que as mulheres se dispam dos seus pudores. Ao homem cabe, agora, a missão de quebrar as inibições femininas, desvelando os desejos sexuais da mulher.

O **sucesso de uma cantada** depende de alguns **fatores físicos e psicológicos** que não podem mesmo ser desprezados por quem entra nesse **delicioso labirinto**. [...] precisamos **quebrar as inibições femininas** e **despertar o seu interesse sexual**. [grifo nosso] (PLAYBOY, ano XVII, nº 195, out. 1991, p. 152)

No final da última década do século XX, a revista Playboy publica a matéria “A ciência da paquera”, no formato de uma pesquisa, que consiste em informar o leitor sobre a possibilidade de se fazer cursos na Universidade de São Paulo – USP, voltados para quem deseja aprimorar conhecimentos e/ou vencer os desafios no quesito paquera. Com a proposta de fazer o graduando ou pós-graduando da universidade vencer a timidez, a matéria apresenta as contribuições que tais disciplinas – “Relacionamento amoroso (teoria e prática)”, “Seleção

de parceiros, Flerte, Namoro e Casamento” e “Ligação amorosa: relacionamento, sexo e amor” – têm dado aos seus discentes nas suas experiências no momento da conquista.

Como na matéria anterior, a revista Playboy apresenta uma linguagem que visa ao máximo valorizar a especificidade técnica do assunto, trazendo ao leitor um conteúdo que sugere confiabilidade por abordar o tema no âmbito científico. Do título da matéria “A ciência da paquera” destacamos a palavra “ciência” sugerindo ao leitor um aprofundamento do tema, pois elevado a esse nível, a palavra desloca o assunto da sua categoria, usualmente, ligada a uma linguagem mais ordinária para uma linguagem mais creditada.

Assim, o texto é constantemente endossado por um discurso de cientificidade quando traz ao leitor enunciados proferidos por professores e pesquisadores, ou dados de pesquisas realizadas por determinadas instituições que promovem os estudos ligados ao assunto da paquera. Tais como os termos em destaque no fragmento abaixo:

A moldura dos três cursos **da USP** é um **Centro de Estudos da Timidez** e do Amor, **comandado** pelo **professor** Ailton Amélio da Silva, **51 anos de idade**, o responsável pelo desembarque dessas **ousadias** nos **circumspectos** domínios da universidade e, em última análise, pelo surgimento de uma clínica especializada como o CAT [grifo nosso] (PLAYBOY, ano XXV, n. 292, nov. 1999, p.184)

Os contornos sociais do final do século XX e adentrando o século XXI se mostram girar em torno da capacitação do sujeito para cada vez mais assegurar-se num espaço de concorrência, estimulação da sua individualidade e busca de uma perfeição pessoal. Daí que, aprimorar os conhecimentos, e a promoção de saberes subjetivos em espaços científicos, possibilita o refinamento do eu.

No entanto, mesmo revestido de cientificidade, há um deslizamento de todo o contexto ligado aos saberes científicos, para a inclusão, mesmo que discreta, do discurso religioso. No fragmento “mesmo **em tal igreja**, porém, **essa reza** particularíssima volta e meia **empaca no maior obstáculo** plantado no limiar de boa parte dos relacionamentos amorosos: **a timidez**”, os termos “igreja” e “reza” quebram com toda a especificidade científica atribuída ao longo de todo o texto.

3.3 Manuais de técnica de sedução publicados em *blogs* masculinos – O século XXI e a crise da masculinidade

Os manuais de sedução são textos que visam passar instruções para seus leitores, pressupondo um leitor que busca melhorar sua capacidade para conquista. Esses textos possuem expressões imperativas que indicam como deve ser o comportamento do leitor e buscam auxiliar para que as aptidões se manifestem naquele que está sendo instruído.

Os manuais são textos que estão na categoria dos gêneros textuais de referência, ou seja, textos voltados a dar instruções, fornecer informações ou noções básicas sobre determinado assunto. Encontram-se na tipologia de textos injuntivos e têm como principais características o predomínio de formas verbais no imperativo, no infinitivo ou no futuro do presente, bem como, formas adverbiais de modo. Apresentam períodos simples que indicam um encadeamento de ações com conectivos de sequenciação, tais como, *primeiro*, *depois*, *finalmente*, etc. Esse tipo de texto admite a prescrição de ações que, na maioria das vezes, devem ser obedecidas em sua ordem sob risco de comprometer o resultado final.

Rosa (2003) oferece uma classificação para os textos injuntivos, levando em consideração o seu papel sócio-comunicativo. Dessa forma, dividi-os da seguinte maneira:

[...] a) textos instrucionais-programadores: tem por finalidade instruir/ensinar alguém a realizar algo (exemplos: receitas, guias e manuais de um modo geral); b) textos de conselho: objetivam aconselhar alguém a fazer algo (exemplos: horóscopo e conselhos de saúde, beleza, comportamento etc.); c) textos reguladores-prescritivos: visam a obrigar alguém a efetuar algo (exemplos: ordens, leis, regimentos, regras de jogos) (ROSA, 2003, p.32).

No que diz respeito aos textos aqui analisados – manuais de sedução e conquista -, dentro da categoria da referida autora, eles se situam como texto de conselhos. Sendo assim, entende-se que em um *manual de sedução de mulheres* visa aconselhar o leitor homem quanto seu comportamento na sedução e conquista do objeto desejado.

Assim, os *blogs* foram escolhidos aleatoriamente por meio de busca na ferramenta de procura do *Google*. A busca foi feita com as palavras “sedução”, “conquista”, “mulheres”. A escolha foi realizada pelo primeiro site que apareceu e os subsequentes, conforme se dava a leitura e seleção dos textos. Os manuais de sedução que usamos, foram retirados do blog

www.atitude.com e outro que, como já mencionamos, encontram-se no anexo ao final do trabalho.

Entendemos que os *manuais de sedução* são textos que buscam, em um primeiro momento, instruir o homem a adquirir ou manifestar suas ações viris, ou seja, colocá-los na posição de sujeito homem, conforme uma série de práticas que assim configuram a noção de masculinidade e virilidade na sociedade. Por esse motivo, muitas vezes os enunciados construídos para essa finalidade são formas imperativas que determinam como ser ou deixar de ser ou um modo de agir, pressupondo a não existência dessa atuação.

A linguagem, assim, desliza entre o ser e o parecer ser, fazendo o sujeito masculino ocupar lugares que são, na maioria das vezes, a representação de papéis constitutivos de uma teatralização que camufla as relações de dominante e dominado. No jogo de imagens, os lugares são construídos ideologicamente e vão dando significação aos sujeitos que se apresentam no discurso.

O blog Atitude.com, em sua sua página inicial¹³, traz a apresentação do seu conteúdo e posiciona o leitor, por meio de orientações e informações, a respeito das categorizações de homem e de mulher, a saber, homem alfa, homem beta, mulher alfa, mulher beta dentro de um contexto do discurso biológico ou de naturalização dos sexos.

Então, se você quer ter uma **atitude alfa**, deve agir semelhantemente ao **macho alfa** do **reino animal**. Essa atitude, além de ser **importante socialmente para um homem**, seja no trabalho, na relação com os amigos, nos estudos, vai ser muito útil no trato com as mulheres, ainda mais se o homem estiver em busca de uma **fêmea alfa** [grifo nosso]. (ATITUDE.COM. Disponível em: < <https://atitude.com/> >. Acesso em: 03.01.2015)

São posições definidas e marcadas pela caracterização de um e do outro sexo levando em consideração suas capacidades naturais para a conquista e ascensão na sociedade, como um sujeito que está apto a conquistar não apenas uma parceira, mas, também, conquistar outros *status* – sociais, econômicos e profissionais.

¹³ Disponível no anexo C.

Em outro trecho deste manual, temos que “[...] o homem de atitude alfa é educado e simpático, sem contudo parecer chiclete ou ficar implorando a atenção dos demais”. Podemos relacionar o *homem de espírito* de *Queda* ao “homem de atitude alfa”, que estaria na mesma categoria do *homem tolo*. Esse homem assume ações de cordialidade para com a mulher, sem, contudo, parecer acessível demais, assim, criando determinado distanciamento na relação com a mulher, como se fizesse um jogo de entrar e sair de cena, para ocupar o lugar de homem.

O homem não pode se mostrar tão disponível. Nesse aspecto, a instrução orienta, no deslizamento de sentido do termo “chiclete”, que o homem mantenha, em outras palavras, seu valor de conquista, por meio de demonstrações de desinteresse. O efeito de sentido ligado à imagem do “chiclete” é a de que o homem não seja aproveitado até perder o sabor e depois jogado fora. Outra imagem que podemos associar é a de que “chiclete” é algo que gruda e que é difícil de arrancar. Há, portanto, um jogo de acessibilidade, o homem se torna disponível, mas precisa manter determinado distanciamento para continuar sendo desejável.

Por mais que um homem esteja saindo com uma gata, ele **não pode colocá-la num pedestal** e fazer todas as suas vontades. É necessário que ele mostre que **não é tão fácil assim conquistá-lo**. (...) ele não pode se declarar de primeira, nem de segunda: ele deve aguardar um certo tempo. Além disso, **fazer-se de difícil** vai mostrar à mulher que ele não se interessa por qualquer uma [grifo nosso]. (ATITUDE.COM. Disponível em: < <https://atitude.com/> >. Acesso em: 03.01.2015)

Encontramos no fragmento acima, a repetibilidade da ideia da não disponibilidade, fazendo com que o jogo de conquista resulte de atitudes de ir e vir, de ser e parecer. Uma encenação, teatralização das atitudes. Você não é, mas deve parecer ser para conquistar. É a camuflagem que atrai. E o homem se propõe a apresentar atributos que não estão evidentes o tempo todo, mas que se mostram eficazes para chamar atenção. Vemos assim, a supervalorização de comportamentos que visam ludibriar a mulher e se sobressair frente aos outros homens. Além desse aspecto, “não é tão fácil assim conquistá-lo” indica um efeito de sentido contrário à posição que o homem diz ocupar, pois visto como “macho alfa”, o ser que domina, este, contraditoriamente, parece ocupar agora lugar de objeto, de dominado.

As mulheres de atitude alfa são as mais propensas a se interessar por machos alfas, pois elas querem alguém com o mesmo poder de força e decisão que elas têm.

Mulheres mais tranquilas e carentes são ainda mais fáceis de serem conquistadas através de uma atitude alfa. A partir do momento em que o homem decide adotar o perfil alfa, ele pode conquistar a mulher que quiser [...] (ATITUDE.COM. Disponível em: < <https://atitude.com/> >. Acesso em: 03.01.2015)

As “mulheres de atitude alfa” são de uma categoria de mulher designada como difícil de conquistar, o discurso pressupõe que ela esteja na mesma categoria do homem conquistador – “poder de força e decisão”. Uma vez que a mulher não é considerada uma fêmea alfa, essa apresenta melhores chances de ser conquistada, assim, a mulher “frágil”, “carente” e “fraca” é o estereótipo que figura o imaginário da mulher ideal para o homem conquistador, em outras palavras, uma mulher “fácil”. Com essas características as mulheres, conforme o discurso desse manual, não oferecem resistência e nem uma contraposição em ser dominadas.

Do contrário, o esforço demandado para conquistar e seduzir é comparado a uma grande batalha em que se faz necessário táticas de guerra. Isso nos remete a uma herança da formação da masculinidade e nos chama atenção para o fato de que há um grande engodo nessas relações. **Falaremos** dessa questão mais adiante. Com efeito, não há um crivo que determine um tipo específico de mulher, apenas o desejo, pois aquela a quem o homem desejar será o alvo de suas investidas – “a mulher que quiser”. Dessa forma, o manual garante que o homem, seguindo as instruções de atitudes de dominação, de “macho alfa”, pode conquistar qualquer mulher.

Outro ponto a ser analisado ainda na apresentação do blog, é o subtítulo “Tenha as mulheres na palma da mão”, seguido do trecho: “uma atitude alfa apimenta a relação e deixa a mulher caidinha por você”, mais especificamente os fragmentos “mulheres na palma da mão” e “a mulher caidinha por você”. A palma da mão é região do corpo utilizada para segurar com firmeza determinado objeto. É uma função designada pela biologia como de grande importância para a dominação dos animais pelos seres humanos. Por meio da preensão palmar, ou seja, a habilidade de força com a palma da mão, os humanos puderam criar e manipular ferramentas de caça e domínio dos animais.

A “mulher na palma da mão” é mais do que o controle e poder sobre a mulher, é a qualificação da soberania do homem exercida sobre a mulher. Também busca a inferiorização da mulher quando essa passa a ser ‘coisificada’; um objeto disposto na palma da mão: a ‘objetificação’ da mulher. Interessa-nos, portanto, observar que para compor esse discurso, antes, a imagem pré-estabelecida é da mulher indomável, que não está em posição

de domínio ou vulnerável ao domínio. Entretanto, se o homem alcança a categoria de um homem dominador, então poderá detê-la em seu comando, no caso, as mãos.

Observamos que o sentido, também, se desloca para o discurso religioso, quando “palma da mão”, pode significar um determinado cuidado. Em Gênesis 9:1,2 a passagem “e abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos e enchei a terra. [...] tudo o que se move sobre a terra, e todos os peixes do mar, nas vossas mãos são entregues¹⁴, remete a “estar na mão” ou “sob a mão” de alguém. Em outros termos, apresenta o efeito de sentido de estar sob o poder ou domínio deste, podendo também significar “à disposição” ou “aos cuidados” de alguém. Ora, se a mulher precisa ser colocada “na palma da mão” do homem, a posição que a mulher ocupa não é mais a de dominada, dessa feita, o homem precisa se realocar socialmente, pois a sua posição de dominador fora deslocada em decorrência das emancipações femininas. Mesmo a presença do discurso religioso, colocando a mulher aos cuidados do homem, nas rédeas deste, tem perdido força nesse novo contexto histórico.

Pelo mesmo caminho, a expressão “mulher caidinha” carrega o sentido de que a mulher deve ficar aos pés do homem, voltar ao seu lugar de inferioridade. Se a intenção da conquista é deixar uma mulher aos pés, a ideia de uma superioridade feminina é a premissa para vê-la em queda. A mulher parece estar, para ele, em um lugar inalcançável, e ele a deseja pôr em seus pés, retirando o caráter de divindade. Para conquistar ele precisa colocar a si mesmo no pedestal. A sua autoafirmação dependente de fazer descer a mulher a um lugar de inferioridade.

Na pré-história, a mulher era quem ocupava sim um lugar de destaque nas relações com o homem. A ela era dada a condição divina, pelo desconhecimento da sua condição de procriadora. Com o surgimento da atividade pastoril, a domesticação de animais e a organização das sociedades em lugares fixos, foi possível observar com mais precisão e atenção a fertilização das fêmeas. Dessa forma, a importância dada às mulheres em decorrência do *status* concedido a elas devido sua capacidade reprodutiva foi se desconstruindo (ROCHA, 2009).

Os homens passaram então a ditar, com autoridade, suas regras de convivência e o controle da sexualidade das mulheres. Assim, por meio da força física e o conhecimento de

¹⁴ Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/9>>. Acesso em: 10.02.2017.

sua participação na contracepção, esses começam a ocupar seus lugares de dominação. Deixam de ver as mulheres como companheiras e a si mesmos como iguais, e a mulher ocupa o lugar de bem ou propriedade. Essa nova organização entre homens e mulheres estabelece o princípio da sociedade patriarcal (ROCHA, 2009).

Outro avanço das sociedades pré-históricas e que cooperou para o surgimento da era do patriarcado, foi a descoberta e domínio das técnicas de fundição de metais. Isso favoreceu a criação de instrumentos de caça o que fez com que as atividades bélicas fossem exercidas como forma de conquistar territórios e escravizar pessoas. As relações entre diversos povos, suas culturas e crenças religiosas instituíram novas formas de cultuar os deuses e deusas. Com a evolução da sociedade, principalmente ocidental, as relações de miscigenação e o surgimento das cidades, estabeleceu-se assim a adoração a um deus, supremo e masculino (ROCHA, 2009).

A negação da mulher no pedestal e a mulher caída são imagens simbólicas que podem remeter historicamente a um não retorno da posição de divindade que um dia a mulher já ocupou. Essa repetibilidade sugere a permanente necessidade do homem em destituir a mulher de um lugar de superioridade, ao mesmo tempo, em que pressupõe uma mulher que já está numa condição superior.

Com a possibilidade de se recolocar em uma igualdade na sociedade, a mulher se ver restituída a sua posição de colaboradora. No entanto, também desloca o homem do seu lugar de dominação, por isso que, para dominá-la, precisa destituí-la desse espaço novamente. Essa é uma possível imagem que o homem tem de si em relação à mulher no contexto da crise da masculinidade abalada pela ascensão do feminino nas diversas esferas sociais. Não significa, portanto, que corresponda ao contexto em que se constrói todas as relações de gênero.

Em outro texto – *Como conquistar uma mulher em 15 minutos* – também retirado do Blog Atitude de Homem¹⁵, destacamos outro ponto que diz respeito a categorização da instância do tipo de mulher que se deseja conquistar. O artigo indefinido “uma”, no título, pressupõe uma relação de desapego e desprendimento a categorização de algum tipo específico de mulher, não é “a” mulher, mas “uma” mulher. O valor da empreitada da sedução,

¹⁵ Disponível no anexo E.

portanto, não está em assegurar um par ideal, ou específico às afinidades do homem, mas se dá no ato de realizar a conquista. A conquista de “uma mulher” é o ponto chave desse discurso.

Daí, depreende-se que “qualquer mulher”, “a mulher que quiser” vai ser o seu objeto alcançado. “Aplicando corretamente alguns princípios, em 15 minutos (ou menos) você poderá estar beijando qualquer mulher”. A linguagem discursiva agora aqui se desloca para o plano das agilidades e das competências de gerenciamento do tempo. Podemos definir, a partir desse ponto, que tal discurso se filia às formações discursivas em torno das competências empresariais.

Em 15 minutos, um lanche pode ficar pronto, um atendimento se concretiza, um trabalho deve ser realizado, o problema de um cliente solucionado e o homem seduz qualquer mulher. É conquista *fast-food*, em que, se o sujeito realizar alguns passos necessários, em pouco tempo adquire sua mercadoria: a mulher desejada em apenas alguns passos e em um tempo hábil.

Os passos, assim, são definidos: “[...] o jogo da sedução pode ser dividido em cinco fases [...] puxar assunto, atrair, qualificar, criar conexão e seduzir.” O estabelecimento de metas e prazos, o passo a passo da conquista, deixa, nesse enunciado, o efeito de sentido de que a conquista se efetiva em torno de uma mercadoria: uma mulher. E, dessa forma, no momento da conquista, sobressai quem pega mais rápido.

No trecho “é essencial seguir a ordem estabelecida. Você poderia, por exemplo, pular a fase de atração com a mulher e ir logo para a fase de qualificação, como muitos caras fazem. No entanto, “**a taxa de sucesso é muito baixa**”, a palavra taxa reproduz uma noção de percentual, de proporção, que, atribuída ao sentido de sucesso configura um significado de ideias ligadas ao comércio, a economia, aos cálculos.

Nesse caso, o discurso empresarial reaparece conferindo à conquista características de mercado. Assim como, no fragmento “Saber como conquistar **uma mulher de alto valor** e deixá-la atraída por você é fundamental para se dar bem [...]”, em que encontramos um significante de mulher que ampara tal discurso: mulher de “alto valor”, ou seja, conferindo valoração a determinado tipo de mulher. Uma vez que mulher de “alto valor” pressupõe a existência de uma mulher de “baixo valor” e que dentro dessa discursividade, não é objeto de conquista.

Comportando-se de maneira certa, você pode conquistar a mulher que quiser mais rápido do que imagina. ”

“Ela lhe forneceu **indicadores** de que está interessada em você, então você deve retribuí-la [...] Criar **conexão** emocional [...] Não faça a sua conversa parecer **uma entrevista** [...] Saber conquistar uma mulher é uma **questão de método** e atitude. [...] Seu maior **trabalho** nesse ponto é deixar a mulher confortável com você [...] O **processo de sedução** não acontece no mesmo dia em que você conheceu a mulher. ”

Certamente, este é um **modelo** muito reduzido de todo **processo de conquista** [...] procurei listar e simplificar os fatores decisivos no **processo de atração** [grifo nosso]. (ATITUDE.COM. Disponível em: <<https://atitude.com/conquistar-uma-mulher/>>. Acesso em: 03.01.2015)

As marcas textuais – “comportando-se de maneira certa”, “indicadores”, “conexão”, “entrevista”, “questão de método”, “maior trabalho”, “processo”, “modelo”, “processo de conquista”, “processo de atração” – são palavras atribuídas ao discurso mercadológico, que definem uma séria de estratégias de venda e de conquista de mercado. A mulher como mercadoria a ser adquirida rapidamente e efetivamente.

Em *10 dicas para conquistar uma mulher* – Blog Atitude de Homem¹⁶, observamos que os significantes dos sujeitos homem e mulher presentes no texto classificam os com “caras feios” e “belas mulheres”, respectivamente. O enunciado sugere que os homens justificam sua dificuldade em “abordar uma mulher desconhecida” atribuindo desculpas relacionadas à falta de beleza e riqueza.

Embora se diga que o homem não conhece a mulher que tenta estabelecer uma relação, esse argumento se desconstrói na pressuposição do “mito” em relação aos critérios que a mulher tem na escolha do seu parceiro, ou seja, ao menos uma informação se presume: a mulher é desconhecida para o homem, mas este sabe que qualquer mulher faz a sua escolha considerando os atributos estéticos e econômicos do homem.

Essa pressuposição que se refere, segundo o efeito de sentido que o texto provoca, traz a imagem que carrega um significante para esta mulher, o da *mulher interesseira*. No entanto, o argumento é de que “caras feios” e “mulheres bonitas”, se conjugam não somente por uma relação de interesse financeiro, mas por atributos que o sujeito conquistador, que enuncia o texto, vai ensinar a desenvolver. Portanto, se o homem não for bonito e rico, ele, também, pode conquistar uma mulher se seguir os conselhos presentes no manual.

No trecho “você pode conquistar uma mulher mesmo não sendo rico, famoso ou boa pinta”, o enunciado diz que não ser rico, famoso ou bonito não significa que o homem

¹⁶ Disponível no anexo F.

não poderá conquistar uma mulher, no entanto o que está por trás do que se diz, ou seja, o que não está na evidência do enunciado ou, o efeito de sentido que esse provoca é o lugar em que se pode observar o social. Pois, se utilizarmos uma paráfrase para este enunciado teremos “você pode conquistar uma mulher mesmo que seja pobre, desconhecido e feio”, a expressão “mesmo que” como conjunção adverbial concessiva, tem valor de sentido igual a expressão “mesmo não sendo” que encontramos no enunciado, ambas exprimem um fato contrário ao da oração principal.

O efeito que se tem é a pressuposição de que o “homem rico, famoso e boa pinta” tem mais facilidade de atrair mulheres, e que a mulher só se deixa ser conquistada por um sujeito homem que possua tais características. O conjunto dessas expressões é observado na evidência da superfície linguageira, mas o conjunto de ideias da representação social, a imagem que se forma a partir da expressão não se apresenta como conceito do homem que está socialmente em condições de ser um ator da conquista. No entanto, a mulher também deve corresponder a esse lugar de conquista almejado por esse homem, pois são delimitados, no texto, os atributos de mulher a que faz jus tal comportamento masculino.

Para ascender com seu melhoramento de homem, como prêmio, o “cara” se destaca da multidão e, portanto, garante a possibilidade de conquistar não qualquer mulher, mas “as melhores fêmeas”. Ora, vejamos os pares de oposição que se evidenciam no texto, e que configuram posições sujeito da mulher: “belas mulheres” *versus* mulheres não belas, “melhores fêmeas” / “mulheres mais gatas, inteligentes e interessantes” *versus* piores fêmeas / mulheres feias, sem inteligência e desinteressantes. O efeito de sentido que se apresenta é de que, bem, se o homem não construir em si características que o façam parecer com o “homem de atitude”, não terá as melhores mulheres, conforme já descritas no texto.

Daí que se segue, nesse manual, enunciados que pressupõe um sujeito homem que está em desacordo com as possibilidades de conquistar “uma mulher”, de conquistar as “melhores fêmeas” e que, por isso, deve assumir novos comportamentos, sugeridos pelas 10 dicas propostas. Essas dicas de comportamento e atitudes devem ser assumidas como condição essencial para o enfrentamento da conquista, da abordagem da mulher, e sem elas, o insucesso é dado como certo.

Data do período clássico da Grécia antiga, marcado pela hegemonia dividida entre Esparta e Atenas e por um longo período de guerras, a formação dos conceitos e atitudes ligados ao que hoje conhecemos como sendo a virilidade e a masculinidade que definem as

características do homem. Essas atitudes ficou conhecida como *Andreia*, termo nascido no século V a.C. e que sofreu algumas variações de acordo com mudanças sociais da época. Entende-se por esse termo como sendo características ligadas a atitudes de “audácia na adversidade, de obstinação no infortúnio”, como nos diz Maurice Sartre em *História da Virilidade* (2013).

No entanto, essa atitude designada como viril não seria atributo apenas referente aos homens, pois algumas mulheres poderiam bem manifestar sua *andreia* de acordo com alguma situação específica: “Electra convida insistentemente sua irmã Crisótemis a experimentar sua *andreia*, ajudando-a a vingar seu pai (SÓFOCLES, *Electra*, v. 983)”, esse trecho ilustra o sentido da palavra ligada a força física e moral, e que assegura o gênero não em relação ao sexo, mas a uma conduta ligada, principalmente, ao atributo da coragem (SARTRE, 2013, p.20).

O termo progride de *andreia guerreira* para uma *andreia politike*, ou seja, a representação do “homem macho” não está ligada apenas às virtudes bélicas, guerreiras e de força, mas também à sua capacidade de se portar civicamente, como um homem político, orador, cidadão com atitudes que o coloquem em condições de atuar na democracia da *polis*. Os comportamentos, assim, devem estar ligados ao retorno de uma sociedade marcada, ainda pela conduta manifestada pela sociedade Grega da antiguidade clássica. A beleza como fator determinante, ascensão pública e política, como destaque na multidão, e procedimentos e ações que coloquem homem e mulher em posições privilegiadas (SARTRE, 2013).

Há ainda, uma qualificação, também, relacionada ao poder bélico, pois não vai para a guerra aquele que é fraco ou destituído de habilidades necessárias para sobreviver e conquistar o inimigo ao mesmo tempo. As habilidades constituem o ser viril ou sujeito que pode estar em condições de atuar em um cenário de combate. Essa categoria se mostra bem evidente em *Como ficar com as mulheres mais gatas da festa – Blog Atitude de Homem*¹⁷, pois os enunciados deste manual configuram a descrição de uma verdadeira batalha no processo de conquista.

Palavras com seus significantes ligados ao poder bélico, guerras e disputas marcam esse manual de sedução trazendo uma noção de animosidade no cenário, ou seja, nesse ponto a mulher não é mais a inimiga ou o ser a ser dominado, ela é ‘territorializada’, a

¹⁷ Disponível no anexo G.

mulher passar a ser o território alvo da conquista e o inimigo o outro homem, que também busca ter posse sobre esse ‘valioso território’. Para esse manual são indicadas atitudes para conquistar “as mulheres mais gatas”, uma outra categoria atribuída a mulher, pois como um troféu dessa disputa, o homem leva o melhor prêmio – a mulher mais bonita.

O sujeito homem se depara agora com outro inimigo, ou seja, o outro homem, outro sujeito que está em posição de disputa. A conquista passa a ser a batalha que estes estão travando para dominar certo território. Nesse território, categorizado como “uma festa”, “uma balada”, está o troféu – “a mulher mais gata”. A classificação do padrão de beleza distingue as mulheres com os atributos de beleza mais evidentes socialmente, ou seja, as mais bonitas serão as disputadas. Mulheres que não compõem um padrão esteticamente determinado pela sociedade, não entram como objeto de disputa, e, portanto, estão fora do jogo da conquista.

Vejam os enunciados que se agrupam nesse texto, remetem constantemente ao discurso bélico – “saiba que o **campo de batalha** para ficar com as gatas mais belas de uma festa não é fácil de caminhar, pois está **repleta de inimigos**” –, mas também, ao discurso mercadológico: “a concorrência é imensa [...] baladas, de forma geral, já são locais de **grande concorrência** e como a oferta também é variada [...]”. Outra questão que observamos é que conquistar as mulheres de destaque na festa vai fazer com que o homem se afirme diante daquele grupo, e assim eleve sua autoestima, como diz o enunciado seguinte: “está precisando **conquistá-la para colocar a sua estima lá em cima**, é preciso estar preparado”. Do contrário, caso perca a batalha, poderá se contentar com “uma mulher que não seja a mais assediada de todas”.

[...] se você é **novo nas artimanhas da conquista**, entenda que certamente existem **homens com muito mais experiência** do que você com os **mesmos intuítos** e embora isso **diminuam as suas chances de vencer essa luta**, isso não quer dizer que é uma **batalha perdida desde** o início. O seu **visual** é um **grande aliado** e se você estiver fazendo uso das **armas certas** pode surpreender até a si mesmo [grifo nosso]. (Disponível em: < <http://megafilmee.blogspot.com.br/2014/11/como-ficar-com-as-mulheres-mais-gatas.html> Acesso em: 12/08/2015).

O trecho acima sugere um sujeito homem inexperiente na conquista, e lhe reposiciona em relação ao sujeito homem experiente, compondo a relação homem não conquistador *versus* homem conquistador, ou seja, a experiência na conquista vem de comportamentos e atitudes de confiança e coragem.

Outras posições que se mostram por meio dessa análise é a da mulher para “se divertir” e a mulher que será “seu grande amor”, pois o texto direciona a formação de categorias distintas de mulher, nesse aspecto. Na balada a mulher é para diversão, lá não se encontra a mulher que está na categoria de mulheres para amar: “na **balada**, a maioria das **mulheres** está disposta a conhecer caras interessantes e a se **divertir**, ou seja, é pouco provável que você vá encontrar na festa uma gata que deseja encontrar o grande amor da sua vida”.

Há, portanto, uma repetibilidade do discurso que separa a mulher pública da mulher privada que, por muito tempo esteve presente no imaginário coletivo e nas determinações sociais dos homens dos séculos XVIII e XIX. A mulher da rua, exposta, que está em público – a mulher da balada, da festa – não deve ser levada a sério, ou melhor, não quer compromissos amorosos; de outra forma, está em uma categoria distinta da mulher privada, aquela que se instituiu como ideal para relacionar-se amorosamente e com quem é possível constituir uma configuração social. Um outro aspecto que categoriza “a mulher da balada” é que esta possui as condições de testar a virilidade masculina, a mulher que será disputada por vários homens. Essa prática nos remete, também, à mulher do bordel, das casa de diversão, pois as mais bonitas possuem um valor de mercado mais alto.

As formações discursivas em torno das categorias de significantes que configuram o sujeito homem como *alfa*, homem *de verdade*, homem *viril*, homem *dominador* são formações discursivas que asseguram e categorizam o discurso do sujeito masculino que pode entrar na batalha.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao *próprio corpo*, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-os aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença *biológica* entre os *sexos*, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, podem assim ser vistas como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, p. 19-20)

A dualidade e o contraste das posições que ocupam homem e mulher se configuram como o cerne da relação entre gêneros. A mulher inferiorizada é a concepção forjada partindo, principalmente, da diferenciação dos sexos, ou seja, o sexo masculino, exposto, para frente, em oposição ao sexo feminino, escondido, invisível, faltoso. É a instauração da posição fálica. O androcentrismo prevalece nos conceitos mitológicos, biológicos e sociológicos. A evidenciação do pênis em oposição a vagina, em sua obscuridade, naturaliza conceitos em torno do masculino e do feminino.

Quando pensamos na relação de objeto, instaurada pelo complexo de Édipo, assimilados, aqui, pelos estudos lacanianos, vemos a possível justificativa da relação de dominação de um pelo outro sexo. Isto porque, para manter a procura do falo, pela mulher, é preciso que essa se reconheça sempre como faltante, ou seja, esta reconheça a falta do falo. Já para o homem, para manter-se sempre no lugar de portador do falo, e assegurando assim, a possibilidade da não falta, esse deve assegurar à mulher, também, o seu lugar de falta. Assim, Lacan (1995, p. 173) diz que “não é a mesma coisa estar do lado do objeto ou do lado do sujeito. O fato de um objeto se tornar objeto de escolha não é o mesmo de se tornar suporte da identificação do sujeito.”

As situações de conquistas, não presumem uma relação de amor. Nota-se, nos manuais lidos, nas informações a respeito da sedução, que não se trata, pelo menos no que incide o conteúdo de tais manuais, da busca de uma relação amorosa. Na verdade, mais parece, sim, a busca da afirmação de um sexo sobre o outro, do ponto em que para quem exerce o papel de dominador, precisa mostrar todos os artifícios necessários para garantir sua posição, inclusive o de colocar o objeto de conquista no seu devido lugar, ou seja, de dominado. Ao afirmarmos essa questão, levamos em consideração o que atesta Lacan (1995), citando em seus seminários as conjecturas freudianas sobre a relação amorosa, e, que, diferem, sobremaneira, da forma como se relaciona aquele que deseja o objeto, no sentido mesmo de sua autoafirmação apenas.

Freud se detém aqui na oposição entre, por um lado, o que o sujeito introjeta e com que se enriquece e, por outro lado, aquilo que lhe toma algo de si próprio e o empobrece. Com efeito, Freud se deteve anteriormente, por longo tempo, no que acontece no estado amoroso, onde o sujeito se despossui cada vez mais de tudo o que é de si mesmo, em benefício do objeto amado. Ele é tomado de humildade e cai em completa sujeição ao objeto de seu investimento. Esse objeto em cujo benefício

ele se empobrece é aquele mesmo que ele põe no lugar de seu elemento constituinte mais importante, *Bestandteil* (LACAN, 1995, p. 175).

O *Bestandteil*, componente que lhe falta, não é o mesmo para o sujeito que busca o algo com que “introjeta e o enriquece” e para o sujeito que “lhe toma algo de si próprio e o empobrece”, e nisso encontramos a diferença do estado com que se apresenta o homem que tem a mulher como objeto com o qual precisa, de forma narcísica, elevar-se, enrijecer-se, e o homem que tem a mulher como objeto componente daquilo que lhe destitui algo de si, o que vai se configurar, mais efetivamente na relação de amor.

É dessa forma que podemos atribuir as distinções possíveis para as posições do *homem tolo versus homem de espírito*; homem alpha *versos* homem beta; homem de atitude *versus* homem tímido; entre outras categorias em que se pode distinguir uma relação hierárquica entre os homens. Com efeito, essas posições determinam o lugar que a mulher ocupa como objeto, pois enquanto objeto de conquista para autoafirmação masculina, por assim dizer, esta ocupa uma posição inferior, no entanto, enquanto objeto de conquista para realização amorosa, aquele se coloca numa posição de sujeição, e assim, reposiciona o lugar da mulher. Não é difícil pensar, daí em diante, porque os homens se sentem vulneráveis numa relação amorosa em que demonstram fortemente sua sentimentalidade, ou porque, na sociedade, o sentimentalismo amoroso masculino é visto como servil e vassalo.

CONCLUSÃO

Este é um trabalho que se soma às várias vozes que, no âmbito das discussões sobre gênero, no século XXI, buscam sobrepor práticas e culturas heteronormativas, heteropatriarcais e, sobretudo, machistas, que insistem em se reproduzir na sociedade. Nos contentamos em não realizar um trabalho original, no sentido mesmo de origem, e sim, um estudo que avulta o diálogo em torno dessas questões, tendo como forte motivação quebrar os grilhões que tornaram, por algum tempo, inertes os movimentos em torno da liberdade e do direito do indivíduo. Tanto na sua posição feminina, como em sua posição masculina.

Acredita-se, a partir de então, na possibilidade de um resgate da condição de uma existência colaborativa entre os dois sexos, isso compeliu esta pesquisa a buscar esboçar as forças produtoras e reprodutoras que ainda trabalham para a perpetuação do estado hierárquico que envolvem a relação entre homem e mulher. Por esse motivo, a análise dos textos que, por ora, se apresenta aqui não deverá chegar ao fim, e nem se esgotar nessas linhas.

Do contrário, por ter possibilitado um olhar reflexivo em torno das questões sobre a dominação masculina, privilegiou, também, voltar-se para a observação das estruturas de ordenação que organizam os homens e o masculino, além de perceber que as discussões em torno da questão do homem são pouco exploradas. E por isso, pela necessidade de desconstruir todos os discursos que compõe a dominação de um sexo sobre o outro, deve se fazer mais presente no âmbito das teorias de gênero.

A conquista, tomada como lugar da disputa entre um e outro sujeito masculino, se apresenta como justificativa para reafirmar a masculinidade, seja em tempos de afirmação, seja em tempos de desconstrução dessa. Foi possível atentar, sem qualquer surpresa, que para assegurar as posições superiores do homem, fosse necessário a instituição da posição de inferioridade da mulher, ou a feminização do outro como condição necessária para rebaixar sua posição social. Diante desse entendimento, pensar em não discutir as questões masculinas paralelamente às discussões femininas, é deixar de lado importante fator fomentador da dominação de um sobre o outro.

As relações entre homens e mulheres ao longo dos séculos foram envoltas a todo momento pelas modificações econômicas, sociais e culturais que, ao longo dos séculos, a humanidade experimentou. Não seria possível ser diferente. O fato é que nesse processo de

mudanças, a mulher, que muito antes ocupava um lugar de colaboração em relação ao homem, e, passou a ocupar, efetivamente, e endossada, também, por si mesma, o lugar de submissão.

Verificou-se, portanto, que a medida que o homem significar a mulher, este vai se re-significando em relação a ela. Quando coloca a mulher na posição de sujeito, se re-significa como objeto da relação, mesmo que em detrimento da sua condição de dominação. Nesse processo, as relações são a todo momento modificadas pela imagem que um tem sobre o outro, e não se desvincula, em nenhuma instância a possibilidade de ser diferente.

As formações discursivas em torno do discurso do homem são sustentadas por formações ideológicas ligadas ao naturalismo, ao belicismo, aos mitos religiosos, e, ainda, em torno da constituição da masculinidade e virilidade da Antiga Grécia. A imagem que o homem tem da mulher revela muito mais sobre ele do que sobre ela, por isso foi importante observar os processos discursivos estruturantes da dominação, pois em torno do discurso da conquista esses processos se evidenciaram.

Se o sujeito homem é colocado em posição alpha, logo suas estruturas significantes vão delimitando a necessidade, para sua condição de existência, de um sujeito que seja beta, e, acrescenta-se que, para ocupar essa posição de alpha dominante, se constitua a necessidade da presença de um objeto de dominação que o oponha. Por isso, a evidenciar o entrecruzamento discursivo, apresentado pelas posições sujeito no discurso, deve, em algum momento, servir como produto de observação para, posteriormente, possibilitar de diminuir o abismo que existe entre o sentido de masculinidade e o de feminilidade que têm surtido um efeito de contrariedade há séculos.

Embora o feminismo tenha instituído alguma desordem no sistema patriarcal, tenha abalado as estruturas que sustentavam a virilidade masculina, e deslocado o sujeito masculino da sua masculinidade, a questão é que não há um sistema prático que elimine de vez a relação de dominação que se enraizou socialmente. O que há é análise da condição de um e outro gênero e uma certa desordem advinda dessas análises. Portanto, se viu, a partir desta pesquisa, a obrigação de se pensar, posteriormente, práticas alternativas para possibilitar um sistema igualitário, que respeite as particularidades de um e outro gênero.

A polarização existente, sim, advém do grande receio masculino que o homem tem de perder seu lugar de homem – marcado pela falta –, em outras palavras, a perda do sexo fálico e todas as significações em torno disso. Juntar-se às mulheres, lhes tira a masculinidade,

perturba uma hipotética ordem natural. Daí se funda a concepção de que se deva permitir que instituições sociais reguladoras da relação entre o homem e a mulher e saberes instituídos por estas instituições os normatizem.

Assim, os papéis atribuídos socialmente a cada um dos polos asseguram a permanência dos seus lugares sociais. Desta feita, ao homem foi instituído manter determinado distanciamento de qualificações femininas, como forma de garantir o espaço conquistado. Nesse sentido, se instaura um permanente estado de concorrência pelo medo de ser superado.

Acredita-se, diante disso, que o processo de retorno a uma condição igualitária entre os sexos comece por enxergar as estruturas que regularizam as práticas de submissão e dominação. Entender o cânone, o cerne dessas práticas e, sobretudo, formular novos paradigmas. Até que o contrário do que tem perdurado há tantos séculos seja o novo cânone a ser seguido.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. V. **Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- _____. **Masculino/Feminino: tensão insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALVES FERNANDES, C. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos, ed. Clara Luz, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos. v. 1**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. **O segundo sexo: a experiência vivida. v. 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BADINTER, E. **Um é o Outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. **O que é uma mulher: um debate/ A. L. Thomas, Diderot, Madame D' Epinay**; prefaciado por Elisabeth Badinter; tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1991.
- BARD, Christine. A Virilidade no Espelho das Mulheres. In: História da Virilidade Vol. III. Sob a direção de Alain Corbin et al. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 116-153.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina. Educação & Realidade, v. 20**, n. 2, pp. 133-184, 1995.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ed. rev, editora da Unicamp, Campinas – SP, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Elizabeth. **A imprensa feminista brasileira pós-1974**. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300004>.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo, editora Brasiliense, 2ª edição, 2008.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In: Alain Corbin. História da virilidade. S/ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 14-34
- _____. A obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia. In: Alain Corbin. História da virilidade. S/ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 439-461
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v.1
- _____. **Sexualidade e Poder. Em Ditos e Escritos, Vol. 5: ética, sexualidade, política**. Rio De Janeiro: Forence Universitaria, 2004.

_____. **Sobre a história da sexualidade.** In: _____. Microfísica do poder. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999 p.243-276

_____. **A ordem do discurso.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.

KELL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino.** 2ª ed. Rio de Janeiro, Imago, 2008.

LACAN, Jacques (1956) **O Seminário, Livro 4: A relação de objeto.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

_____ (1957-58) **O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

_____ (1958-59) **O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação.** Inédito. (Lançamento em setembro de 2015).

MARTINS DE SOUZA, L. C. **Cartas para quem?: o funcionamento discursivo da "falta" no filme Central do Brasil.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

MILL, John Stuart. **A Sujeição das Mulheres.** Tradução de Débora Ginza. São Paulo: Escala, 2006.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

ORLANDI, E. P. **Discurso, imaginário social e conhecimento.** Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, ed. Pontes, 2013.

_____. **A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil.** In: Anais do 1º Seminário de Estudos em Análise de Discurso; 2003 Nov 10-13; Porto Alegre, Brasil (RS): UFRGS; 2003. Disponível em: www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf, acessado em 04/06/2015.

_____. **Michel Pêcheux e a análise de discurso.** Estudos da Língua (gem), v. 1, p. 09-13, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)** in GADET, F. & HAK, T. Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Unicamp. 1997.

_____. **Discurso: Estrutura ou Acontecimento?** Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**, v. 3, p. 353-392, 2004.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado**. LEITURA, 2009.

ROSA, A. L. T. **No comando, a sequência injuntiva!** In: DIONÍSIO, Â. P. e BE- ZERRA, N. S. Tecendo textos, construindo experiências. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SARTRE, Maurice (2013). Virilidades gregas. In: COURBIN, Alain et al. **História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes.

SILVA, Ana Cláudia Suriani. **Texto original, tradução, adaptação ou imitação?** Jornal da Unicamp, on-line, Campinas, ano XXII – nº 406, agosto de 2008. Disponível: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2008/ju406_pag08.php. Acesso em 19 jul 2015.

SOUZA, S.A.F. **Conhecendo análise de discurso – linguagem, sociedade e ideologia**. Manaus, ed. Valer, 2006.

ANEXO – A

MACHADO DE ASSIS (1859). **Queda que as mulheres têm para os tolos.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

ADVERTÊNCIA

Este livro é curto, talvez devesse lê-lo mais.

Desejo que ele agrade, como me sai das mãos; mas é com pesar que me vanglorio por esta obra.

Falar do amor das mulheres pelos tolos, não é arriscar ter por inimigas a maioria de um e outro sexo?

Diz-se que a matéria é rica e fecunda; eu acrescento que ela tem sido tratada por muitos. Se tenho, pois, a pretensão de ser breve, não tenho a de ser original.

Contento-me em repetir o que se disse antes de mim; minhas páginas conscienciosas são um resumo de muitos e valiosos escritos. Propriamente falando, é uma comparação científica, e eu obteria a mais doce recompensa de meus esforços, como dizem os eruditos, se inspirasse aos leitores a idéia de aprofundar um tão importante exemplo.

Quanto à imparcialidade que presidiu à redação deste trabalho, creio que ninguém a porá em dúvida.

Exalto os tolos sem rancor, e se critico os homens de espírito, é com um desinteresse, cuja extensão facilmente se compreenderá.

I

Il est des noeuds secrets, il est des sympathies.

Passa em julgado que as mulheres lêem de cadeira em matéria de fazendas, pérolas e rendas, e que, desde que adotam uma fita, deve-se crer que a essa escolha presidiram motivos plausíveis.

Partindo deste princípio, entraram os filósofos a indagar se elas mantinham o mesmo cuidado na escolha de um amante, ou de um marido.

Muitos duvidaram.

Alguns emitiram como axioma, que o que determinava as mulheres, neste ponto, não era, nem a razão, nem o amor, nem mesmo o capricho; que se um homem lhes agradava, era por se ter apresentado primeiro que os outros, e que sendo este substituído por outro, não tinha esse outro senão o mérito de ter chegado antes do terceiro.

Permaneceu por muito tempo este sistema irreverente.

Hoje, graças a Deus, a verdade se descobriu: veio a saber-se que as mulheres escolhem com pleno conhecimento do que fazem. Comparam, examinam, pesam, e só se decidem por um, depois de verificar nele a preciosa qualidade que procuram.

Essa qualidade é... a toleima!

II

Desde a mais remota antiguidade, sempre as mulheres tiveram a sua *queda para os tolos*. Alcibíades, Sócrates e Platão foram sacrificados por elas aos presumidos do tempo. Turenne, La Rochefoucauld, Racine e Molière, foram traídos por suas amantes, que se entregaram a basbaques notórios. No século passado todas as boas fortunas foram reservadas aos pequenos abades. Estribadas nesses exemplos, as nossas contemporâneas continuaram a idolatrar os descendentes dos ídolos das suas avós.

Não é nosso fim censurar uma tendência, que parece invencível; o que queremos é motivá-la.

Por menos observador e menos experiente que seja, qualquer pessoa reconhece que a toleima é quase sempre um penhor de triunfo. Desgraçadamente ninguém pode por sua própria vontade gozar das vantagens da toleima. A toleima é mais do que uma superioridade ordinária: é um dom, é uma graça, é um selo divino.

"O tolo não se faz, nasce feito."

Todavia, como o espírito e como o gênio, a toleima natural fortifica-se e estendesse pelo uso que se faz dela. É estacionária no pobre-diabo, que raramente pode aplicá-la; mas toma proporções desmarcadas nos homens a quem a fortuna, ou a posição social cedo leva à prática do mundo. Este concurso da toleima *inata* e da toleima

adquirida é que produz a mais temível espécie de tolos, os tolos que o acadêmico Trublet chamou "tolos completos, tolos integrais, tolos no apogeu da toleima."

O tolo é abençoado do céu pelo fato de ser tolo, e é pelo fato de ser tolo, que lhe vem a certeza, de que, qualquer carreira que tome, há de chegar felizmente ao termo. Nunca solicita empregos, aceita-os em virtude do direito que lhe é próprio: *Nominor leo*. Ignora o que é ser corrido ou desdenhado; onde quer que chegue, é festejado como um conviva que se espera.

O que opor-lhe como obstáculo? É tão enérgico no choque, tão igual nos esforços e tão seguro no resultado! É rocha despedrada, que rola, corre, salta e avança caminho por si, precipitada pela sua própria massa.

Sorri-lhe a fortuna particularmente ao pé das mulheres. Mulher alguma resistiu nunca a um tolo. Nenhum homem de espírito teve ainda impunemente um parvo como rival. Por quê?... Há necessidade de perguntar por quê? Em questão de amor, o paralelo a estabelecer entre o tolo e o homem de siso, não é para confusão do último?

III

Em matéria de amor, deixa-se o homem de espírito embalar por estranhas ilusões. As mulheres são para ele entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as próprias idéias, supõe-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como ele, de generosidade, nobreza e grandeza. Imagina que para agradar-lhes é preciso ter qualidades acima do vulgar.

Naturalmente tímido, exagera mais ao pé delas a sua insuficiência; o sentimento de que lhe falta muito, torna-o desconfiado, indeciso, atormentado. Respeitoso até à timidez, não ousa exprimir o seu amor em palavras; exala-o por meio de uma não interrompida série de meigos cuidados, ternos respeitos e atenções delicadas. Como nada quer à custa de uma indignidade, não se conserva continuamente ao pé daquela que ama, não a persegue, não a fatiga com a sua presença. Para interessá-la em suas mágoas, não toma ares sombrios e tristes; pelo contrário, esforça-se por ser sempre bom, afetuoso e alegre junto dela.

Quando se retira da sua presença, é que mostra o que sofre, e derrama as suas lágrimas em segredo.

O tolo, porém, não tem desses escrúpulos. A intrépida opinião que ele tem de si próprio, o reveste de sangue frio e segurança.

Satisfeito de si, nada lhe paralisa a audácia. Mostra a todos que a ama, e solicita com instância provas de amor. Para fazer-se notar daquela que ama, importuna-a, acompanha-a nas ruas, vigia-a nas igrejas e espia-a nos espetáculos. Arma-lhe laços grosseiros. À mesa, oferece-lhe uma fruta para comerem ambos, ou passa-lhe misteriosamente, com muito jeito, um bilhete de amores. Aperta-lhe a mão a dançar e saca-lhe o ramalhete de flores no fim do baile. Numa noite de partida, diz lhe dez vezes ao ouvido: "Como é bela!", porquanto revela-lhe o instinto, que pela adulação é que se alcançam as mulheres, bem como se as perde, tal como acontece com os reis. De resto, como nos tolos tudo é superficial e exterior, não é o amor um acontecimento que lhes mude a vida: continuam como antes a dissipá-la nos jogos, nos salões e nos passeios.

IV

O amor, disse alguém, é uma jornada, cujo ponto de partida é o sentimento, e cujo termo inevitável a sensação. Se é isto verdade, o que há a fazer, é embelecer a estrada e chegar o mais tarde possível ao fim. Ora, quem melhor do que o homem de espírito sabe parolar à beira do caminho, parar e colher flores, sentar-se às sombras frescas, recitar aventuras e procurar desvios e delongas? Um caracol de cabelos mal_arranjado, um cumprimento menos apressado que de costume, um som de voz discordante, uma palavra mal escolhida, tudo lhe é pretexto para demorar os passos e prolongar os prazeres da viagem. Mas quantas mulheres apreciam esses castos manejos, e compreendem o encanto dessas paradas à borda de uma veia límpida que reflete o céu? Elas querem amor, qualquer que seja a sua natureza, e o que o tolo lhes oferece é-lhes bastante, por mais insípido que seja.

V

O homem de espírito, quando chega a fazer-se amar, não goza de uma felicidade completa. Atemorizado com a sua ventura, trata antes de saber por que é feliz! Pergunta por que e como é amado; se, para uma amante, é ele uma necessidade, ou um passatempo; se ela cedeu a um amor invencível; enfim, se é ele amado por si mesmo. Cria ele próprio e com engenho as suas mágoas e cuidados; é como o Sibarita que, deitado em um leito de flores, sentia-se incomodado pela dobra de uma folha de rosa. Num olhar, numa palavra, num gesto, acha ele mil nuances imperceptíveis, desde que se trata de interpretá-las contra si. Esquece os encômios que levemente o tocam, para lembrar-se somente de uma observação feita ao menor dos seus defeitos e que bastante o tortura. Mas, em compensação desses tormentos, há no seu amor tanto encanto e delícias! Como estuda, como extrai, como saboreia as volúpias mais fugitivas até a última essência! Como a sua sensibilidade especial sabe descobrir o encanto das criancices frívolas, dos invisíveis atrativos, dos *nadas* adoráveis!

O tolo é um amante sempre contente e tranqüilo. Tem tão robusta confiança nos seus predicados, que antes de ter provas, já mostra a certeza de ser amado. E assim deve ser. Em sua opinião faz uma grande honra à mulher a que dedica os seus eflúvios. Não lhe deve felicidade; ele é que lha dá; e como tudo o leva a exagerar o benefício, não lhe vem à idéia de que se possa ter para com ele ingratidões. Assim, no meio das alegrias do amor, saboreia ainda a embriaguez da fatuidade. Mas como, em definitivo, é ele próprio o objeto de seu culto, depressa o tolo se aborrece, e como o amor para ele não é mais que um entretenimento que passa, os últimos favores, longe de o engrandecerem mais, desligam-no pela sociedade.

VI

O homem de espírito vê no amor um grande e sério negócio, ocupa-se dele como do mais grave interesse de sua vida, sem distração, nem reserva. Pode perder nele algumas das suas qualidades viris, mas é para crescer em abnegação, em dedicação, em bondade. Suporta tudo daquela que ama sem nada exigir dela. Quando ela atende a alguns dos seus votos, quando previne alguns dos seus desejos, longe de ensoberbecer-se, agradece com uma efusão mesclada de surpresa. Perdoa-lhe generosamente todos os males que lhe causa porque, muito orgulhoso para enraivecer-se ou lastimar-se, não sabe provocar, nem a piedade que enternece, nem o medo que faz calar. Oh! que inferno, se a má ventura lhe depara uma mulher bela e má, uma namorada fria de sentidos, ou uma moça de rabugice precoce!

Sofre então vivamente com a perfídia da mulher amada, mas desculpa-a pela fragilidade do sexo. A sua indulgência pode então conduzi-lo à degradação. Ele segue a olhos fechados o declive que o arrasta ao abismo, sem que a queixa, a ambição, a fortuna possam retê-lo.

O néscio escapa a estes perigos. Como não é ele quem ama, é ele quem domina. Para vencer uma mulher finge por alguns momentos o excesso de desespero e de paixão; mas isso não passa de um meio de guerra, tática de cerco para enganar e seduzir o inimigo. Logo depois recobra ele a tirania, e não a abdica mais. Para entreter-se nisso, tem o tolo o seu método, as suas regras, a sua linha de conduta. É indiscreto por princípio, porquanto divulgando os favores que recebe, compromete a que lhe concede e ao mesmo tempo afasta as rivalidades nascentes. É suscetível pela razão, cioso por cálculo, a fim de promover estes proveitosos amuos, que lhe servem, a seu grado, para conduzir a uma ruptura definitiva, ou para exigir um novo sacrifício. Mostra uma cruel indiferença, indicando pouca confiança nas provas de simpatia que lhe dão. Num baile, proibindo à sua amante de dançar, não faz caso dela, de propósito. Aflige-a com aparências de infidelidade, falta à hora marcada para se encontrarem, ou, depois de se ter feito esperar, vem, dando desculpas equívocas de sua demora. Hábil em semear a inquietação e o susto, faz-se obedecer à força de ser tirano, e acaba por inspirar uma afeição sincera à força de promovê-la.

VII

O homem de espírito, assustado com o vácuo imenso, que deixa no coração uma afeição que se perde, só rompe o laço que o prende à causa de dilacerações interiores.

Como bem se disse, sendo preciso um dia para conseguir, é preciso mil para se reconquistar.

Mesmo no momento em que volta a ser livre: quantas vezes um sorriso, um meneio de cabeça, uma maneira de puxar o vestido, ou de inclinar o chapelinho de sol, não o faz recair no seu antigo cativo!

De resto, a mulher, a quem ele tiver revelado o segredo do seu coração, ficará sempre para ele como ser à parte. Não a esquece nunca.

Morta, ou separado, nutre por aquela que a perdeu longas saudades. Perseguido pela lembrança que dela conserva, descobre muitas vezes que as outras mulheres por quem se apaixona só têm o mérito de se parecerem com ela. Dá-se ele então a comparações que o desvairam, que o irritam, que o põem fora de si, exigindo no seu trajar, no seu andar e até no seu falar alguma coisa que lhe recorde o seu implacável ideal.

E se é ele o abandonado, que de torturas que sofre!

Viver sem ser amado parece-lhe intolerável. Nada pode consolá-lo ou distraí-lo.

No caso de tornar a ver os sítios que foram testemunhas da sua felicidade, evoca à sua memória mil circunstâncias perseverantes e cruéis. Ali está a cerca cheirosa, cujos espinhos rasgaram o véu da infiel; aqui, o rio que a medrosa só ousava atravessar amparada pela sua mão; além está a alameda, cuja areia fina parece ter ainda o molde de seus ligeiros passos. Contempla na janela as longas e alvas cortinas, no peitoril os arbustos em flor, na relva a mesa, o banco, as cadeiras em que outrora se sentaram.

É possível que ela tenha mudado tão de repente? Pois não foi ainda ontem que de volta de um passeio ao bosque, lhe enxugou o suor da testa, e que se prendia em doce e estranho amplexo?...

Hoje, nem mais doçuras, nem mais apertos de mão, nem mais dessas horas ébrias em que todo o passado ficava esquecido! Ele está só, entregue a si mesmo, sem força, sem alvo: é o delírio do desespero. O tolo está acima dessas misérias. Não o assusta um futuro prenhe de qualquer inquietação aflitiva. Sempre acobertado pela bandeira da inconstância, desfaz-se de uma amante sem luta, nem remorsos; utiliza uma traição para voar a novas aventuras. Para ele nada há de terrível em uma separação, porque nunca supõe que se possa colocar a vida numa vida alheia, e que fazendo-se um hábito dessa comunidade de existência, faz-se pouco novamente sofrer, quando ela tiver de quebrar-se.

Da mulher, que deixa de amar, ele só conserva o nome, como o veterano conserva o nome de uma batalha para glorificar-se, ajuntando-o ao número das suas campanhas.

VIII

Há uma época em que custa-se muito a amar. Tendo visto e estudado um pouco a mulher, adquire-se uma certa dureza que permite aproximar-se sem perigo das mais belas e sedutoras. Confessa-se sem reboço a admiração que elas inspiram, mas é uma admiração de artista, um entusiasmo sem ternura. Além disso, ganha-se uma penetração cruel para ver, através de todos os artifícios de casquilha, o que vale a submissão que elas ostentam, a doçura que afetam, a ignorância que fingem. E prenda-se um homem nessas condições!

De ordinário, é entre trinta a trinta e cinco anos, que o coração do homem de espírito fecha-se assim à simpatia e começa a petrificar-se. É possível que nele tornem a aparecer os fogos da mocidade, e que ele venha a sentir um amor tão puro, tão fervente, tão ingênuo como nos frescos anos da adolescência; longe de ter perdido as perturbações, as apreensões, os transportes da alma amorosa, sente-os ele de novo com emoção mais profunda e dá-lhes um preço tanto mais elevado, quanto ele está certo de não os ver renascer.

Oh! então lastima-se o pobre insensato! Ei-lo obrigado a ajoelhar-se aos pés de uma mulher para quem é nada o mérito de caminhar pouco e pouco atrás de sua sombra, de fazer exercício em torno aos seus vestidos, de se

extasiar diante de seus bordados, de lisonjear os seus enfeites. Ai, triste! esses longos suplícios o revoltam, e, Pigmalião desesperado, afasta-se de Galatéia, cujo amor se não pode reanimar.

Esses sintomas de idade são desconhecidos ao tolo, porquanto cada dia que passa não lhe faz achar no amor um bem mais caro, ou mais difícil a conquistar. Não tendo sido, nem melhorado, nem endurecido pelos reveses da vida, continuando a ver as mulheres com o mesmo olhar, exprime-lhes os seus amores com as mesmas lágrimas e os mesmos suspiros que lhes reserva para pintar os antigos tormentos. E como ele só exigiu sempre delas aparências de paixão, vem facilmente a persuadir-se que é amado. Longe de fugir, persevera e — triunfa.

IX

O homem de espírito é o menos hábil para escrever a uma mulher. Quando se arrisca a escrever uma carta, sente dificuldades incríveis. Desprezando o vasconço da galanteria, não sabe como se há de fazer entender. Quer ser reservado e parece frio; quer dizer o que espera e indica receio; confessa que nada tem para agradar, e é apanhado pela palavra. Comete o crime de não ser comum ou vulgar. As suas cartas saem do coração e não da cabeça; têm o estilo simples, claro e límpido, contendo apenas alguns detalhes tocantes. Mas é exatamente o que faz com que elas não sejam lidas, nem compreendidas. São cartas decentes, quando as pedem estúpidas.

O tolo é fortíssimo em correspondência amorosa, e tem consciência disso. Longe de recuar diante da remessa de uma carta, é muitas vezes por aí que ele começa. Tem uma coleção de cartas prontas para todos os graus de paixão. Alega nelas em linguagem brusca o *ardor de sua chama*; a cada palavra repete: *meu anjo, eu vos adoro*. As suas fórmulas são enfáticas e chatas; nada que indique uma personalidade. Não faz suspeitar excentricidade ou poesia; é quanto basta; é medíocre e ridículo, tanto melhor. Efetivamente o estranho que ler as suas missivas, nada tem a dizer; na mocidade o pai da menina escrevia assim; a própria menina não esperava outra coisa. Todos estão satisfeitos, até os amigos. Que querem mais?

X

Enfim, o homem de espírito, em vista do que é, inspira às mulheres uma secreta repulsa. Elas se admiram com o ver tímido, acanham-se com o ver delicado, humilham-se com vê-lo distinto.

Por muito que ele faça para descer até elas, nunca consegue fazê-las perder o acanhamento; choca-as, incomoda-as, e esse acanhamento, de que ele é causa, torna frias as conversações mais indiferentes, afasta a familiaridade e assusta a inclinação prestes a nascer.

Mas o tolo não atrapalha, nem ofusca as mulheres. Desde a primeira entrevista, ele as anima e fraterniza-se com elas. Eleva-se sem acanhamento nas conversas mais insulsas, palra e requebra-se como elas. Compreende-as e elas o compreendem. Longe de se sentirem deslocadas na sua companhia, elas a procuram, porque brilham nela. Podem diante dele absorver todos os assuntos e conversar sobre tudo, inocentemente, sem consequência. Na persuasão de que ele não pensa melhor, nem contrário a elas, auxiliam o triste, quando a idéia lhe falta, suprem-

lhe a indignação. Como se fazem valer por ele, é justo que lhe paguem, e por isso consentem em ouvi-lo em tudo. Entregam-lhe assim os seus ouvidos, que é o caminho do seu coração, e um belo dia admiram-se de ter encontrado no amigo complacente um senhor imperioso!

XI

Compreende-se, por este curto esboço, como e quanto diferem os tolos e os homens de espírito nos seus meios de sedução. A conclusão final é, que os tolos triunfam, e os homens de espírito falham, resultado importante e deplorável, nesta matéria sobretudo.

XII

Depois de ter indagado as causas da felicidade dos tolos, e da desgraça dos homens de espírito: perderemos tempo precioso em acusar as mulheres? Não hesitamos em deitar as culpas sobre os homens de espírito, como fez o profundo Champcenets.

Por que não estudam os tolos, diz-lhes este autor, para conseguir imitá-los? Há de custar-vos muito fazer um tal papel: mas há proveito sem desar? E depois, quando assim sois a isso obrigado, visto como não vos dão outro meio de solução, querer subtrair o belo sexo a império dos tolos, descortinando-lhe a perversidade do seu gosto, é coisa em que ninguém deve pensar, é uma loucura; fora o mesmo que querer mudar a natureza, ou contrariar a fatalidade.

Porquanto, ficai sabendo, continua Champcenets, que as mulheres não são senhoras de si próprias; que nelas tudo é instinto ou temperamento, e que portanto elas não podem ser culpadas de suas preferências. Só respondemos pelo que praticamos com intenção e discernimento. Ora, qual delas pode dizer que predileção a impele, que paixão a obriga, que sentimento a faz ingrata, ou que vingança lhe dita as malignidades? Debalde procurareis delas tão cruel prodígio; nenhuma é cúmplice do mal que causa: a este respeito, o seu estouvamento atesta-lhes a candura.

Por que vos obstinais em pedir-lhes o que a Providência não lhes deu? Elas se apresentam belas, apetitosas e cegas: não vos basta isto? Querê-las com juízo, penetrantes e sensíveis, é não conhecê-las.

Procurai as mulheres nas mulheres, admirai-lhes a figura elegante e flexível, afagai-lhes os cabelos, beijai-lhes as mãos mimosas; mas tomai como um brinquedo o seu desdém, aceitai os seus ultrajes sem azedume, e às suas cóleras mostrai indiferença. Para conquistar esses entes frágeis e ligeiros, é preciso atordoá-los pelo rumor dos vossos louvores, pelo fasto do vosso vestuário, pela publicidade das vossas homenagens.

XIII

Sim, sim, é mister ousar tudo para com as mulheres.

ANEXO – B

Playboy, ano XXVII, n. 195, out. 1991, p. 85 – 152 e 153

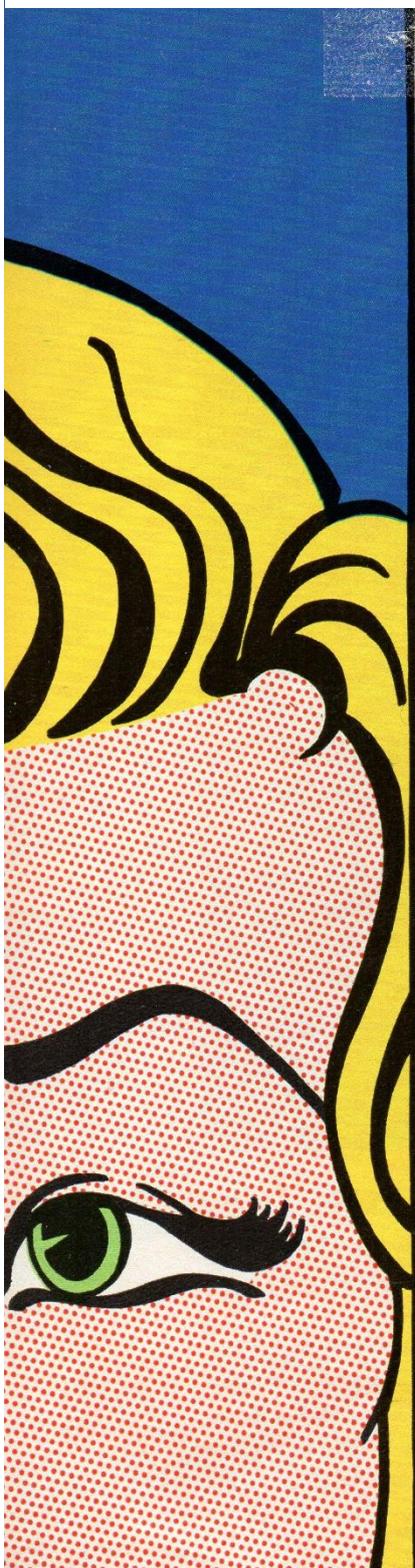


ILUSTRAÇÃO / CARLOS GRASSETTI

V da matemática nem sequer nasceu, mas em que para se colher as boas frutas da sedução é preciso ter, além de charme e ousadia, uma grande dose de lógica. Sim, porque conquistar uma mulher não é ciência exata. Ao contrário, é um jogo — mas um jogo que segue regras muito bem definidas. Nessa dança — a fascinante dança da cantada —, cada movimento precisa ser minuciosamente analisado, como se o conquistador estivesse diante de um tabuleiro de xadrez. Ele precisa estar atento até mesmo às mais insignificantes reações da mulher e, sem queimar etapas, atender a muitas das qualidades que ela espera encontrar num parceiro.

Decifrar os sinais estampados no rosto, na voz e no corpo da mulher que está em sua mira é a primeira lição da cartilha dos experts em cantadas. Eles normalmente só se aproximam de sua caça quando estão seguros de suas reais possibilidades de êxito. Um olhar pode significar sinal verde ou vermelho. Os outros elementos não são

Continua na pág. 152

COMO DAR A CANTADA CERTA

Conquistar uma mulher é um delicioso jogo que depende de cada movimento. Se as pupilas dela abrirem, por exemplo, avance

Por VAGNER ANDRADE

tão claros, mas um conquistador experiente sabe identificá-los com certa facilidade. Com frequência, quando está interessada num homem, a mulher exhibe a palma das mãos ao fumar ou mexe muito no cabelo — são sinais inconscientes de quem está querendo se exhibir. As pupilas dilatadas também indicam que a cantada está no tempo certo e que o desbravador deve seguir em frente. O tom e o ritmo da fala delas acompanhando a nossa é outro sinal de que as coisas estão indo bem. “Há pelo menos trinta sinais que fazem parte do ritual do flerte”, explica o professor Ailton Amélio Silva, coordenador da área de comunicação não verbal da Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, a USP, que há dois anos vem saindo pelas ruas paulistanas com uma câmera, gravando, discretamente, nossas atitudes e as das mulheres durante uma paquera.

UMA ESPÉCIE DE VESTIBULAR EM QUE ELAS NOS ANALISAM

A cantada não deve ser confundida com o galanteio. O segundo é um mero exercício de estilo, sem objetividade. O galanteador enxerga a mulher de forma abstrata. Na verdade, ele exalta a beleza, a feminilidade, a graça, jogando

Continuação da pág. 85

CANTADA

Quando está interessada num homem, a mulher exhibe a palma das mãos ao fumar ou mexe muito no cabelo — sinais de quem quer se exhibir

elogios para todos os lados, sem buscar resultados concretos. Ele admira a mulher como se ela fosse um quadro. As piadinhas de rua costumam sofrer do mesmo mal dos galanteios: não têm uma meta bem desenhada. São mais um tipo de exibicionismo do que propriamente interesse por uma garota. Aliás, a piadinha de rua, assim como o assobio, é uma forma de paquera que hoje pode ser considerada primitiva. Mais primitivo e eficiente que isso era o modo utilizado pelos antigos povos da África, onde a cantada tinha forma original e certa. Com uma flecha, o homem espetava o bumbum da mulher,

demonstrando, assim, urgente interesse erótico. Eles iam, como se percebe, direto ao que interessava.

O sucesso de uma cantada depende de alguns fatores físicos e psicológicos que não podem mesmo ser desprezados por quem entra nesse delicioso labirinto. Uma cantada em bom estilo exige um tipo de abordagem que não provoque reações defensivas. Uma postura desinteressada, uma conversa agradável, em tom neutro, e que inspire confiança ajudam a levar as coisas para o rumo desejado. Mas, fundamentalmente, precisamos quebrar as inibições femininas e despertar o seu interesse sexual. “O bom conquistador sabe como aguçar esse aliado que dorme dentro da mulher”, explica o psicólogo paulista Ailton Amélio Silva, especializado no assunto. “Mas a mulher não se entrega se não houver afeto e, principalmente, se o homem não passar pela pré-seleção.”

Essa pré-seleção é uma espécie de vestibular em que a mulher avalia as nossas qualidades. O conjunto desses atributos pode significar a chave da porta que vai determinar o sucesso de uma cantada. Há pelo menos dois desses adjetivos que dez entre dez mulheres apreciam. O homem compreensivo e de personalidade excitante é quase que a personificação do ideal masculino que elas têm na cabeça. O homem que demonstrar possuir essas qualidades — uma delas ou, glória suprema, as duas juntas — está a um passo de acrescentar mais uma gata em sua relação de conquistas. O ator César Filho — um emérito paquerador do eixo Rio—São Paulo — concorda plenamente com isso, e faz uma observação: “É preciso demonstrar que você é uma pessoa especial”, diz ele.

NA LEI DE COMPENSAÇÃO, UMA NOTA PODE NEUTRALIZAR OUTRA

Se para nós, apoiados nos célebres versos de Vinicius de Moraes, beleza é fundamental, para as mulheres esse atributo pode ser de pouca importância. Elas usam com muita propriedade a lei da compensação: uma tabela onde somos julgados de forma que a nota baixa em um quesito possa ser neutralizada por um 10 em outra ala. Assim, o que vai determinar a escolha de uma mulher é a totalização dos pontos. Tem total fundamento a história de que o homem pode não ser muito bonito, mas, se tiver uma conta bancária recheada, o final, depois de feita a pré-seleção, é outro. Uma pesquisa americana feita por especialistas em 1989 comprova que, na prática, as mulheres são até muito previsíveis. Uma boa colocação profissional e uma situação econômica privilegiada são o que elas mais

O QUE ELAS DETESTAM

Há uma lista de fatores que influenciam decisivamente no sucesso de uma cantada — e entre eles saber o que elas não suportam é essencial para a hora de se aventurar no gostoso jogo de conquistar uma mulher. Pois, se a cantada é uma corrida aos prazeres, qualquer deslize tem as dimensões de uma capotagem a 300 quilômetros por hora. Sabemos que, quando elas dizem “não”, o esforço para convencê-las a mudar de opinião precisa ser grande, o que, no mínimo, adia o desfecho esperado. Por isso, encare a cantada como uma receita de bolo. Os ingredientes, a medida certa e o tempo de cozimento precisam ser rigorosamente seguidos. Se a conquista não fermentar, porém, encare tudo com bom humor e saia de cena com alma de esportista. Afinal, você sabe que logo estará no jogo novamente. Para facilitar seu trabalho, PLAYBOY preparou uma lista do que as mulheres radicalmente detestam num homem — pelo menos, é o que elas dizem. Enfim, decore a lista para não errar, é boa sorte.

- **Mentiras** — Elas não perdoam. Para as mulheres, basta uma ponta de enganação no ar e bye-bye ao que estava apenas no início. Portanto, cuidado com os exageros. Dizer que tem fazenda em Goiás, iate e aplicações na Bolsa, sem ser verdade, pode ser uma estratégia furada.
- **Rambo** — O gênero *Os Brutos Também Amam* está em baixa. A grande maioria delas detesta esse tipo, preferindo homens gentis e cordiais.
- **Sexo-já** — Esse é um ponto cheio de arestas. Cautela é recomendada sempre. Segurar na mão dela ainda é um passo que vem antes da cama.
- **Conversa mole** — Pode torrar a paciência. O blablablá inútil ou metido a intelectual pode esfriar o relacionamento. As vezes, não dizer coisa com coisa em tom de brincadeira surte um efeito melhor.
- **Exibicionismo** — Portar-se diante delas como se fosse um garoto mostrando a bicicleta que ganhou no Natal é um anacronismo imperdoável. Elas, em geral, preferem os discretos. Enfim, a lenda do come-quieto não ficou famosa por acaso.

admiram num homem — eis o resumo da ópera. Se ser compreensível e excitante — ou, vá lá, numa estratégia bem planejada, fingir ser — pode dar a chave da porta, esses dois outros fatores devem escancará-la de vez. O tipo físico aparece em nono lugar nessa lista, ficando atrás de itens como capacidade intelectual e sociabilidade.

Não é à toa, portanto, que a cantada pode ser uma pista de mão dupla. O caminho da ida ao prazer pode ser também o da volta. O franco-atirador, aquele que não mede suas reais chances de conquistar uma mulher ou que despreza as etapas cronológicas de uma cantada, tem uma chance em mil de ser bem-sucedido. Disparada à queima-roupa, a paquera pode soar como uma proposta vulgar, capaz de irritar a eventual parceira e torná-la irredutível. Basta a mulher perceber que se trata apenas de um aventureiro que quer transar com ela, e pode-se dizer que a cantada está fadada ao fracasso. Afinal, para a maioria das mulheres, o sexo está ligado a afeto. Além do que, biologicamente, uma relação sexual pode trazer uma consequência real para ela, ou seja, pode, sem querer, acabar em filho. Por isso, inconscientemente, elas rechaçam — em princípio, diga-se — qualquer proposta que demonstre interesse exclusivo em sexo. Um resultado final inesperado — ter filhos não planejados — faz parte da memória gené-

CANTADA

Se a paquera é uma forma de nos auto-afirmarmos, as mulheres precisam ser paqueradas para realçar sua feminilidade

tica de toda mulher. “Aquela história ‘somos adultos vamos transar’ não funciona”, argumenta a supermodelo Cláudia Liz, nossa capa de agosto. “É preciso haver um certo grau de envolvimento”, diz ela, deixando no ar que querer chegar depressa à cama pode ser um erro fatal.

DO CLIMA AO BALÉ BOLSHÓI, QUASE TUDO É PRETEXTO PARA PAQUERAR

A cantada é uma arma exclusiva nossa. As mulheres, com raras e atrevidas exceções, preferem ser o alvo. Infelizmente, assim como no caso da fonte da juventude, ainda não foi descoberta a fórmula infalível. Por isso, é fundamental que saibamos utilizar com competência os recursos de que dispomos, jogando com maestria. Saber o que as mulheres não suportam pode minimi-

zar os riscos de uma cantada sair pela culatra. A arrogância não ocupa o topo da lista dos defeitos abomináveis apontados pelo sexo feminino, mas pode gelar um relacionamento que está apenas começando. Elas são mais radicais quando percebem uma ponta que seja de mentira nas palavras do parceiro — isso significa quebra de confiança. Falar de assuntos desagradáveis também não causa boa figura. “Sempre procuro conversar sobre amenidades, sobre coisas comuns a mim e à garota”, conta o financista carioca Luís Carlos de Souza, um exímio paquerador. “Sempre que me interesse por uma mulher, elevo o astral para atraí-la.”

Os pretextos para uma aproximação crescem com a criatividade do conquistador. O clima, o trânsito, a última apresentação do Balé Bolshói, as águas claras das praias de Angra, qualquer assunto, enfim, é motivo para um início de conversa. Difícilmente uma mulher deixa sem resposta um comentário simpático. Daí para a frente, tudo vai depender do charme, do estilo e do grau de conhecimento do conquistador sobre a alma feminina. E, se a cantada é uma forma de nos auto-afirmarmos, por outro lado as mulheres precisam ser cantadas para fortalecer sua feminilidade. Deus pensou mesmo em todos os detalhes quando criou o homem e a mulher.



SAIBA ESCOLHER A TÁTICA CERTA

O cenário para uma cantada é tão importante quanto o charme e o estilo do conquistador. Pois conhecer lugares propícios e usar a estratégia adequada em cada um deles são regras que aparecem nas primeiras linhas da cartilha dos mestres nessa arte. Aqui você tem alguns lugares onde a temperatura é ideal para uma conquista — e qual a melhor tática para adotar neles.

• **Praia** — Seja na praia de Ipanema, no Rio, na do Futuro, em Fortaleza, ou na praia de Pitangueiras, no Guarujá, as primeiras horas da manhã são ideais para a paquera, pois com os raios solares começam a chegar as gatas que, na maioria das vezes, preferem esse período para se bronzear. Observe também que as barracas de frutas e sucos são os locais preferidos delas — e portanto devem ser os seus também.

• **Festas** — Espere o momento certo, quando várias garrafas de uísque já tiverem rodado pelo ambiente. Guarde na memória as mulheres que bebem: elas estarão mais acessíveis a uma boa conversa. O terraço ou perto da piscina são sempre pontos estratégicos — é lá que as cantadas e os primeiros beijos costumam acontecer.

• **Bares** — Escolha aqueles frequentados por turmas de todos os tipos. Além de o leque de opções ser maior, há sempre um clima perfeito de confraternização. Tome como exemplo o Constantinopla, em São Paulo, ou o Real Astória, no Rio.

• **Boates e danceterias** — Eis o paraíso para uma conquista. Já existe, mesmo que elas neguem, uma predisposição entre as mulheres que vão a esses lugares de encontrar um parceiro. Evite, contudo, bancar o Nureyev de sa-

lão para não cair no ridículo, e prefira sempre ocupar os pontos mais escuros da casa.

• **Academias de ginástica** — Muitas gatas disponíveis escolheram as aulas noturnas para malhar e badalar. Que tal trocar seu horário de perder os quilos extras?

• **Shoppings** — O lugar encantado das compras e das paqueras. Afinal, as estatísticas comprovam: existem mais mulheres por metro quadrado dentro de um shopping do que em parques e jardins. Pretextos para uma aproximação não faltam. Só não vale puxar conversa sobre preços altos.

• **Cinema** — Prefira os dias de estréia de filmes premiados com o Oscar, principalmente os românticos. Elas costumam ficar de coração mole. Aí, basta esperar o *The End*.

ANEXO – C

Playboy, ano XXV, n. 292, nov. 1999, p. 182, 184, 186 e 188

COMPORTAMENTO ■ PLAYBOY

A CIÊNCIA DA PAQUERA

A arte da conquista já se aprende na universidade. E sua maior inimiga, a timidez, começa a ser atacada em clínicas especializadas

Se ninguém aprende samba na escola, como ensina a canção de Noel Rosa, o mesmo já não se pode dizer da boa e velha paquera. Não exatamente aquela que ferve onde quer que os dois (ou mais) sexos se encontrem, aí incluídas as salas de aula — mas a paquera como ciência. Sim, como ciência, com todo o aparato que o estatuto científico requisita, do diploma às teses de doutorado, tudo devidamente confeitado com citações, recheado de bibliografia e escorado em copiosas notas de pé de página.

Por ora, esse interessante ramo do conhecimento humano, que ainda falta batizar de Paquerologia, encontra abrigo em raras universidades mundo afora. Aqui e ali, existem algumas onde se debulham teorias — mas são bem poucas aquelas que se ocupam, concretamente, dos ingredientes, dos passos e das fases de um relacionamento amoroso. No Brasil, isso acontece apenas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Nele funcionam três cursos dedicados a esmiuçar os intrincados caminhos que, se bem trilhados, conduzem à cama, quando não ao altar.

Por **HUMBERTO WERNECK**
ILUSTRAÇÃO: RAFAL OLBIŃSKI

182 **PLAYBOY** NOVEMBRO 1999



A CIÊNCIA DA PAQUERA

Para entender os mecanismos do amor, ele já andou estudando até mesmo a paquera entre os peixes

São disciplinas optativas disputadíssimas por alunos de graduação e pós-graduação, que chegam a madrugar na secretaria do Instituto para conseguir vaga na sala de aula onde se ensina "Relacionamento Amoroso (Teoria e Prática)"; "Seleção de Parceiros, Flerte, Namoro e Casamento"; e "Ligação Amorosa: Relacionamento, Sexo e Amor". A ciência paquerológica que se aprende ali já se derrama para fora do campus, para a vida prática, sob a forma, por exemplo, da Clínica do Amor e Timidez, criada em São Paulo no início deste ano. Por detrás da sugestiva sigla CAT, uma equipe de oito jovens psicólogos se dispõe a dar combate ao que vem a ser o maior entrave à indispensável fluidez entre os sexos: a timidez.

É como se o corpo inteiro entrasse em ereção

A moldura dos três cursos da USP é um Centro de Estudos de Timidez e do Amor, comandado pelo professor Ailton Amélio da Silva, 51 anos de idade, o responsável pelo desembarque dessas ousadias nos circunspectos domínios da universidade e, em última análise, pelo surgimento de uma clínica especializada como a CAT. Visto com desconfiança por muitos de seus pares, o professor Ailton há anos vem fazendo pesquisas e acumulando anotações na congestionada salinha que ocupa no Instituto de Psicologia. Já encheu mais de 3 000 folhas de papel, que promete desdobrar num punhado de livros.

O professor não se limita a batucar nas teclas de seu computador. Munido de uma câmera fotográfica digital, ele costuma também circular pelo campus da universidade em busca de registros da linguagem não-verbal com que homens e mulheres encenam, à base de avanços e recuos, o seu sinuoso xaxado amoroso. "Sou um observador incorrigível", confessa Ailton Amélio da Silva. "Saio para tomar um café e já tacho o olho para saber quem está paquerando." Nem por isso se confunde o professor — casado há 23 anos e pai de uma filha — com algum bisbilhoteiro, um *paparazzo* à cata de entreveros carnaís. Seu voyeurismo tem objetivos estrita-

mente científicos. Escrupuloso, ele só aproveita a foto em seus estudos se os protagonistas, avisados após o flagrante, lhe derem autorização. Se não concordam, a imagem é imediatamente apagada. Boa parte não se opõe.

Mas o que busca, exatamente, a sofisticada câmera xereta do professor Ailton Amélio da Silva? Um modo de olhar ou sorrir, uma expressão facial, um jeito de corpo — tudo é material para minuciosa dissecação. No afã de escarafunchar os mecanismos do comportamento amoroso, o professor já andou estudando até mesmo a paquera entre peixes, estando em condições de informar que "alguns deles têm uma dança de cortejo muito bonita".

Mais freqüentemente apontado para seres humanos, o arpão fotográfico do professor Ailton costuma fisgar ocorrências que, à força de se repetir, podem ser tomadas como comportamentos típicos. Ele já sabe, por exemplo, que a mulher em trâmites paqueiras tende a movimentar os ombros num ritmo bem mais acelerado que o habitual. Também por coquetismo, ela costuma jogar seguidamente o queixo em direção ao ombro, num movimento sinuoso e lânguido, da mesma forma como exhibe reiteradamente a palma das mãos, naquele gesto que, num gay, seria rotulado de "desmunhecada".

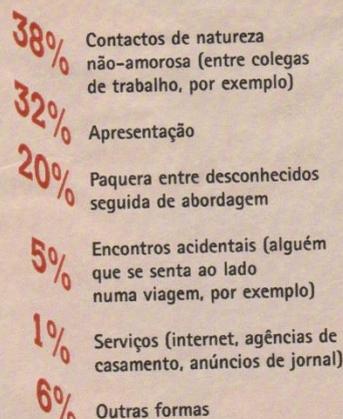
O homem não deixa por menos — quando empenhado no que os paulistanos chamam também de "xaveco", os cariocas de "azaração" e os belo-horizontinos de "mascação", ele inconscientemente joga a cabeça para a frente, estende o pescoço em direção à mulher, como um atento periscópio, ao mesmo tempo que, os hormônios em ebulição, estufa o peito e murcha a barriga. "Quanto mais partes do corpo estejam envolvidas, mais envolvida está a pessoa", diz o professor Ailton.

O primeiro anzol lançado na paquera é quase sempre o

olhar, poderosa arma por si só capaz de provocar uma série de alterações físicas. "O contacto de olho faz aumentar a tensão da pele, a passagem da corrente elétrica por ela", explica o professor, brandindo estudos assinados por sumidades estrangeiras. A ciência não deixa dúvidas: um olhar desejoso mexe com o coração propriamente dito, acelerando-lhe o ritmo, como se seu dono tivesse tomado duas xícaras de café. A pupila se dilata, aumenta o tônus muscular de todo o corpo — ocorre como que uma ereção do corpo inteiro.

Quanto tempo de contacto visual é preciso para que tamanha turbulência se desencadeie? Não mais de 3 segundos, cronometra Ailton. Pode parecer uma insignificância quando se pensa nos 8 segundos que o peão tem que se agüentar no lombo do touro para não ser desclassificado no rodeio — mas, no terreno do olhar, 3 segundos são uma enormidade.

"Se você passa na rua e fixa uma pessoa por 1 segundo,



Fonte: pesquisa prof. Ailton Amélio da Silva

Playboy, ano XXV, n. 292, nov. 1999, p. 182, 184, 186 e 188

PLAYBOY

A CIÊNCIA DA PAQUERA

Estamos num boteco, numa boate, num restaurante — mas acredite: esta é uma sessão de terapia

é muito possível que ela se volte”, compara o professor da USP.

Três segundos podem ser uma eternidade também no estágio seguinte da paquera, quando além de olhares rola uma conversa. Nessa fase os envolvidos não permitem que se abra, no papo, uma pausa tão longa: com ela, poderia vir a sensação ruim de que a paquera não está avançando. É também por isso que nessas ocasiões você fica hiper-reativo, carregando nas exclamações e esmerando-se em achar pontos em comum, como num comercial de cigarros. Exagera nos elogios, no tom de voz — sim, pois a iminência de romance ou sexo tange também as cordas vocais. Sabe disso o professor Ailton, que já orientou uma dissertação de mestrado sobre as diferenças na voz quando se trata de amor e de simples amizade.

É bastante comum a história começar num tom de voz puramente amistoso para a certa altura engrenar um ronron meloso. Foi o que mostrou uma pesquisa do mesmo professor da USP em quatro cidades brasileiras — São Paulo, Curitiba, São Luís do Maranhão e Mococa (SP) —, quatro anos atrás. (Veja tabela na página anterior). Por não se tratar de um levantamento extenso e rigoroso, adverte Ailton, os resultados têm caráter apenas indicativo. São curiosos, de todo modo. Mostram que a maioria (38%) dos relacionamentos nasce de contactos nada românticos em dado momento metamorfoseados pela flecha de Cupido. Colegas de trabalho que passam do escritório ao quarto, por exemplo.

Cerca de 20% das histórias de amor, indica ainda a pesquisa do professor Ailton, surgiram de paquera de uma pessoa desconhecida seguida de abordagem. Em outras palavras, você nunca viu a garota, vai lá e fatura. Alguém pode se surpreender, achando pouco esses 20%. O professor se surpreende pelo motivo oposto: é gente demais engatando com gente que nem conhecia: “Você bate o olho numa pessoa completamente estranha e dali sai algo de profundo — é fabuloso!”

Só não se parte do zero absoluto,

nesses casos, porque na maioria das vezes tais encontros ocorrem em locais feitos expressamente para que isso aconteça, os “paqueródromos”. Lugares aonde se vai antes de mais nada para paquerar, quase sempre bares e boates. Todo mundo, ali, está predisposto. Há como que um contágio — tudo estimula a fazer o que os outros estão fazendo. Estar lá já é indício de disponibilidade. “Quem vai à igreja é para rezar”, diz o professor.

Você nunca viu a garota, mas vai lá e fatura



Mesmo em tal igreja, porém, essa reza particularíssima volta e meia empaca no maior obstáculo plantado no limiar de boa parte dos relacionamentos amorosos: a timidez. Em seus variados graus, essa vilã vem sendo atacada na já citada Clínica do Amor e Timidez, a CAT, em sessões individuais ou de grupo, como nas terapias convencionais. Não apenas no aconchego da clínica, instalada num apartamento térreo no bairro do Itaim, como também, conforme o caso, no ambiente borbulhante dos paqueródromos.

Na linguagem em uso na CAT, são as “saídas a campo”, ocasiões em que um dos profissionais da casa, em companhia do paciente, transporta o seu arsenal terapêutico para a mesa de um boteco, boate ou restaurante. Essa terapia móvel, com a mesma duração e o mesmo custo de uma sessão em consul-

tório (entre 50 e 70 reais), é um trabalho que para o paciente consiste, primeiro, em observar os outros e, mais adiante, arriscar uma abordagem. Já estaria em condições de ter alta o paciente que fosse capaz de escancarar a paquera, convidando para a sua alguém da mesa ao lado.

Isso ainda não aconteceu, conta um dos psicólogos da CAT, Sérgio André Segundo, lembrando que o tratamento não produz o milagre de transformar bichos-do-mato em seres extrovertidos. Mas não é menos verdade, ele acrescenta, que “em questão de meses se pode pôr um tímido em condições de agir”. Exemplo de que a timidez pode ser vencida seria o próprio Sérgio André, que, por ter sido um adolescente acanhado, custou a entabular um primeiro namoro — e ainda assim porque a menina tomou a iniciativa. Hoje desenvolvido e loquaz, trabalhou suas dificuldades e admite que elas é que o empurraram nos braços da psicologia — e, por essa via, nos braços de uma psicóloga, Márcia de Oliveira, sua colega na clínica, com quem divide hoje, fora do expediente, o que se poderia chamar de um divã de casal.

Outros exemplos podem ser buscados entre seus pacientes. Alguém como o engenheiro e joalheiro Marcos, 46 anos de idade, desinibido apenas ao ponto de revelar à reportagem o seu prenome. Atualmente solteiro e com nada menos de quarenta relacionamentos amorosos no currículo, ele vem se submetendo a duas sessões individuais por semana desde junho passado — e, com esses poucos meses de tratamento, já se sente sair da casca.

O grande problema de Marcos a.C. (antes da CAT), digamos assim, era a timidez que o fazia encaramujar-se na presença de estranhos. Achava-se muito feio e se policiava o tempo todo. “Era perfeccionista”, rememora ele, “só admitia falar coisas que fossem muito interessantes.” Diante de mulheres, seu primeiro impulso era arrepiar carreira, de medo de ser rejeitado. Mesmo o seu alentado rol de conquistas amorosas, hoje ele vê, na verdade não passava de insaciável busca de auto-afirmação.

Sua primeira “saída a campo” levou-o a uma choperia, em companhia de Sérgio André. Os toques do psicólogo lhe foram tão úteis que poucas noites mais tarde, dessa vez sozinho, encontrou coragem para trocar olhares com

A CIÊNCIA DA PAQUERA

M. está vencendo a timidez. Mais um pouco e terá coragem de revelar as outras letras de seu nome

uma bela mulher. Para sua própria surpresa, Marcos d.C. (depois da CAT) não ficou nisso: foi lá e tirou a garota para dançar. "O Marcos tem toda a bagagem de habilidades sociais", diagnostica Sérgio André, "só lhe faltava soltar-se."

É também o caso de outro engenheiro que a timidez encaminhou à CAT e que até segunda ordem prefere refugiar-se na letra M, inicial de seu prenome. Jovem (34 anos), boa-pinta, empresário bem-sucedido, M. conta que arrastou pela vida a sensação de estar sendo continuamente avaliado pelos demais. "Por isso, no trato com os outros eu tendia a ser uma pessoa que mais escutava do que falava." O verbo no passado atesta os progressos feitos por M. desde que passou a freqüentar um dos grupos da CAT, menos de seis meses atrás.

O trabalho, nesses grupos, inclui preleções a cargo dos orientadores, mas também exercícios práticos que podem consistir em postar-se diante do espelho para aprender a sorrir — para não falar nuns tantos truques sempre úteis na conquista amorosa (*leia lista abaixo*). "Pequenas vitórias vão se somando em você", comemora M., prestes a poder revelar as outras letras de seu nome. "Você vai ganhando autoconfiança e vendo que não tem o que temer." Uma de suas "pequenas vitórias" foi descobrir que mulheres o paqueravam sem que ele, ensimesmado, se desse conta disso. Já mais saíndinho, está namorando uma garota que sorriu para ele em pleno tumulto do trânsito paulistano. Retribuiu o sorriso, estacionaram os respectivos carros e uma história de amor se pôs em marcha.

M., como Marcos, faz parte daquela metade da humanidade que, em graus

variáveis, sofre de timidez. Não é pouca gente: estatisticamente, haveria neste mundo 3 bilhões de pessoas acanhadas, travadas, encabuladas, introspectivas, retraídas, cabisbaixas, tremelicantes, gaguejantes, tartamudas. Na maioria dos casos, trata-se da chamada timidez situacional, aquela que nos acomete em determinadas circunstâncias — diante de uma platéia, por exemplo —, por oposição à timidez crônica, que se manifesta em todos os escaninhos do cotidiano, do amoroso ao profissional.

De modo geral, ela é mais pesada para o homem, socialmente condenando a tomar as iniciativas, inclusive no campo do amor. Não é de espantar, assim, que de cada dez tímidos que batem à porta da CAT apenas quatro sejam do sexo feminino. No conjunto predomina a classe média e as idades variam entre os 18 e os 55 anos, com concentração na faixa dos 25 aos 35.

Um inimigo a ser abatido a todo preço? Nem sempre. Desde que em dose moderada, a timidez é até bem-vinda, diz a psicóloga Maria Aparecida Barbosa, da CAT: "Ela ajuda a sinalizar o interesse por determinada pessoa". Na mulher, acrescenta, "costuma ser um charme". É o que diz também o professor Ailton Amélio da Silva, detectando na timidez "um dos elementos do cortejo feminino". Para o homem, portanto, um condimento a mais na excitante — e, se possível, desinibida — batalha do amor e do sexo. 

9 DICAS PARA A CONQUISTA*

- 1 Não deixe de comparecer a eventos sociais. Quanto mais "exposto", maiores são as suas chances de conhecer uma pessoa especial.
- 2 Nos locais onde role a paquera, não fique pelos cantos. Esconder-se no fundo da sala diminuirá suas chances de sucesso. Sugestão: fique perto do toalete feminino e dê voltas periódicas pelo ambiente.
- 3 Não tente ser o que não é. Vista-se da maneira que mais o agrada e fale de assuntos que conhece. A autenticidade é a regra número 1 no jogo da sedução.
- 4 A dança é um grande trunfo na conquista. Se ainda não sabe, aprenda e faça bom uso desse ótimo pretexto.
- 5 Não tenha medo de ouvir um "não". Faz parte do risco. Os grandes conquistadores contabilizam muitas respostas negativas, mas tomam a rejeição como um incentivo para seguir tentando.
- 6 Na conversa "corpo-a-corpo", mantenha contato visual intenso. Mulher não gosta de homem que não consegue olhá-la nos olhos.
- 7 Numa conversa, não seja crítico e não faça julgamentos. Procure ouvir com atenção e basear o papo nos interesses da mulher, e não nos seus.
- 8 Fale de amenidades — filmes, música, viagens —, tentando estabelecer um conjunto de afinidades.
- 9 Toque sutilmente a mulher; testando aos poucos a sua receptividade. Uma idéia é começar tirando "pelinhos da roupa" ou esbarrando "acidentalmente" nas mãos dela.

* Segundo os psicólogos da Clínica do Amor e Timidez, de São Paulo

ANEXO - D

Manual de sedução do *blog Atitude de Homem*

ATITUDE DE HOMEM

SOBRE CONTATO COMPRAR NOVO LIVRO

→ Atitude Alfa

f Curtir 86



Na biologia, o termo alfa refere-se ao líder. Quando se fala em um homem de atitude alfa, trata-se uma analogia a alguns animais que ocupam posição de liderança em seu grupo.

O macho alfa, que em geral está acompanhado pela fêmea alfa, possui habilidade para caça, força, facilidade na tomada de decisões e conta com uma personalidade marcante.

Então, se você quer ter uma atitude alfa, deve agir semelhantemente ao macho alfa do reino animal. Essa atitude, além de ser importante socialmente para um homem, seja no trabalho, na relação com os amigos, nos estudos, vai ser muito útil no trato com as mulheres, ainda mais se o homem estiver em busca de uma fêmea alfa.

Autoconfiança e determinação: características alfas

A desaprovação dos outros não influencia nas decisões do homem de atitude alfa, uma vez que ele prioriza o que o seu bom senso tem a dizer. Não confunda isso com arrogância. Trata-se, antes de tudo, de autoconfiança e determinação.

Além disso, o homem de atitude alfa é educado e simpático, sem, contudo, ser chiclete ou ficar implorando a atenção dos demais.

O visual também é importante para uma convincente atitude alfa, sendo que o homem deve estar sempre bem apresentado, com roupas condizentes com a ocasião, perfumado, penteado, mas claro, com estilo, sem aquele visual “quadrado” ou “árvore de natal”.

Atitude alfa requer coragem

Quando um homem alfa chega em uma mulher para uma aproximação, ele toma essa decisão com firmeza, sem parecer que, na hora em que chegou junto, bateu o medo ou o arrependimento e a sua vontade é de dar meia volta.

Atitude alfa requer coragem e, por isso, o homem precisa ser forte e [perder de vez o medo da timidez](#), dar o seu recado e ter confiança de que fez o certo.

Em geral, homens com atitude alfa agradam as mulheres já no primeiro instante, pois mesmo que eles falem alguma bobagem, o fazem com determinação, olhando nos olhos da mulher – outra coisa muito importante a se fazer como macho alfa.

O macho alfa é gentil e durão ao mesmo tempo

Quando o homem de atitude alfa começa a sair com uma mulher, ele é gentil, mas, ao mesmo tempo, faz o tipo “durão”. Isso faz com que a mulher se sinta segura ao seu lado e aumente a atração.

Um macho alfa é cavalheiro, bem humorado e, até mesmo, cara de pau quando for necessário, mas sem exageros e sem ficar babando pela mulher, o que certamente atrapalha qualquer conquista.

Eduardo Santorini



Eduardo Santorini é o criador do projeto Atitude de Homem, o maior site de desenvolvimento pessoal para homens do Brasil. É o autor do livro, [Como Conquistar Uma Mulher Em 15 Minutos](#), disponível na Livraria Cultura ou nas lojas das principais livrarias do país.

A missão do projeto Atitude de Homem é inspirar homens a se tornarem mais confiantes, carismáticos e atraentes. Hoje a comunidade já conta com mais de 1 milhão de leitores por mês.

Para receber gratuitamente as novas atualizações do site, [assine a newsletter](#) e receba os novos artigos assim que publicados.

Artigos Populares

- Eduardo Santorini De Frente Com Gabi
- Como conquistar uma mulher em 15 minutos
- Linguagem corporal na sedução
- Como vencer a timidez em 5 passos
- 10 dicas para conquistar uma mulher
- Como chegar em uma mulher
- 5 dicas para iniciar conversa com uma mulher
- Como conquistar uma amiga
- 21 cantadas engraçadas
- Como arrumar uma namorada
- Como reconquistar a ex-namorada
- 10 sugestões de presentes para a namorada
- 6 formas de fazer uma pessoa gostar de você
- 4 passos para te ajudar a encontrar a pessoa certa
- Técnicas secretas do FBI para descobrir uma mentira
- 12 atitudes incríveis para você atingir seus objetivos
- 16 piores erros que os homens cometem na balada
- O grande segredo para uma abordagem de sucesso
- Como turbinar sua confiança em apenas 2 minutos

Por mais que um homem esteja saindo com uma gata, ele não pode colocá-la num pedestal e fazer todas as suas vontades. É necessário que ele mostre que não é tão fácil assim conquistá-lo.

Para conquistar uma mulher - e o que mais desejar - ter uma atitude alfa é essencial.

Por mais que o homem esteja apaixonado pela mulher, ele não pode se declarar de primeira, nem de segunda: ele deve aguardar um certo tempo. Além disso, fazer-se de difícil vai mostrar à mulher que ele não se interessa por qualquer uma.

Macho alfa X Fêmea alfa

As mulheres de atitude alfa são as mais propensas a se interessar por machos alfas, pois elas querem alguém com o mesmo poder de força e decisão que elas têm. Nem sempre uma relação com dois alfas pode dar certo, pois o embate mútuo pode prejudicar a relação. Mas, se ambos souberem contornar as situações problemáticas, formarão um casal que só terá a ganhar um com o outro.

Mulheres mais tranquilas e carentes são ainda mais fáceis de serem conquistadas através de uma atitude alfa. A partir do momento em que o homem decide adotar o perfil alfa, ele pode conquistar a mulher que quiser, uma vez que a sua personalidade vai ficar muito mais ousada e marcante, transformando-se em referência para alguns, o que pode causar, inclusive, alguma antipatia com outros machos alfas que estejam ao redor.

Tenha as mulheres na palma da mão

Uma atitude alfa apimenta a relação e deixa a mulher caidinha por você. O homem alfa sabe como tratar uma mulher, convida-a para jantares à luz de velas, passeios românticos: ele é galanteador e sedutor. Mas nem por isso ele mostra o quanto está interessado na mulher.

Volta e meia, ele pode deixar de atender a uma ligação dela, desmarcar um encontro, ficar sem ligar alguns dias.. Isso ajuda a mostrar para a mulher quem é que está no comando da relação.

Mesmo quando uma conquista não dá certo, o homem alfa nunca se faz vítima e nem mostra o seu coração partido. Um macho alfa passa por cima dos problemas e parte para outra. No namoro, no trabalho, seja onde for, ele está pronto para o que der e vier, sem medo e sem receio de conquistar o que deseja.

Sobre o autor: Eduardo Santorini é o criador do projeto Atitude de Homem e autor do livro [Como Conquistar Uma Mulher Em 15 Minutos](#). Você pode fazer o pedido pelo site da [Livreria Cultura](#) ou nas lojas das principais livrarias.

APÊNDICE – E

Como conquistar uma mulher em 15 minutos por Eduardo Santorini

Digamos que você tenha uma festa hoje à noite, mas não sabe como conquistar uma mulher. Aplicando corretamente alguns princípios, em 15 minutos (ou menos) você poderá estar beijando qualquer mulher.

De forma resumida, o jogo da sedução pode ser dividido em cinco fases, até sua conclusão com um beijo – ou mesmo sexo, dependendo das circunstâncias: puxar assunto, atrair, qualificar, criar conexão e seduzir. Saiba o que fazer em cada uma dessas fases e jamais perca-se no meio do caminho.

É essencial seguir a ordem estabelecida. Você poderia, por exemplo, pular a fase de atração com a mulher e ir logo para a fase da qualificação, como muitos caras fazem. No entanto, a taxa de sucesso é muito baixa.

Saber como conquistar uma mulher de alto valor e deixá-la atraída por você é fundamental para se dar bem, afinal, ela tem opções de sobra para escolher. Comportando-se de maneira certa, você pode conquistar a mulher que quiser mais rápido do que imagina.

1. Puxar assunto



Fique próximo à área do bar, onde o som estará mais baixo e você conseguirá conversar com a mulher. Pistas de dança são impossíveis de conversar.



Não fique bêbado.



Quando você vir um grupo de amigas, faça parecer que você acabou de vê-las e, espontaneamente, pergunte algo para elas ou faça algum comentário sobre a música, bebida, festa.



Demonstre estar genuinamente interessado na resposta delas. Não é hora para fazer

cara de tarado e ficar olhando os peitos das garotas.



Procure iniciar a conversa o mais rápido possível, utilizando a Regra dos 3 segundos, evitando, assim, que você tenha ansiedade de aproximação.



Jamais ignore as amigas de seu alvo. Sem a simpatia das amigas, você não chegará muito longe.

2. Gerar atração



Assim que você for aceito no grupo, a atração deve começar imediatamente.



Provoque o seu alvo. Dê um apelido a ela, por exemplo.



Conte algumas histórias interessantes. Se tiver humor no meio, melhor ainda.



Seja um cara espontâneo e natural, sem parecer muito esforçado.



No início, você vai falar a maior parte do tempo. Não deixe o grupo ficar em silêncio porque você não tem o que dizer.



Assim que ela mostrar alguns sinais de interesse, é hora de passar para a fase da qualificação.

3. Qualificar



Ela lhe forneceu indicadores de que está interessada em você, então você deve retribuí-la, mostrar seu interesse também.



Qualificar não é dizer que ela é a criatura mais linda do mundo e que você quer fazer sexo com ela. Aliás, evite fazer elogios sobre a aparência física dela.



Uma boa forma de qualificar é encontrar características nela que você admira. Se ela é uma garota simpática e parece estar sempre se divertindo, deixe-a saber disso.

4. Criar conexão emocional



É neste momento que vocês passam a conhecer melhor um a o outro: “qual o seu nome”, “o que você faz” etc.



Não faça a sua conversa parecer uma entrevista. Sempre que responder sobre sua vida, procure contar histórias interessantes relacionadas. Da mesma forma, estimule

a mulher a contar histórias sobre a vida dela. Assim, vocês se conhecem de maneira descontraída. “A atração ocorre muito mais rápido do que imaginamos.”



Toque-a de forma natural e espontânea. Faça-a acostumar com o seu toque até que, gradualmente, vocês cheguem ao beijo. As mulheres são muito sensíveis ao toque, o que pode ajudá-lo, inclusive, a deixá-la mais excitada.



É neste momento que você deve beijar, ou, se não for possível beijar, pegue o telefone dela.



Faça o toque soar natural e nunca demonstre estar agindo dessa forma apenas para beijar a garota. Faça parecer que tudo aconteceu naturalmente.

5. Seduzir e finalizar



A fase da sedução aborda o momento em que estiver sozinho com ela até a hora do sexo.



Seu maior trabalho neste ponto é deixar a mulher confortável com você, a ponto de ela ir sozinha para sua casa, por exemplo.



Normalmente, o processo da sedução não acontece no mesmo dia em que você conheceu a mulher. Na maior parte das vezes será necessário que você marque um encontro com ela, saia algumas vezes e telefone.

Qualquer homem pode aprender como conquistar uma mulher. Certamente, este é um modelo muito resumido de todo processo de conquista e sedução de uma mulher. Há vários elementos que não foram relatados. Entretanto, procurei listar e simplificar os fatores decisivos no processo de atração. Caso tenha apenas 15 minutos para conhecer uma mulher, não hesite em utilizá-los.

O poder de atrair uma mulher é uma habilidade e, como toda habilidade, pode ser aprendida. Da mesma forma que não nascemos sabendo como andar, falar ou dirigir um carro. Todas essas foram habilidades básicas que você APRENDEU quando precisou delas. Para conquistar uma mulher você precisa ativar determinados gatilhos da atração.

Acabei de publicar um novo vídeo, onde mostro como atrair uma mulher e deixá-la pronta para o beijo com apenas 15 minutos de conversa. Você verá como fazer isso, usando um gatilho da psicologia social, extremamente poderoso, mas pouco conhecido.

Veja mais

...

Sobre o autor:

Eduardo Santorini é coach de relacionamentos, criador do projeto *Atitude.com* e autor de livros e treinamentos sobre conquista. Atualmente ele é um dos maiores estudiosos dos mecanismos de atração entre homens e mulheres e seu trabalho já foi destaque nos principais veículos da mídia.

ANEXO – F

Manual de sedução do *blog Atitude de Homem*

ATITUDE DE HOMEM

→ 10 dicas para conquistar uma mulher

 Curtir 5,4 n



Muitos homens têm dificuldades para abordar uma mulher desconhecida e conquistá-la. A maioria coloca a culpa em fatores externos, como não ser bonito. Alguns ainda acreditam no mito de que as mulheres só gostam de caras ricos. Se tudo isso fosse verdade, como explicar os vários caras feios que vemos todos os dias de mãos dadas com belas mulheres?

Há, certamente, fatores que influenciam a decisão de uma mulher em estar com um determinado cara ou não. Sabendo quais fatores são esses você pode conquistar uma mulher ainda hoje, mesmo não sendo rico, famoso ou boa pinta.

O fato é que o homem que quiser sair com as melhores fêmeas, quer dizer, com as mulheres mais gatas, inteligentes e interessantes, vai ter que se destacar da maioria. Mulheres assim costumam ser abordadas a todo instante. Numa boate ou festa, por exemplo, pelo menos uns 15 caras chegam nelas.

A boa notícia é que a maioria dos caras não sabe como despertar o interesse dessas mulheres e ser especial no meio da multidão. Vou apresentar 10 dicas fáceis, para que você comece a conquistar a mulherada ainda hoje.

1. Saiba se vestir

O jogo da paquera começa bem antes da abordagem. Se você se vestir de forma correta, já estará alguns pontos à frente dos outros. Um bom início para começar a se

vestir bem é pedir opinião das amigas ao comprar suas roupas. Mulheres normalmente são bem melhores que homens em assuntos de moda e estilo.

2. Seja sociável

Seja o cara que conversa com todo mundo. Assim, quando estiver conversando com uma mulher que lhe interessa, não vai ficar estampado na sua testa que você está dando em cima dela; afinal, você é um cara popular.

3. Tenha amigas

As mulheres passam a te olhar com outros olhos se você estiver acompanhado de outras mulheres. Essa teoria, chamada de pré-seleção, é explicada inclusive pela biologia e pode ser percebida em várias espécies de animais.

4. Na dúvida, aborde

Quando você vir alguma mulher que te agrada na rua, na faculdade, numa boate ou num bar, aborde-a imediatamente. Nada de pensar no que vai falar, de pedir opinião para um amigo ou de adiar. Vá lá antes que você perca a oportunidade.

5. Observe a linguagem corporal delas

Se você não tiver o tipo físico do Rodrigo Santoro, dificilmente as mulheres virão conversar com você.

A linguagem corporal da mulher diz muito sobre o interesse dela em você, antes mesmo da abordagem.

No entanto, é muito comum que as mulheres demonstrem o interesse delas por meio de um olhar, mexendo nos cabelos, deixando a bolsa dela cair perto de você ou mesmo pedindo alguma informação. Saiba identificar isso e, se ela te agradar, não deixe a oportunidade passar.



6. Saia de casa

Se ficar em casa jogando video game, provavelmente nenhuma mulher vai cair no seu sofá. Faculdades, exposições, shoppings, bares, boates e clubes são alguns dos lugares

excelentes para encontrar mulheres. Procure conhecer os locais da sua cidade onde é certo encontrar algumas belezas.

7. Faça ela rir

Ser bem humorado é uma das maiores qualidades de quem pretende se tornar um homem de atitude. Todo mundo quer ficar perto de alguém que o faça se sentir bem, e com as mulheres não é diferente. No entanto, ter um bom humor não significa ser um verdadeiro palhaço.

8. Não seja esforçado demais

Ao contrário, esnobe um pouco as mulheres. Não seja o cara que faz tudo que as mulheres querem, que paga bebida para elas ou que fica elogiando a todo instante. Faça a garota ter um certo trabalho para te conquistar também. Ninguém gosta de nada muito fácil.

9. Tópicos interessantes

A conversa não deve parecer uma entrevista, com você perguntando nome, idade e profissão. Saiba falar de assuntos leves e descontraídos, como música, cinema, lugares interessantes... Faça algumas brincadeiras e, até mesmo, a provoque de vez em quando.

10. Aprenda a lidar com a rejeição

Tenha autoestima e autoconfiança inabaláveis. Se uma mulher te der o fora, isso não significa que você não é bom o bastante com as mulheres. Você não tem culpa se ela tem mau gosto, não é mesmo?

Para você que está iniciando no mundo da sedução, essas dicas já são um bom ponto de partida.

ANEXO – G

Disponível em <http://megafilmee.blogspot.com.br/2014/11/como-ficar-com-as-mulheres-mais-gatas.html> **Acesso em: 12/08/2015**

Como ficar com as mulheres mais gatas da festa



Você que quer fazer bonito e saber como ficar com as mulheres mais gatas da festa tem que caprichar na hora da paquera e seguir as dicas de “cabo a rabo” para conquistar e seduzir o sexo oposto. Ainda mais se as mulheres em questão são o alvo de desejo de outros homens da balada e estão chamando a atenção de todos os olhares. Nessas horas, o mais importante é ter uma atitude de macho alfa, ou seja, determinação e atitude, e para garantir o que você quer é preciso também ousadia, completando o perfil do comportamento que deve ter.

Porém, saiba que o campo de batalha para ficar com as gatas mais belas de uma festa não é fácil de caminhar, pois está repleta de inimigos. Nesses casos, a concorrência é imensa e pode até mesmo se tornar desleal para ganhar antes de você a mulher mais linda. As baladas, de forma geral, já são locais de grande concorrência e como a oferta também é variada, você pode ser esperto e conquistar uma mulher que não seja a mais assediada de todas. Mas se você curtiu essa mulher que é a mais gata, ou mesmo, está precisando conquistá-la para colocar a sua estima lá em cima, é preciso estar preparado.

Por outro lado, se você é novo nas artimanhas da conquista, entenda que certamente existem homens com muito mais experiência do que você com os mesmos intuitos e embora isso diminua as suas chances de vencer essa luta, isso não quer dizer que é uma batalha perdida desde o início. O seu visual é um grande aliado e se você estiver fazendo uso das armas certas pode surpreender até a si mesmo.

É preciso que você compreenda que na balada, a maioria das mulheres está disposta a conhecer caras interessantes e a se divertir, ou seja, é pouco provável que você vá encontrar na festa uma gata que deseja encontrar o grande amor da sua vida. Por isso, mesmo sendo necessário preparar o campo para o ataque, é preciso pensar e agir rápido, com convicção e segurança, elementos essenciais de uma atitude de macho alfa dominante.

Como agir para ficar com as gatas mais belas da festa

Na realidade, para ficar com a gata mais bela da festa você deve agir como em qualquer outra conquista que seja importante para você. Em uma situação dessas, mais essencial do que saber o que fazer é observar o inimigo, você deve estar atento a cada gesto dos demais homens que você perceberem que tem na gata que você quer seduzir o mesmo alvo. No entanto, isso não significa que você deve ser o primeiro a chegar nela, pois conforme o tipo de mulher que ela fizer, por mais que se sinta atraída por ele, sabe que se ceder ao primeiro, vai perder os demais admiradores.

As mulheres que são as mais gatas de uma balada costumam saber da posição em que estão e em muitas vezes é capaz de dizerem não a todos os que a abordarem apenas para sentirem o gostinho de que estão dominando a situação e podem preferir terminar a noite sozinhas. Mas mesmo sabendo disso, você não pode desanimar, apenas estar consciente dos riscos que está correndo.

Assim como a beleza da gata enfeitiça você, ela também pode se sentir atraída pelo homem mais bonito da balada. Se você foi premiado com essa característica, saiba que as suas chances tendem a dobrar, mas se esse não for o seu caso, não desanime, a beleza é apenas um atrativo e você tem muitos outros que deve desenvolver no caso de não os possuir naturalmente e que serão muito importantes para esses momentos.

Dicas para ficar com as mulheres mais lindas da balada

Depois de analisar o contexto em que você se encontra e identificar a concorrência, a dica para conquistar a gata mais linda da festa é se posicionar em um lugar favorável, em que você consiga olhar para a mulher e ser visto por ela, de preferência não muito longe e o mais perto que puder, como na mesa ao lado se possível.

Comece fazendo uso da linguagem corporal, você deve mostrar o seu interesse através do seu olhar, comece olhando para ela de forma furtiva, para saber qual é a dela, e aos poucos vai aumentando a frequência das olhadas, quando ela perceber e retornar os seus olhares, pode dar um leve sorriso com o canto da boca e veja como ela reage.

As mulheres que são as mais gatas de uma balada costumam saber da posição em que estão e são capazes de dizer “não” a todos os que a abordarem.

Se a gata não responder da mesma forma, dê um gelo e deixe de olhá-la por algum tempo, dê uma banda, não se mostre desesperado. O melhor é que você esteja com um grupo de amigos que de preferência tenha mulheres junto, podendo ser suas amigas, assim, você deve conversar com elas de forma animada, para mostrar como você é um homem articulado, animado e interessante. Depois, retome os olhares a ela e escolha o momento certo para abordá-la.

A dica é não se apressar e escolher um momento em que realmente se mostre propício para começar a sua paquera mais efetiva. Chegar na gata com uma bebida e oferecê-la, puxar uma conversa interessante e se mostrar seguro e determinado, bem babar nem nada é o rumo certo para ficar com a gata. Porém, nem sempre você vai conseguir ficar com ela nesse primeiro contato, pegar o telefone ou e-mail dela já é um bom começo. Não que você deva se contentar, mas avalie se vale à pena insistir na ficada instantânea.

Você pode se tornar irresistivelmente atraente para as mulheres, desenvolvendo suas características e atitudes alfas. Mas o que fazer para ter esse tipo de sucesso e seduzir lindas mulheres? A resposta é simples: você precisa ativar os gatilhos da atração.